

FEIRA DE CANTÃO O CENTRO DE TODAS AS OPORTUNIDADES

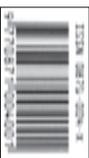
Macau

澳門



À REDESCOBERTA DA CALÇADA PORTUGUESA

Tapete de pedras com toque de feng shui
dá identidade única à cidade



CONSUMO

CAFÉ CONQUISTA CADA VEZ
MAIS AMANTES DO CHÁ



DESPORTO

TALENTO LUSÓFONO
NO MUNDO DA BOLA



太陽城集團
SUNCITY GROUP

61 澳門格蘭披治大賽車

Grande Prémio de Macau
Macau Grand Prix

13-16/11/2014



詳情請聯絡: 澳門友誼大馬路207號格蘭披治賽車大樓·澳門格蘭披治大賽車委員會

For more information please contact the Macau Grand Prix Committee

N.º 207, Av. da Amizade, Edif. do Grande Prémio, Macau

電話 Tel: (853) 87962268 傳真 Fax: (853) 28727309

網址 Website: www.macau.grandprix.gov.mo 電子郵件 Email: macaugp@cgpm.gov.mo



**DIRECTOR**

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@ges.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICACatarina Lau Pineda
CLL design**WEB DESIGN**

Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃOCláudia Aranda, Diana do Mar, Henrique Botequilha (Moçambique),
Luciana Leitão, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira,
Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel, Sandro Mendonça,
Tereza Sena e Vanessa Amaro**FOTOGRAFIA**António Silva (Moçambique), Gonçalo Lobo Pinheiro
e Paulo Cordeiro (Portugal)**FOTOGRAFIA DA CAPA**

Gonçalo Lobo Pinheiro

TRADUÇÃO

Cecília Lin

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADEAv. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO**

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

3000 exemplares

ISSN: 0871-004X**PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL**ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00www.revistamacau.comwww.facebook.com/RevistaMacau

Chui Sai On acaba de ser confirmado pelo Governo Central para um segundo mandato como Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), depois de ter sido eleito por uma Comissão Eleitoral composta por 400 membros. Apresentamos nesta edição um artigo sobre as grandes linhas que nortearão a sua acção durante os próximos cinco anos, em que as questões relacionadas com a habitação merecem um destaque especial.

Em Setembro Macau foi a sede de um importante encontro internacional, a 8.ª Reunião Ministerial do Turismo da Associação de Cooperação Económica da Ásia-Pacífico (APEC, na sigla inglesa), em que participaram ministros e representantes das 21 economias agregadas nesse fórum económico. Para se ter uma ideia, a APEC congrega países tão distantes como a Austrália, a Nova Zelândia e os Estados Unidos da América, até à Rússia, passando pela China, outros países asiáticos e países sul-americanos.

Macau ainda não é membro da APEC, mas a sua participação no evento como anfitrião e co-organizador constituiu uma oportunidade para, nas palavras do Chefe do Executivo Chui Sai On, "apresentar Macau ao mundo" e melhorar o estatuto internacional da RAEM.

De referir igualmente, no mesmo mês, o encontro em Macau da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), tema que desenvolvemos nesta edição.

Finalmente dedicamos uma atenção especial à realização em Outubro da Feira de Cantão (edição de Outono) e do Fórum do Grande Delta do Rio das Pérolas, tendo lugar este último evento também na capital da Província de Guangdong, vizinha de Macau.

Luís Ortet

- 6 **ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 12 **ELEIÇÕES PARA CHEFE DO EXECUTIVO**
Chui Sai On garante segundo mandato
- 16 **REUNIÃO MINISTERIAL DO TURISMO**
Pilar do crescimento económico para região Ásia-Pacífico
- 20 **MACAU CONSTRÓI EM MOÇAMBIQUE**
Empresa local fecha acordo com Maputo
- 24 **UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA**
Encontro para debater colaboração académica
- 28 **A MAIOR FEIRA DO MUNDO**
Empresários lusófonos a postos para a Feira de Cantão
- 34 **FÓRUM DO GRANDE DELTA**
Macau impulsiona união regional
- 36 **ANÁLISE: O LUGAR DE MACAU NO MUNDO**
O potencial de sucesso económico da RAEM
- 42 **A MODA DO CAFÉ**
Amantes do chá expandem gostos
- 50 **UNIVERSIDADE DE MACAU NA ILHA DA MONTANHA**
O novo mega-campus em fotos
- 58 **CALÇADA PORTUGUESA, EX-LÍBRIS DA CIDADE**
Quilómetros de pedra e identidade única

○ O centro de todas as oportunidades

Quase seis décadas depois da inauguração, a maior feira industrial e comercial do mundo mantém-se no topo dos números, mas também das promessas de negócio. Empresários de Macau e do mundo lusófono estão com os olhos postos na Feira de Cantão.



A hora do café ○

A forma como Macau olha para o café tem vindo a alterar-se, com o compasso acelerado de abertura de estabelecimentos que privilegiam a qualidade do que colocam no interior de uma chávena. Mesmo num recanto do ancestral império do chá, o café trilha o seu caminho na tentativa de encontrar terreno fértil para crescer.

68 HARMONIA SINO-PORTUGUESA NO CHÃO

Feng shui nas pedras da calçada

72 NEGÓCIO DA PEDRA

Empresa local quer levar calçada portuguesa para China

74 MEMÓRIAS DE UM MESTRE CALCETEIRO

O único calceteiro português de Macau

76 HOMENS E MULHERES DA PEDRA

Escola de Calceteiros de Lisboa continua a formar profissionais

80 OS DESAFIOS DO MULTILINGUISMO

Diversidade étnica impõe mudanças no ensino

86 FUTEBOL COM TALENTOS LUSÓFONOS

Jogadores estrangeiros elevam competitividade

96 ÍCONES: PALANQUIM

A cadeira preferida dos ricos e poderosos

98 A MACAU DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Colecção reeditada e melhorada

104 FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA

O programa completo

110 EXPOSIÇÕES E LIVROS

O que ver e ler

114 MEMÓRIAS: TAP SEAC

O antigo centro desportivo da cidade

Da pedra fez-se mar

Começou timidamente a conquistar o seu lugar ao sol e é hoje uma das marcas da identidade única de Macau. A calçada portuguesa ganhou proporções inesperadas e faz parte do cartão postal da cidade.



Talento lusófono atrai talento local



Dos 765 futebolistas da RAEM, 118 são estrangeiros e grande parte vem de países lusófonos. A integração de jogadores de fora serve de exemplo para os locais, elevando a qualidade do desporto em Macau.

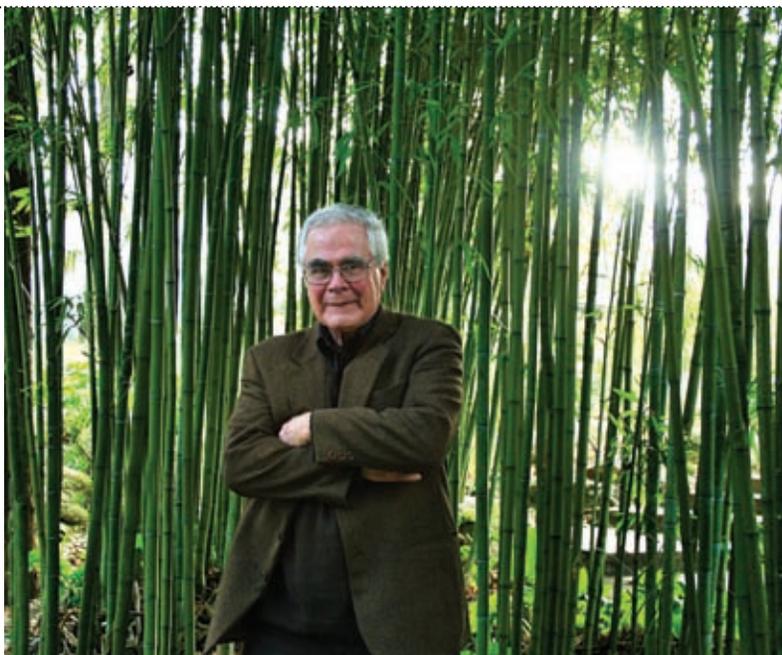
Sociedade multicultural, educação variada

O repto do ensino multilingue aumenta nas escolas com língua veicular chinesa e população estudantil estrangeira. Aqui, educadores e educandos têm que aprender a ajustar-se ao ambiente multicultural composto na maioria por filipinos, portugueses e brasileiros.



Filósofo José Gil com “Desejo e Medo de Existir”

O filósofo português José Gil passou por Macau em Setembro para uma palestra intitulada “Desejo e Medo de Existir”, organizada pelo Instituto Cultural. Durante a conversa, o académico concentrou-se na situação cultural e social contemporânea em Portugal através de múltiplas perspectivas psicológicas e fenomenológicas, indicando o que fazer para que o desejo de existir prevaleça sobre o medo de existir.



Mais de 3000 projectos amigos do ambiente financiados

O Governo de Macau já concedeu mais de 200 milhões de patacas a 3300 pedidos de apoio para a aquisição de produtos e equipamentos amigos do ambiente. O Fundo para a Protecção Ambiental e a Conservação Energética, estabelecido em Setembro de 2011, recebeu um total de 5700 candidaturas até ao final de Julho. O programa disponibiliza apoio para financiar em até 80 por cento o valor de produtos e equipamentos ecológicos.



FENÓMENO LUSÓFONO EM DEBATE

A Universidade de São José vai organizar, entre 22 e 23 de Outubro, uma conferência internacional sobre o fenómeno da Lusofonia, com especial incidência sobre a realidade de Macau. Sob o título “Entre a desmistificação e a utopia: Indagação sobre as lusofonias”, a conferência, dividida em quatro grandes painéis, vai reunir académicos oriundos de Macau, Portugal, Coreia do Sul e Estados Unidos.

PME COM APOIO FINANCEIRO PARA SITES

Desde Setembro, as Pequenas e Médias Empresas (PME) passaram a poder usufruir de apoio financeiro do Governo para construção e optimização de sites. A medida pretende auxiliar pequenos negócios a utilizarem o comércio electrónico a fim de angariarem clientes de todo o mundo, promovendo por outro lado o desenvolvimento do comércio electrónico de Macau. A verba de apoio máxima é de 14 mil patacas por empresa mais 6000 para manutenção.

Consulado de Portugal expande serviços em Hong Kong

Desde o início de Agosto, o Consulado honorário de Portugal em Hong Kong passou a prestar o serviço de emissão de cartão de cidadão e de passaporte que até agora era apenas assegurado em Macau. O serviço foi criado após a instalação de um quiosque móvel para a recolha de dados biométricos, fornecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros português.



EUA e Taiwan apostam em medicamentos locais

Duas empresas dos Estados Unidos e de Taiwan estabeleceram, em Agosto, uma *joint-venture* com uma farmacêutica local, a Fábrica de Tecnologia Medicinal Unipharm, para começar a produzir e vender medicamentos de medicina tradicional chinesa com a marca *made in Macau*. As empresas escolheram Macau devido à sua localização estratégica, que permite acompanhar três mercados (Hong Kong, China e Taiwan) para além do local, bem como pelo facto do Governo de Macau prestar grande apoio ao sector da medicina tradicional.



PLATAFORMA PARA CONECTAR MARCAS LUSÓFONAS

Está em funcionamento desde Agosto uma nova plataforma, a MUNHUB, que pretende seleccionar e promover marcas de *design* de Macau e de países lusófonos, para dinamizar uma ponte com o mercado asiático, intensificando as suas relações culturais, comerciais e económicas. Os criadores do projecto, Manuel Correia da Silva e Clara Brito, ambos *designers*, participaram já num evento em Hong Kong a promover marcas de Macau, de Angola e de Portugal, e neste mês de Outubro seguem para Taiwan para participarem no *In Bed With Designers*.



Atletas recebem formação em Portugal

Mais de 60 atletas de judo, futebol e atletismo de Macau participaram em acções de formação em Portugal durante o mês de Agosto, no âmbito de um protocolo e um memorando de entendimento na área do Desporto assinado entre Portugal e Macau. Para o próximo ano, espera-se aumentar e diversificar o número de modalidades abrangidas pelo acordo, de forma a intensificar o intercâmbio de atletas.



Intercâmbio artístico traz grandes nomes a Macau

A terceira edição do InFluxus, um projecto de intercâmbio internacional concebido pela associação local Babel, arrancou em Agosto com iniciativas em Macau, Hong Kong, Interior da China e Portugal, que visam criar oportunidades de aprendizagem nas áreas da arte contemporânea, arquitectura e ambiente para jovens talentos. A grande novidade deste ano é a vinda a Macau de curadores dos mais relevantes museus de arte contemporânea portugueses, como o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Museu da Colecção Berardo e Museu de Arte Contemporânea de Serralves. As obras realizadas pelos estudantes e artistas entre Macau e Portugal serão apresentadas em Pequim, Macau, Lisboa e no Porto durante os meses de Outubro e Novembro.

GOVERNO DOA 100 MILHÕES À VÍTIMAS DO SISMO DE YUNNAN

O Executivo de Macau decidiu enviar 100 milhões de patacas para ajudar nas operações de salvamento no âmbito do sismo na Província de Yunnan. Mais de 580 pessoas morreram no sismo de magnitude 6,1 registado em Julho no distrito de Ludian, da cidade de Zhaotong. A Cruz Vermelha de Macau também doou 300 mil yuans para ajudar nas operações de busca e salvamento, e enviou 500 'kits' de emergência para a área afectada.

Macau marca presença no Festival Fringe de Edimburgo

O grupo Point of View Art Association realizou mais de 75 apresentações num único mês, em Agosto, no Fringe Festival de Edimburgo. Esta foi a primeira vez que o grupo formado em Macau participou naquele que é considerado um dos maiores festivais de arte do mundo. *Made in Macau* foi o tema da participação da companhia no festival, que reuniu três espectáculos que cruzam as linguagens do teatro, da música e da dança.



NÚMEROS

5.º LUGAR

É A POSIÇÃO QUE MACAU OCUPA NO RANKING MUNDIAL DO TURISMO INTERNACIONAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO

8,1%

CRESCIMENTO DO PIB EM MACAU NO SEGUNDO TRIMESTRE



Director da TDM com cargo de destaque na Ásia

João Francisco Pinto, director de Informação da TDM, foi eleito para a presidência do departamento de Informação da AsiaVision, figurando como o primeiro português a ocupar esse cargo na plataforma que reúne estações de televisão da Ásia. O jornalista, há 20 anos na TDM, foi eleito para a presidência do “News Group” da AsiaVision, plataforma de cooperação de estações de televisão de toda a Ásia, do Médio Oriente ao Pacífico, idêntica à que existe na Europa (Eurovisão), formada há três décadas e que reúne actualmente 30 membros.

TDM E RTP REFORÇAM COOPERAÇÃO

A Rádio Televisão Portuguesa (RTP) e a Teledifusão de Macau (TDM) assinaram um novo protocolo de colaboração que reforça a troca de conteúdos entre as estações televisivas. O protocolo que une as duas companhias não era renovado desde 1993 e inclui agora a partilha de programas informativos provenientes da CCTV, que são tratados e traduzidos pela TDM. Há também outros conteúdos próprios da TDM que poderão vir ser partilhados, à semelhança do que aconteceu recentemente com a série sobre a gastronomia macaense *Ui di Sabroso*.

MOÇAMBIQUE INAUGURA CONSULADO-GERAL

Moçambique vai abrir, nos próximos meses, um consulado-geral em Macau, como forma de estreitar relações de cooperação e empresariais. O consulado em Macau será a terceira representação consular do universo lusófono com instalações permanentes na RAEM, onde já estão instalados os consulados gerais de Portugal e de Angola.

158.234

NÚMERO DE TRABALHADORES NÃO RESIDENTES, O QUE CORRESPONDE A 40% DA POPULAÇÃO ACTIVA

MOP 96.828

PREÇO MÉDIO DO METRO QUADRADO DA HABITAÇÃO EM MACAU

MOP 52 MILHÕES

FOI QUANTO O GOVERNO INVESTIU EM 2013 EM ACÇÕES DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

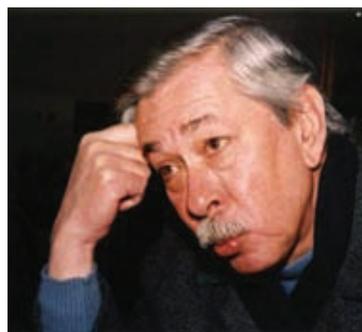


Coro do Vaticano actua em Macau

O coro da Capela Sistina, capela situada no Palácio Apostólico, residência oficial do papa, cantou pela primeira vez em Macau, a 19 de Setembro. O coro, tradicionalmente composto por cerca de 20 adultos e 30 crianças, já esteve em diversas regiões do mundo, incluindo em Moscovo no início do ano.

IDENTIDADE MACAENSE EM DEBATE EM COIMBRA

A Associação dos Embaixadores do Património de Macau esteve presente em Coimbra na 20.ª edição da Conferência Internacional da Associação Europeia de Estudos Chineses, evento onde teve a oportunidade de desenvolver temas ligados à identidade macaense e multiculturalidade. Durante a visita a Portugal, em Julho, os 12 membros da comitiva levaram ainda uma colecção de imagens que compuseram uma exposição fotográfica dos festivais e celebrações do território e inauguraram uma feira do livro sobre o 15.º aniversário da RAEM.



Siza Vieira com agenda cheia na China

A primeira obra de Álvaro Siza Vieira na China – um edifício de escritórios de 10 mil metros quadrados, desenhado em parceria com Carlos Castanheira – foi inaugurada a 30 de Agosto na Província de Jiangsu, no leste do país. Além do projecto arquitectónico, o mobiliário, os candeeiros e os tapetes do edifício foram também desenhados em Portugal. De seguida, o arquitecto seguiu para Macau, onde participou numa exposição na galeria MacPro, com fotografias das suas obras mais expressivas. Em Macau, Siza Vieira vai também liderar a recuperação do edifício do Hotel Sun Sun, na zona do Porto Interior.

Morreu Luís Demée, artista plástico de Macau

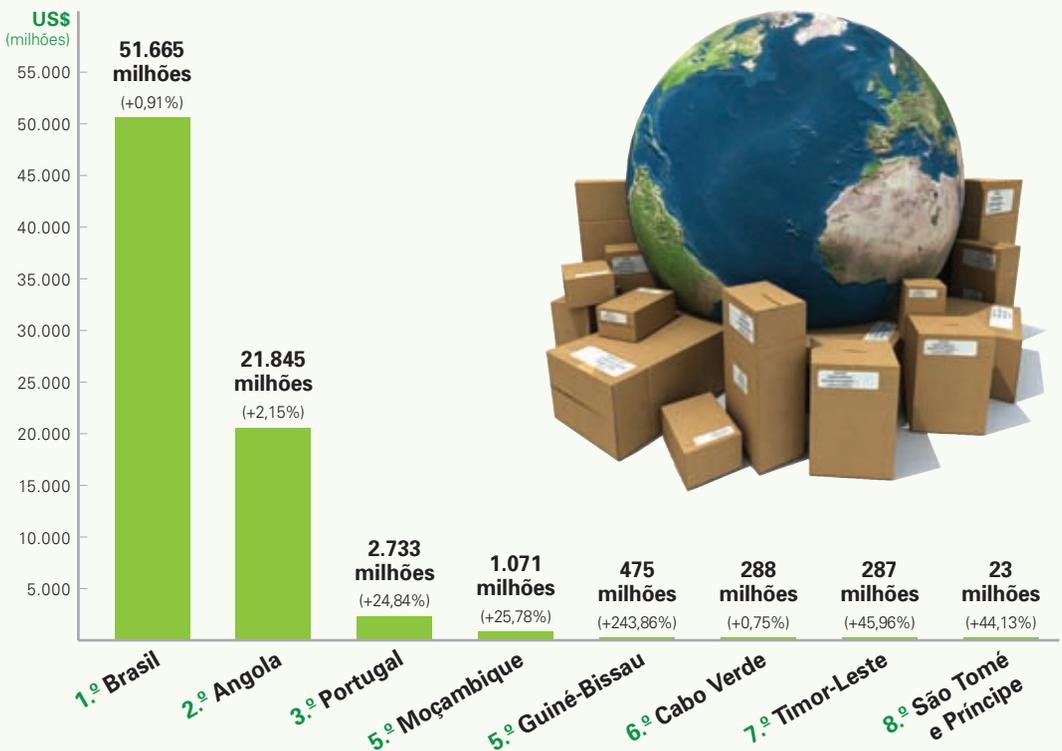
Faleceu em Julho Luís Demée, pintor e professor nascido em Macau que estava radicado em Portugal. Foi discípulo do seu mestre e amigo George Smirnoff, arquitecto e pintor de origem russa, em meados dos anos 1940, tendo realizado a sua primeira exposição individual em 1951. Licenciada em Belas Artes, recebeu uma bolsa de estudos da Federação de Paris de Críticos de Arte e foi distinguido com o Prémio Nacional de Pintura Amadeo de Souza Cardoso, em Portugal. Recebeu ainda a Medalha de Valor da Secretaria de Estado de Cultura, a Medalha de Macau e a Medalha de Ouro do Cidadão (Emérito) do Governo de Macau.



COMÉRCIO ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DA CHINA EM 2014



Fonte: Estatísticas dos Serviços da Alfândega da China



ELEIÇÕES CHEFE DO EXECUTIVO

Um tecto nas prioridades

A habitação figura como “a prioridade das prioridades” de Chui Sai On, eleito para um segundo e último mandato como Chefe do Executivo de Macau. A 20 de Dezembro, toma posse um novo Governo, cujo elenco se espera remodelado apesar de fechada a porta a um aumento do número de secretários

T DIANA DO MAR

É A habitação que abre o caderno de encargos desenhado por Chui Sai On, reconduzido, a 31 de agosto, como Chefe do Executivo, não fosse esse um dos problemas que mais preocupa a população de Macau. A promessa de mais habitação pública, sobretudo nos terrenos a conquistar ao mar, sai renovada no programa político para os próximos cinco anos que prevê,

em paralelo, o lançamento de medidas para que a oferta no mercado imobiliário privado também seja alargada.

A par da meta já definida de reajuste do plano da zona A dos novos aterros para que sejam disponibilizados 32 mil apartamentos, incluindo 28 mil de habitação pública – os quais se esperam parcialmente construídos antes de 2020 –, há a intenção de rever os planos das restantes zonas a pensar no desenvolvimento



GCS

a longo prazo da habitação pública. Neste âmbito, e prometendo “empenho” em aumentar a reserva dos terrenos, Chui Sai On pretende realizar um levantamento exaustivo dos recursos prediais para determinar quais os lotes disponíveis e adequados à habitação pública. No quadro da “prioridade das prioridades”, a orientação vai também no sentido de fomentar o reordenamento dos bairros antigos e de redefinir o próprio sistema de habitação pública, incluindo na equação novos modelos, embora não especificados.

Já no que diz respeito ao mercado imobiliário privado, advoga a utilização de “meios administrativos eficazes para estimular o desenvolvimento de obras por parte dos proprietários, no sentido de aumentar a oferta de fracções”. Está também em cima da mesa uma potencial reforma dos procedimentos para a aprovação de projectos de construção, a fim de acelerar, de forma ordenada, o seu ritmo, e “de modo a acompanhar o desenvolvimento económico e social”.

Já perante um eventual cenário de “agitação anormal” do mercado imobiliário de Macau, apenas ficou renovada a garantia de que o

Governo irá procurar tomar, “em tempo oportuno, as medidas necessárias para a controlar adequadamente”.

Jogo em jogo

Incontornável no programa político, por imposição do próprio calendário, é a renovação das licenças de jogo. “Em 2015 e 2016, o Governo irá rever a execução dos contratos de concessão para a exploração de jogos de fortuna ou azar. Iremos analisar e compilar não só apenas os bons resultados obtidos desde a liberalização da indústria, mas também as questões e as deficiências existentes”, lê-se no programa eleitoral.

O principal motor da economia de Macau está, aliás, em destaque em várias frentes. “Exploraremos todas as opções e planearemos o seu *blueprint* de médio e longo prazo no sentido de construir um centro mundial de turismo e lazer”, disse, preconizando uma maior oferta de oportunidades de formação académica sobretudo destinada aos trabalhadores locais da indústria do jogo e de outras conexas, cuja certificação profissional também manifestou vontade de promover.

Chui Sai On também quer mais das operadoras de jogo, defendendo que devem assumir maiores responsabilidades sociais e em relação ao alojamento e transporte dos trabalhadores não residentes. Ainda no quadro do reajuste e controlo do ritmo de desenvolvimento da indústria do jogo e fitando a construção de um centro mundial de turismo e lazer – “alvo principal do futuro desenvolvimento de Macau” – surge o anúncio de que será criada uma comissão para o efeito. Esse novo núcleo, a que irá presidir, ficará incumbido de planear a estratégia geral de desenvolvimento, definir planos a médio e longo prazo e de delinear medidas específicas para que a almejada meta seja uma realidade “o mais brevemente possível”.

Umbilicalmente ligada ao centro mundial de turismo e lazer, que Macau aspira transformar-se, está a diversificação económica. Neste capítulo, o programa eleitoral prescreve o apoio a marcas e produtos *made in Macau*, facultado designadamente através de um mecanismo que lhes confira preferência nas adjudicações públicas e nas aquisições de bens pelas operadoras de jogo.

Por outro lado, ao considerar ser responsabilidade do Governo apoiar as pequenas e médias empresas – as quais representam cerca de 90 por cento do tecido empresarial –, Chui Sai On assegurou que ser-lhes-ão reservados mais espaços urbanos para que possam crescer. Em paralelo, vai ser estudada a criação de um fundo de manutenção dos edifícios industriais e um sistema de seguro de crédito para importação e exportação, bem como para o trânsito de mercadorias, a fim de reduzir o risco inerente aos negócios.

Do ponto de vista macroeconómico, a política vai no sentido de acompanhar “uma tendência capital na arena internacional”: a criação de fundos de investimento e/ou desenvolvimento.

380 EM 400

Chui Sai On, foi eleito, a 31 de Agosto, Chefe do Executivo, com 380 votos dos 396 expressos pelos membros do colégio eleitoral. Além de quatro ausências, registaram-se 13 votos em branco e três nulos. Em 2009, quando foi escolhido pela primeira vez – também sem adversários na corrida e após dez anos à frente da ‘super-secretaria’ dos Assuntos Sociais e Cultura – granjeou 282 dos 296 votos expressos de um universo de 300, tantos quantos eram então os membros do colégio eleitoral.

A par de um fundo desse tipo, com o objectivo de “utilizar, de forma segura e eficaz, as reservas financeiras acumuladas ao longo dos anos”, vai ser também analisada a viabilidade de um mecanismo de alocação de excedentes financeiros a longo prazo dentro de determinada percentagem e em função das necessidades reais.

A concretização, de forma completa, do salário mínimo e a manutenção da directriz que interdita a contratação de trabalhadores não residentes para a função de *croupier* são, igualmente, elencadas nos pontos-chave do programa sob o ‘slogan’ “Aspirações Comuns para o Futuro e Partilha da Prosperidade”, o qual reserva espaço ao reforço do papel de Macau como “ponte” entre a China e os países lusófonos e da cooperação regional, sobretudo sob o chapéu do Acordo-Quadro com Guangdong.

Solidariedade social

A melhoria da qualidade de vida também continua no topo das prioridades. Além da renovação dos compromissos de maior apoio designada-

GCS



mente aos grupos mais carenciados, Chui Sai On avançou a possibilidade de avançar com um mecanismo de financiamento que estabeleça a ‘acoplagem’ entre o Fundo de Segurança Social e os saldos dos exercícios orçamentais. O propósito? Assegurar o “funcionamento sustentável” do mesmo, atendendo inclusivamente à conclusão do Regime de Segurança Social a dois níveis.

Dado que o novo hospital público também deverá conhecer a luz do dia durante o seu mandato, a proposta de criação de uma base de formação específica de médicos e enfermeiros e organizações de investigação médica, por via da cooperação regional, ganha relevo no programa eleitoral que contempla também a realização de um censo sobre o estado de saúde da população.

Na educação, os holofotes voltam-se para a formação de elites, com programas de incentivo para quadros qualificados e especializados mas também para técnico-profissionais, e para a aposta sobretudo “em áreas essenciais à diversificação económica”, com Chui Sai On a asseverar que irá empenhar-se em conceber “uma geração de jovens independentes, competitivos e criativos” para a RAEM.

Reformar para governar

‘Carimbada’ de prioritária foi também a prometida reforma da Administração Pública, a qual poderá, aliás, arrancar já em Janeiro. Como exemplificou, essa simplificação da estrutura administrativa poderá incluir uma eventual mudança da pasta da Turismo da ‘super-secretaria’ dos Assuntos Sociais para a da Economia e Finanças.

Optimizar e reduzir procedimentos administrativos desnecessários e alargar a reestruturação e simplificação dos órgãos de consulta são outros dos pontos-chave para uma “melhor governação” em que saem renovadas, entre outras, as intenções de concretizar o regime de responsabilidade, o sistema de avaliação do desempenho dos dirigentes e de rever o regime das carreiras dos trabalhadores da Administração Pública, cujo sistema de selecção, progressão e aumento salarial em função da categoria também se pretende que seja alvo de estudo.

Já o sistema político aparece sem potenciais reformas no horizonte de Chui Sai On que ‘fecha’ o seu programa para os próximos cinco anos com a promessa de “promover paulatinamente o desenvolvimento da política democrática” de acordo com a Lei Básica. ■



REUNIÃO MINISTERIAL DO TURISMO

Rumo aos 800 milhões de visitantes em 2025

A 8.ª Reunião Ministerial do Turismo da Cooperação Económica da Ásia-Pacífico, que decorreu em Macau, de 8 a 14 de Setembro, reuniu as 21 economias membros da Ásia-Pacífico e delegados de organizações internacionais de turismo. A facilitação das viagens, a inovação tecnológica na gestão e o desenvolvimento de destinos de turismo sustentável com baixas emissões de carbono são alguns dos princípios da Declaração de Macau adoptada no certame

T SANDRA LOBO PIMENTEL

MINISTROS E representantes de 21 economias da Associação de Cooperação Económica da Ásia-Pacífico (APEC) reuniram-se na RAEM para discutir o futuro da indústria na região. Da reunião resultou a adopção da Declaração de Macau que apontou a meta de 800 milhões de turistas até 2025 e vai ser apresentada em Pequim, em Novembro, por ocasião do Fórum de Cooperação Ásia-Pacífico daquela organização.

A 8.ª Reunião Ministerial de Turismo da APEC decorreu entre 8 e 14 de Setembro no Macau Dome e juntou 152 participantes, incluindo ministros de turismo ou representantes dos membros da Ásia-Pacífico e delegados de organizações internacionais de turismo.

O objectivo traçado na Declaração de Macau é mais do dobro dos números actuais, já que as economias membros da APEC receberam 355 milhões de turistas internacionais em 2013, segundo dados do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTCC, na sigla inglesa).

Na abertura da 8.ª Reunião Ministerial de Turismo, o vice-primeiro-ministro da China, Wang Yang, sublinhou que “ao removermos as barreiras e melhorarmos a integração do mercado de turismo da Ásia-Pacífico, a APEC pode atingir o novo objectivo de 800 milhões de turistas até 2025”.

Já o director da Administração Nacional de Turismo, Shao Qiwei, referiu a meta do número de visitantes e elencou os oito princípios da Declaração de Macau, recordan-



do que refere a facilitação das viagens, a inovação tecnológica na gestão e o desenvolvimento de destinos de turismo sustentável com baixas emissões de carbono.

A melhoria dos mecanismos de coordenação do turismo, conectividade e promoção do desenvolvimento integrado do sector com outras indústrias foram também mencionadas num encontro em que a facilitação do movimento de turistas na região da Ásia-Pacífico foi apontada como prioridade.

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, salientou a oportunidade da co-organização da 8.ª Reunião Ministerial do Turismo da APEC para mostrar a região como uma “plataforma de rede ideal” e, ao mesmo tempo, “apresentar Macau ao mundo”. “Com isso, não só podemos melhorar o estatuto e influência internacional de Macau, mas também promover o desenvolvimento da nossa cidade enquanto centro mundial de turismo e lazer”, frisou.

China preparada para cooperação

Shao Qiwei destacou a região da Ásia-Pacífico como o mercado de turismo que mais cresce a nível mundial, sublinhando o dinamismo da China enquanto mercado emissor. “Estimamos que 101 milhões de turistas chineses viajem este ano para fora do país”, afirmou.

“Os membros da APEC pretendem trabalhar na melhoria dos processos de vistos e encurtar o tempo de espera para os passageiros nos aeroportos, para ajudar a impulsionar o crescimento da indústria do turismo. Ao melhorar o processamento de vistos, a APEC



CHAVE PODE ESTAR NAS LIGAÇÕES AÉREAS

O estabelecimento de um plano para aproximar os países da Ásia-Pacífico, através de melhores ligações aéreas, é uma das grandes prioridades do grupo de trabalho do turismo da APEC. Javier Guillermo Molina, representante do Turismo do México e membro da Unidade para a Cooperação Internacional, destacou, entre os projectos mais importantes, a “conexão, através de voos, da região da Ásia-Pacífico” e o desenvolvimento de “aeroportos mais amigos do passageiro”. “Temos muito a fazer no que toca a ligar a região. Hoje fiz uma viagem de 14 horas dos Estados Unidos para Hong Kong. Ligar uma região tão grande coloca muitos desafios”, sublinhou.

tem a ganhar até 57 milhões de chegadas de turistas internacionais adicionais em 2016 e estima-se que 2,6 milhões novos postos de trabalho”, referiu a organização do evento.

A ministra do Turismo e das Indústrias Criativas da Indonésia, Mari Elka Pangestu, citou aos jornalistas um estudo realizado no ano passado, salientando que “os movimentos de pessoas e mercadorias podem ser melhorados, seja

através da cooperação nos vistos ou através da aprendizagem das melhores práticas, incluindo o uso de tecnologias para simplificar os procedimentos” e a partilha de dados no âmbito do bloco.

Já o director executivo do secretariado do bloco, Alan Esmond Bollard, destacou como “muito revigorante a discussão sobre as fontes de crescimento nos sectores do turismo em todas as econo-

mias da região – e muitas delas estão a crescer muito rápido”.

Já Shao Qiwei afirmou que a China está pronta para trabalhar com as outras economias da Ásia-Pacífico para acelerar a integração, cooperação e desenvolvimento do turismo na região. “Hoje estamos perante um novo ponto de partida histórico. A China está pronta a trabalhar com as outras economias da APEC para acelerar

a integração do turismo e conectividade, facilitando a convergência da indústria, promovendo o uso da tecnologia no turismo e o desenvolvimento sustentado, com vista a um novo futuro da cooperação e desenvolvimento da região Ásia-Pacífico”.

O responsável sublinhou que “a região da Ásia Pacífico tornou-se um importante motor da recuperação económica” e que “a APEC é um veículo

significativo para o desenvolvimento regional e global”.

Dados oficiais citados pela agência noticiosa Xinhua revelam que o número de turistas estrangeiros que visitam a China aumentou 76 vezes nas últimas três décadas. Em 2013, a China atingiu 55,69 milhões de visitantes estrangeiros. Por outro lado, cerca de 100 milhões de turistas chineses viajaram para o exterior no ano passado, e 3,2 milhões visitaram atracções turísticas dentro do país.

Entre os 18 maiores mercados emissores de turistas da China, 12 são economias membros da APEC, as quais contribuíram com 70 por cento dos turistas estrangeiros que visitaram a China em 2013. “Hoje, a região da Ásia-Pacífico é o maior mercado do mundo da aviação e destino internacional, e o mercado turístico emissor que mais cresce e que tem maior potencial”, afirmou Shao Qiwei.

“Enquanto membro da família APEC, a China implementou reformas e promoveu a abertura durante mais de 30 anos”, acrescentou o director, frisando que o turismo se tornou um indicador da melhoria das condições de vida do povo chinês, bem como um pilar estratégico da economia chinesa.

Sobre Macau, destacou “a beleza” e “as vantagens da posição geográfica” da cidade. “A Administração Nacional de Turismo da China está totalmente comprometida em apoiar Macau a desenvolver o turismo de uma forma global e a expandir as trocas de turismo e cooperação com o resto do mundo, de modo a que Macau possa tornar-se um centro internacional de turismo e lazer o mais rápido possível”, adiantou. ■

GCS



MACAU É “BOM EXEMPLO” DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO

Presente no início das reuniões, o filipino Rolando Cañizal, fez elogios a Macau, apontando a RAEM como “um bom exemplo de como o turismo se pode desenvolver, equilibrando questões ambientais e património, ao mesmo tempo que garante que os diferentes produtos que os turistas precisam estão disponíveis, num espaço muito limitado”. O representante do Turismo das Filipinas reconheceu que em Macau é possível observar “congestionamento em algumas áreas”, mas acredita que o problema pode ser solucionado apostando num “turismo mais integrado”. “Não apenas focando numa área mas desenvolvendo o potencial de outras áreas também”, afirma. Confrontado com a falta de espaço num território com cerca de 30 quilómetros quadrados e um fluxo anual de 30 milhões de turistas, Cañizal defendeu que “há sempre soluções para problemas geográficos, criando as infra-estruturas certas”.

澳門

Macao

理想的會議展覽舉辦地
THE IDEAL MICE DESTINATION

- 世界旅遊休閒中心、國際級會展設施
A World Tourism and Leisure Centre Equipped with World-class Convention and Exhibition facilities
- 位處大珠三角地區，地理位置優越
Advantageous location in the Greater Pearl River Delta region
- 政府提供鼓勵會展優惠政策
The Government provides preferential policies to encourage the development of the convention and exhibition industry
- 貿易投資促進局提供會展競投及支援“一站式”服務
IPIM provides “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

會展競投及支援“一站式”服務

“One-Stop Service” for

MICE Bidding and Support in Macao

服務內容 ◆ SERVICE FIELDS

招攬、引進會展活動在澳門舉辦	◆ Attract and introduce convention and exhibition projects to Macao
協助競投會展項目	◆ Assist in bidding for convention and exhibition projects
“一站式”會展資訊	◆ “One-stop” Convention and exhibition updates
委派專人協助跟進落實澳門舉辦會展項目	◆ Designated staff to provide follow-up service and assist in organising events in Macao
協助申請會展活動激勵計劃	◆ Assist in the application for the Convention and Exhibition Stimulation Programme
協助於本局參與之活動 (澳門境內外) 進行宣傳推廣	◆ Provide publicity and promotion opportunities in local and overseas events participated by IPIM
協調與本澳相關政府部門聯繫	◆ Co-ordinate and liaise with Macao government departments
協助在澳成立公司開展會展項目	◆ Assist Macao Companies to develop MICE projects
提供會展合作配對服務，協助尋找合作伙伴	◆ Provide MICE cooperation matching service in search for potential partners



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

聯絡資料 / Contact Information:

地址：澳門友誼大馬路918號世貿中心一至四樓

Address: Av. Amizade, No. 918, Edif. World Trade Centre, 4 andar, Macau

網址 Website: www.ipim.gov.mo / 電郵 E-mail: mice-onestop@ipim.gov.mo

電話 Tel: (853) 2871 0300 / 傳真 Fax: (853) 2859 0309 / 2872 6777

網址 Website: www.ipim.gov.mo

辦公時間 / Office Hours:

上午 Morning:

09:00 – 13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)

下午 Afternoon:

14:30 – 17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)

14:30 – 17:30 (星期五 / Friday)



Paz em Moçambique inspira negócios em português

Os países de língua portuguesa representam já cerca de um quinto das trocas comerciais da China com África. O X Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa realizado em Maputo, em Agosto, vem reforçar ainda mais a ideia: a relação sino-lusófona está, mais do que nunca, de boa saúde

T HENRIQUE BOTEQUILHA **F** ANTÓNIO SILVA
EM MOÇAMBIQUE

QUANDO AS delegações chinesas e de sete países de língua portuguesa começaram a afluír ao Centro de Conferências Joaquim Chissano, em Maputo, no mesmo local e no mesmo dia 24 de agosto, o Governo moçambicano e

o principal partido de oposição selaram um acordo de paz, para encerrar uma crise de confrontações militares que se arrastava há um ano e meio.

A maioria dos recém-chegados para o X Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa ignorava que, num



plácido domingo e naquele centro de conferências, Moçambique estava a virar uma página histórica, ao fim de uma complexa e longa negociação política que contribuirá para quaisquer outras que se realizem no futuro no país africano, e, por coincidência de calendário, logo a partir do dia seguinte.

“Em guerra a economia não cresce, em paz a economia floresce”, observou o vice-primeiro-ministro português, Paulo Portas, que a, 25 de agosto, esteve presente na inauguração da 50.^a edição da Feira Internacional de Maputo (Facim), nos arredores da capital moçambicana, em paralelo com o início da agenda dos representantes da China e dos países de língua portuguesa em Maputo.

Segundo dados da organização do encontro, cerca de 400 participantes de agências de investimento, câmaras de comércio, associações industriais e empresas da China, Portugal, Brasil, Timor-Leste e todos os países africanos de língua portuguesa (à excepção de São Tomé e Príncipe) realizaram 500 contactos em bolsas de negócios, incluindo aqueles que decorreram na maior feira empresarial de Moçambique e onde se fizeram representar 2000 empresas e instituições moçambicanas e 700 estrangeiras.

Investimento de Macau

Os números traduzem “o pulsar económico” moçambicano, segundo João Macaringue, presidente do Instituto para a Promoção das Exportações de Moçambique (IPEX), entidade organizadora da Facim e também anfitrião do encontro de empresários chineses e lusófonos, num país que, apesar das ameaças sombrias da guerra, insiste em crescer continuamente acima dos sete por cento e com perspectivas de grandes investimentos, inspirados pela descoberta de reservas imensas de recursos naturais.

A escala dos números encontra eco também nos memorandos alcançados no final das rondas de contactos empresariais e institucionais, a 26 de agosto, no âmbito do encontro empresarial, com o anúncio de um projecto de 50 mil habitações sociais em quatro províncias moçambicanas, no âmbito de um acordo entre o Fundo de Fomento de Habitação de Moçambique e a empresa Charlestrong Engenharia, Tecnologia e Consultoria, de Macau, num investimento de 5,5 mil milhões de dólares.



CERCA DE 400 PARTICIPANTES DE AGÊNCIAS DE INVESTIMENTO, CÂMARAS DE COMÉRCIO, ASSOCIAÇÕES INDUSTRIAIS E EMPRESAS DA CHINA, PORTUGAL, BRASIL, TIMOR-LESTE E TODOS OS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA REALIZARAM 500 CONTACTOS EM BOLSAS DE NEGÓCIOS



Os mesmos parceiros concordaram também construir 240 apartamentos na segunda fase da Vila Olímpica de Maputo, com um custo de 30 milhões de dólares, naquele que foi o segundo entendimento anunciado na reunião de Maputo, a que se somou uma carta de intenção para investimentos na indústria de processamento de caju moçambicana.

Plataforma a dar frutos

O presidente do instituto para a Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), uma das entidades promotoras do evento, a par do IPEX e do Conselho Promotor do Comércio Internacional da China (CPCIC), adiantou que, desde o seu início em 2007, esta plataforma já reuniu mais de 3000 empresários e 2600 rondas de contactos nas áreas de infraestruturas, serviços financeiros e imobiliários, energia, turismo, comércio e produtos alimentares e agrícolas.

Jackson Chang disse também que um dos caminhos para o reforço das relações deste espa-

ço empresarial é justamente o da alimentação e que os empresários de língua portuguesa vão ser convidados a apresentar os seus produtos em Macau.

“Em Outubro, vamos realizar um encontro, no qual pretendemos atrair exportadores dos países de língua portuguesa, sobretudo na área alimentar. Através desta plataforma, os empresários vão poder expandir os seus negócios e procurar oportunidades no mercado da China”, destacou.

Segundo Jackson Chang, “este encontro empresarial serve exactamente para procurar um maior equilíbrio nas relações entre a China e os países de língua portuguesa”, atendendo à estrutura das relações comerciais dentro deste espaço, com Pequim a apresentar um saldo desfavorável de 43,5 mil milhões de dólares em 2013, num volume total de trocas acima dos 131 mil milhões.

Apresentando um balanço das relações económicas de Pequim com os países de língua portuguesa, o secretário-geral do Fórum Macau, Chang Hexi, disse que, no primeiro semestre de 2014, as trocas comerciais foram superiores a 64 mil milhões de dólares, estimando que estes valores possam aumentar, atendendo aos acordos assinados pelos governos dos países-membros do Fórum durante a 4.ª reunião ministerial da plataforma, decorrida em Macau, em Novembro de 2013.



Soluções conjuntas

Para facilitar essa ligação, Portugal ofereceu-se como intermediário, disponibilizando a sua experiência em mercados africanos, sobre-



UM ACORDO FIRMADO COM O FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO DE MOÇAMBIQUE, VAI POSSIBILITAR À EMPRESA CHARLESTRONG ENGENHARIA DE MACAU A CONSTRUÇÃO DE 50 MIL HABITAÇÕES SOCIAIS EM QUATRO PROVÍNCIAS MOÇAMBICANAS, NUM INVESTIMENTO DE 5,5 MIL MILHÕES DE DÓLARES

tudo nas economias de elevado crescimento e ricas em recursos naturais, como Angola e Moçambique.

“Infelizmente Portugal não tem recursos naturais, mas tem empresas com conhecimentos para explorar essas reservas”, lembrou Pedro Ortigão Correia, vice-presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), considerando que se trata de “um casamento perfeito” com a China e também com as firmas dos países africanos, que precisam de apoio para estabelecer parcerias.

Durante a Facim, o vice-primeiro-ministro português enfatizou que “Portugal é um país muito interessado no Fórum Macau”, lembrando o fundo de mil milhões de dólares, lançado em Junho de 2013 para financiar projectos empresariais no espaço lusófono, e que, segundo Paulo Portas, pode “direccionar do ponto de vista da construção e do progresso os mercados lusófonos”.

O Banco de Desenvolvimento da China informou em Maputo que o Fundo de Desenvolvimento para a Cooperação recebeu 50 candidaturas, cuja viabilidade está a ser analisada, com

incidência no agronegócio, turismo, transportes, comunicações e indústria.

Além do incentivo à interacção entre a China e a Lusofonia e do financiamento de projectos, este espaço deve também favorecer o “empenho dos países na busca conjunta de soluções para a melhoria do ambiente de negócios”, defendeu o primeiro-ministro moçambicano, Alberto Vaquina, que, na abertura da reunião de Maputo, propôs ainda uma “reflexão sobre o modelo de gestão das economias”, com uma preocupação dirigida para os efeitos da recente crise financeira global.

A realização deste encontro de empresários decorre de um acordo celebrado em 2003 pelos ministros do comércio da China e de todos os países de língua portuguesa no âmbito do Fórum Macau. O Fórum foi criado pela China como plataforma de ligação aos países de língua portuguesa, devido ao seu desenvolvimento e à sua distribuição por quatro continentes, com grandes reservas naturais não exploradas e que, no seu conjunto, representam um mercado de consumo de mais de 200 milhões de pessoas.

A próxima reunião de empresários chineses e lusófonos decorrerá na Guiné-Bissau. - **Especial Lusa/ MACAU** ■

Macau na placa giratória da língua

O XXIV Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) fez convergir em Macau mais de 200 académicos que, entre 17 e 19 de Setembro, se debruçaram sobre a difusão das línguas portuguesa e chinesa nos domínios do ensino e do turismo. Além da presidência até 2017, nas mãos de Macau ficou também o poder de impulsionar, com uma injeção de capital, programas de mobilidade de alunos e professores

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE

“**SE QUERES** ir depressa, vai sozinho; se queres ir longe, vai acompanhado.” O provérbio africano foi invocado por Jorge Ferrão, reitor da Universidade Lúrio (Moçambique) e presidente cessante da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) na abertura, mas poderia sintetizar um conjunto de intervenções na hora do encerramento. Mais de duas centenas de académicos dos quatro cantos do mundo participaram, ao longo de três dias, num debate em torno da importância da difusão das línguas portuguesa e chi-

“**TANTO A LÍNGUA PORTUGUESA COMO A CHINESA EXERCEM UM FORTE IMPACTO NAS ECONOMIAS A VÁRIOS NÍVEIS, NOMEADAMENTE NA DINAMIZAÇÃO DAS TROCAS COMERCIAIS, NA PROMOÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO EMPRESARIAL, NO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS, NO INTERCÂMBIO DE IDEIAS E NO FLUXO DE PESSOAS”**

JORGE FERRÃO, REITOR DA UNIVERSIDADE LÚRIO (MOÇAMBIQUE)

nesa para a colaboração académica e promoção do turismo.

Definida como “incontornável plataforma” no diálogo entre o Oriente e o Ocidente e nas relações entre a China e os países lusófonos, Macau foi palco, pela quinta vez, do encontro anual da AULP, mas não foi apenas como anfitriã que esteve sob os holofotes. Logo no arranque, foi referenciada pelo importante contributo que pode dar para alavancar, estruturar e alargar programas de mobilidade no seio do universo lusófono. Como? Através de uma almofada financeira na ordem dos 300 mil euros. Apesar de já ter sido feito no início do ano, o pedido de financiamento – endereçado à Fundação Macau – foi abordado durante a reunião do Conselho de Administração da AULP, o primeiro ponto da agenda do encontro, inaugurado no campus da Universidade de Macau na Ilha da Montanha.

“Criámos uma espécie de ‘Erasmus’ que funciona com estudantes que vêm do Brasil para as universidades africanas e das universidades africanas para o Brasil, mas queremos que todos os membros possam beneficiar”, pelo que “parte deste financiamento ajudaria a estruturar este programa de mobilidade para todos”, explicou o presidente da AULP. O apoio seria “uma injeção importantíssima” e constituiria uma “base para começar”, disse, sublinhando, porém, que tal não invalida que se continue à procura de financiamento junto das universidades que são, afinal de contas, “sujeitos activos” nesse processo.

Além de reforçar o que existe ao nível do programa de mobilidade da AULP (PIAPEE) – de intercâmbio de alunos brasileiros com África e Portugal, em funcionamento há três anos, com



GONÇALO LOBO PINHEIRO

dial”, não figura como o principal financiador: “A CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, entidade brasileira equivalente à Fundação da Ciência e Tecnologia de Portugal] fez um investimento de quatro milhões de dólares que é, de longe, superior ao da Fundação Macau. Mas não é a importância dos valores, é a importância do gesto.”

Macau aos comandos até 2017

Com ou sem financiamento, Macau vai jogar outro papel no xadrez da AULP. Após a apresentação de uma lista única de consenso, a Universidade de Macau (UM) foi eleita, por unanimidade, para a presidência, tornando-se na primeira instituição de Macau a liderar a AULP. Já na vice-presidência ficou a Universidade Lúrio (Moçambique), Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), Universidade de Coimbra (Portugal) e Universidade Mandume Ya Ndemufayo (Angola).

No triénio 2014-2017, continuar-se-á a dar prioridade à organização dos encontros anuais, afirmou o vice-reitor da UM Rui Martins, que vai exercer a presidência da AULP (em representação do reitor Wei Zhao), indicando que ficou decidido que o próximo vai ter como palco a Cidade da Praia (Cabo Verde), realizando-se entre os dias 15 e 17 de Julho de 2015.

Do rol de objectivos, Rui Martins elencou nomeadamente o reforço da relação entre os diversos países de língua portuguesa, numa altura em que se assiste a um aumento exponencial do número de universidades. “Só em Angola e Mo-

52 projectos envolvendo 600 pessoas –, o financiamento pedido à Fundação Macau permitiria ir mais longe: “Queríamos poder fazer o triângulo, envolver também Macau, Timor-Leste e criar um pacote diferente”.

Depois de há uns anos a Fundação Macau ter entrado com uma verba equivalente a 200 mil dólares para a parte administrativa da AULP, possibilitando, entre outros, que continuasse a produzir as suas actas, revistas especializadas e a oferecer o Prémio Fernão Mendes Pinto (que distingue a melhor tese de doutoramento no espaço de língua portuguesa), desta feita, o apoio visa a vertente académica. “É necessário que entendam que a nossa associação não vive de administração, mas de projectos académicos”, sublinhou Jorge Ferrão.

Apesar de a Fundação Macau ter provado ser, ao longo dos últimos anos, “um parceiro primor-



GONÇALO LOBO PINHEIRO



çambique são cerca de 100 universidades: 72 em Angola e cerca de 30 em Moçambique. Há todo um espaço de grande apetência pelo ensino superior, e de investigação, e nós vamos contribuir o melhor que pudermos para essa contínua integração”, afirmou, apontando que a AULP pretende dar “especial atenção à ligação às universidades em Timor-Leste e na Guiné-Bissau”. “Há todo um diferente nível de desenvolvimento nos diferentes países que vamos procurar estimular”, especificou, enaltecendo a recente criação de uma universidade em São Tomé e Príncipe, onde apenas existia um instituto politécnico.

Rui Martins expressou também a vontade de uma maior interligação com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): “A AULP é mais antiga do que a CPLP e essa também é uma das áreas que estamos a tentar dinamizar, mas é um plano para o futuro”.

Parceria de Inovação

Já em processo de plena dinamização no seio da AULP está a ideia de criar uma Parceria de Inovação para a Valorização dos Recursos Naturais dos Países de Língua Portuguesa. Mais de uma dezena de instituições, incluindo a UM e a própria AULP, subscreveram o projecto de memorando de entendimento para o efeito que deverá ser brevemente firmado.

“Considerando o manancial de plantas endémicas e medicinais existentes nos países

de língua portuguesa, ainda inexploradas”, pretende-se criar uma Parceria de Inovação e, à semelhança das Parcerias de Inovação Europeias, “dinamizar a cooperação interdisciplinar e a criação de consórcios para candidaturas a projectos internacionais em áreas de interesse”, nomeadamente a Saúde e a Nutrição.

A criação de um portal interactivo, para a troca de informação e identificação das necessidades com vista a melhorar a valorização económica e social dos recursos naturais, figura como o primeiro passo. Os principais contornos

“ O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR TEM SIDO FUNDAMENTAL PARA O INTERCÂMBIO DE ESTUDANTES PORTUGUESES E CHINESES: PARA DAR A CONHECER A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO E PARA DAR A CONHECER O MANDARIM AOS PORTUGUESES”

NUNO CRATO, MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DE PORTUGAL



“ À MÉDIO E LONGO PRAZO, MOTIVADOS PELA PERSPECTIVA PROMISSORA NOS MERCADOS DE TRABALHO, HAVERÁ MAIOR PROCURA PELOS ESTUDANTES CHINESES E ESTRANGEIROS DE ESTUDAR A LÍNGUA PORTUGUESA E OUTRAS ÁREAS EM LÍNGUA PORTUGUESA NOS MEMBROS DA AULP”

WEI DAN, DIRECTORA DO INSTITUTO PARA ESTUDOS JURÍDICOS AVANÇADOS DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE MACAU

da Parceria de Inovação foram apresentados numa mesa redonda no último dia do Encontro da AULP por Amélia Pilar Rauter, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde ficará sedeado o ‘website’, em português e em inglês, dado que a iniciativa foi ali concebida.

Introduzida há um ano num encontro da AULP em Belo Horizonte, no Brasil, numa “primeira pesquisa do interesse”, o tema voltou a ser abordado, posteriormente, em Portugal, mas decidiu-se esperar pelo encontro em Macau para chegar a “um público-alvo muito mais abrangente”. Contudo, a assinatura do memo-

rando acabou por ser adiada, depois de reitores de universidades, designadamente do Brasil e de São Tomé e Príncipe, terem também manifestado vontade de aderir, durante a mesa redonda, ‘engrossando’ a lista de instituições signatárias.

A parceria, que não prevê compromissos financeiros, vai antes, segundo Amélia Pilar Rauter, “responsabilizar todas as instituições a trabalharem para arranjar o financiamento dos projectos através dos meios europeus, internacionais, nacionais, ou regionais”. Afinal, como realçou Jorge Ferrão na abertura do encontro da AULP, “ninguém sobe a nenhuma árvore com as mãos nos bolsos”. ■



NEGÓCIOS **M**

FEIRA DE CANTÃO

O centro de todas as oportunidades

T NUNO G. PEREIRA





Quase seis décadas depois da inauguração, a maior feira industrial e comercial do mundo mantém-se no topo dos números, mas também das promessas de negócio. É que com a China a assumir um papel fulcral à escala planetária, o poder de atracção deste certame é cada vez maior. Jackson Chang, presidente do IPIM, garante que os empresários de Macau têm sabido aproveitar o seu potencial

HÁ POUCAS feiras de produtos e serviços que se possam gabar de incluir um leque tão abrangente de marcas participantes que nada parece faltar. De tal forma que quem lá vai até pode ficar algo desorientado com tanta oferta, num carrossel infinito de *stands*. Nenhuma, contudo, se aproxima da envergadura gigantesca da Feira de Cantão. Um colosso na criação de negócios dentro da China, mas, desde sempre e cada vez mais, um objectivo para as companhias internacionais de olho neste lado do globo. A 116.^a edição da feira realiza-se entre 15 de Outubro e 4 de Novembro, trazendo outra dinâmica ao ares outonais. As empresas de Macau conhecem bem o seu potencial, aproveitando ainda uma vantagem acrescida: a geografia, já que a cidade de Cantão fica perto da RAEM.

Jackson Chang, presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), é claro na avaliação que faz sobre o que tem sido a presença dos homens de negócios locais. “Os empresários de Macau têm atingido bons resultados na



Jackson Chang, presidente do IPIM, fala de bons resultados na Feira de Cantão

Feira de Cantão, uma plataforma eficaz para mostrarem e promoverem os seus produtos, assim como criarem mais oportunidades de negócio.”

A evolução das participações tem contado com o apoio directo do IPIM, que desde 2007, quando o Pavilhão Internacional foi estabelecido, organiza delegações com empresas de Macau para estarem na feira. “Através dessa participação, esperamos que as empresas de Macau aproveitem a dimensão do certame para promover os seus produtos e serviços no Interior da China, mas também nos mercados estrangeiros.” Os

principais produtos/serviços que as empresas de Macau negociam na feira são alimentos e bebidas (e também a chamada *health food*, comida saudável), energia solar e iluminação com eficiência energética, café em grão e louças sanitárias. Igualmente importantes são as áreas de medicina tradicional chinesa, produtos farmacêuticos, impressão e consumíveis.

O IPIM assume-se como um dos principais braços do Governo para apoiar os empreendedores locais. “Além de organizarmos as delegações de empresas de Macau, também temos um *stand* na Feira de Cantão, para promover Macau enquanto espaço de grande oportunidade para negócios. Por outro lado, durante a Feira Internacional de Macau disponibilizamos uma opção de viagem para que os participantes possam visitar a Feira de Cantão, chamada *One Trip, Multi-Stop*. E os empresários que fizeram visitas neste contexto, ligados a vários sectores, têm-nos dado um *feedback* em geral positivo.”

A cooperação entre Macau e a Província de Guangdong, aliás, tem crescido bastante nos últimos anos, graças a vários acordos e parcerias, que beneficiam depois os negócios das empresas das duas regiões. Jackson Chang lembra ainda que o IPIM “organiza com regularidade visitas de outras delegações empresariais a feiras e exposições na província vizinha, como por exemplo à Feira de Alta Tecnologia da China, em Shenzhen”.

Ligação lusófona

O reforço das relações económicas entre Guangdong e a RAEM traz também potenciais benefícios para os países de língua



NÚMEROS ESMAGADORES

O COMPLEXO IMPOR EXPOR DA CHINA É O MAIOR CENTRO DE EXPOSIÇÕES DA ÁSIA, SITUADO NA ILHA DE PAZHOU, EM CANTÃO. É ESTE O PALCO DA FEIRA, COM DIMENSÕES IMPRESSIONANTES.

ÁREA TOTAL
DE CONSTRUÇÃO
1.100.000 M²

ÁREA INTERIOR
PARA EXPOSIÇÕES
338.000 M²

ÁREA EXTERIOR
PARA EXPOSIÇÕES
43.600 M²

AS ESTATÍSTICAS RELATIVAS À EDIÇÃO ANTERIOR DA FEIRA, A 115.^a, PERMITEM COMPREENDER MELHOR A IMPORTÂNCIA DESTA CERTAME. AQUI FICAM ALGUNS EXEMPLOS:

STANDS
59.708

EMPRESAS EXPOSITOAS
24.581

COMPRADORES ESTRANGEIROS
188.119

VOLUME DE NEGÓCIOS
(SEM CONTAR COM PAVILHÃO
INTERNACIONAL)
**31.051 MIL MILHÕES
DE DÓLARES**



HISTÓRIA DE SEIS DÉCADAS

A Feira de Import Export da China realiza-se duas vezes por ano na cidade de Cantão, uma na Primavera, outra no Outono. Tal acontece desde 1957, ano da sua criação. É considerada a mais importante feira industrial e comercial do globo, sendo organizada em conjunto pelo Ministério do Comércio da República Popular da China e pelo Governo Popular da Província de Guangdong. A feira ocupa o primeiro lugar mundial em termos de escala para uma única exposição.

portuguesa, graças ao papel de Macau como plataforma privilegiada para ligá-los à China. No que diz respeito à Feira de Cantão, porém, a participação da esfera lusófona já acontece há algum tempo. Tem crescido com a presença consistente de Portugal e, mais timidamente, de Angola. Neste capítulo a força maior é o Brasil, cujo agarrar das oportunidades de

negócio proporcionadas pelo certame tem sido intenso. “A feira contou com a presença de cerca de 6000 empresários brasileiros nos últimos anos, segundo números da própria organização”, salienta José Vicente Lessa, cônsul-geral do Brasil em Cantão. “O evento permite também estabelecer contactos com compradores e exportadores de terceiros

países, mediante seminários *match making*.”

As empresas brasileiras têm sabido aproveitar a Feira de Cantão, mas exactamente quanto? “É difícil fazer uma avaliação acurada do grau de aproveitamento da feira. Contudo, a julgar pela evolução recente da balança comercial bilateral, acredita-se que tem tido uma papel significativo. O comércio bilateral evoluiu de 6,68 mil milhões de dólares em 2003 para mais de 80 mil milhões em 2013.”

Apesar da participação significativa dos empresários brasileiros na feira, o cônsul acredita ser possível fazer melhor. “A Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Captação de Investimentos tem realizado um óptimo trabalho no apoio à participação brasileira. Os aspectos a



A Feira de Cantão está organizada em 16 pavilhões num total de 338 mil metros quadrados para expositores

serem melhorados dizem respeito a um maior empenho do empresariado brasileiro, por meio das suas diversas associações, no sentido de dotar a presença brasileira na feira de maior impacto e visibilidade.”

Vantagens para todos

Quanto às nações de língua portuguesa com menor poderio económico, como Timor-Leste e alguns países africanos, a Feira de Cantão tem sido pouco aproveitada. Malam Camará, delegado da Guiné-Bissau no Fórum Macau, espera que isso seja rapidamente alterado. “A Feira de Cantão oferece um mundo de oportunidades. Dou alguns exemplos, entre vários possíveis: para um empresário guineense comprar uma unidade de fabrico de gelo, de duas a quatro toneladas, na Europa, custaria pelo menos 10 mil a 15 mil euros, enquanto aqui encontra-as a um terço desse valor; uma unidade de produção de blocos para construção (semi-automático com capacidade de 10 mil blocos por dia) custa na Europa um mínimo de 20 mil euros, aqui é menos de metade, dependendo dos moldes desejados. Nos serviços, um contentor para transportar cargas, tipo computadores, de Portugal para a Guiné-Bissau, sai entre 2000 a 3000 euros por contentor de 20 pés. Se vier da China, uma distância bem maior, fica ligeiramente mais barato. Resumindo, a participação dos empresários da Guiné-Bissau na Feira de Cantão traz-lhes muitas vantagens, permitindo que os seus investimentos possam render mais.”

Malam Camará não se limita a falar de um desejo, pois trabalha para que se concret-

CALENDÁRIO DE ACTIVIDADES

A 116.ª Feira de Cantão divide-se em três fases, cada uma dedicada a um grupo específico de produtos e serviços. As actividades decorrem sempre entre as 9h30 e as 18h00.

FASE 1 15 a 19 de Outubro

- Electrónica e electrodomésticos
- Iluminação
- Veículos e peças
- Maquinaria
- Ferramentas e equipamentos pesados
- Recursos energéticos
- Produtos químicos
- Materiais de construção

Pavilhão internacional

- Electrónica e electrodomésticos
- Maquinaria
- Materiais de construção
- Ferramentas e equipamentos pesados

FASE 2 23 a 27 de Outubro

- Bens de consumo
- Decoração de interiores
- Brindes e presentes

FASE 3 31 de Outubro a 4 de Novembro

- Consumíveis de escritório
- Malas
- Produtos de recreio
- Alimentos e bebidas
- Medicamentos, aparelhos médicos e produtos de saúde
- Têxteis
- Sapatos

Pavilhão internacional

- Alimentos e bebidas
- Decoração de interiores
- Têxteis

ize. “São poucas as informações sobre a feira que chegam aos empresários guineenses. Uma das minhas tarefas é levar-lhes esse conhecimento, sobre esta e outras feiras, direccionando-os para virem participar. Estamos a trab-

alhar num plano sobre as oportunidades de negócio da China, onde a Feira de Cantão está incluída. Queremos que seja uma actividade anual de ‘participação obrigatória’ dos empresários da Guiné-Bissau, tal como outras feiras.” ■

COOPERAÇÃO ECONÓMICA

Força delta

O Grande Delta do Rio das Pérolas é responsável por mais de um terço da economia da China. Com o Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento de todos os elementos que o compõem, procura-se uma união onde a soma seja maior do que as partes. Macau tem sido um impulsionador activo da iniciativa, cujo 10.º encontro decorre em Outubro



T NUNO G. PEREIRA

DURANTE O seu discurso no último Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas (FGD), o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, sublinhou que o aprofundamento da cooperação regional do Delta do Rio das Pérolas tem um papel activo na diversificação da economia de Macau e no aumento contínuo da qualidade de vida da população. O Chefe do Executivo da RAEM disse também

que o empenho entre as províncias e regiões do FGD garante o avanço firme da sua cooperação.

Tal cooperação conhece este mês um novo capítulo: a décima edição do FGD e a Feira para a Cooperação Económica e Comercial, realizados a 13 e 14 de Outubro, em Cantão, com organização da província anfitriã em conjunto com Macau e Hong Kong. Antes, porém, iniciaram-se as actividades preliminares, com um encontro na RAEM, a 26 de Maio. Esta primeira fase do X Fórum foi composta por vários painéis de discussão, seminários de contactos comerciais e actividades comemorativas do décimo aniversário do FGD.

O painel de debate sobre o ambiente económico dos países de língua portuguesa esteve em destaque, contando com a presença do secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam. Os serviços relativos ao comércio e negócio das províncias e regiões do Grande Delta discutiram as suas perspectivas de cooperação, assim como o reforço do aproveitamento das vantagens regionais nas relações com os países de língua portuguesa. Neste contexto, Macau, um dos membros do grupo 9+2 de províncias e regiões, deve desempenhar activamente o papel de plataforma de cooperação económica e comercial entre as regiões do Grande Delta e os países de língua portuguesa. O aproveitamento de oportunidades do Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais do Interior da China e Macau (CEPA, na sigla inglesa) e a expansão conjunta com as empresas do Interior da China para os mercados da lusofonia foram também temas em debate.

Um dos intervenientes na discussão foi Chang Hexi, secretário-geral do Fórum Macau, que identificou o sector da construção e infra-estruturas como o mais desejado para a cooperação económica pelos países da lusofonia, em particular Brasil e Timor-Leste. A segunda área de interesse é a agricultura, crucial em vários países de língua portuguesa, alguns com grande capacidade de produção. No caso de Portugal, o maior interesse está no sector energético e de biodiesel.

O Governo de Macau criou uma comissão organizadora, outra preparatória e ainda sete grupos de trabalho para dar andamento à preparação do décimo FGD. A segunda fase do encontro inclui cerimónia de abertura, exposição dos dez anos, sessão com altos respon-



泛珠三角區域旅遊合作磋商會
Pan-Pearl River Delta Regional Tourism Cooperation Meeting
26/6/2014, 澳門 MACAU



sáveis, cimeira de líderes e seminários de promoção de projectos.

Plataforma online

O presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) foi um dos participantes de relevo nas actividades preliminares do próximo FGD. Realçou que Macau tem, também neste contexto, a oportunidade de fortalecer o seu papel de plataforma de colaboração entre a China e os países de língua portuguesa, assim como melhorar a sua própria diversificação económica.

Para Jackson Chang, é evidente que o Governo da RAEM tem atribuído grande importância ao FGD. Prova disso é o mecanismo de colaboração de longo prazo com as províncias e regiões do Grande Delta estabelecido nas áreas de comércio, investimento, turismo, cultura e indústria, que Macau, garante, tem sabido aproveitar ao máximo.

Sobre a 10ª edição do FGD, adiantou que teve como novidade uma plataforma de venda online dos produtos das cidades, regiões e países envolvidos. Serve ainda para que países lusófonos e interessados da China e de Macau possam conversar e estabelecer parcerias, além da promoção das vendas. A ideia é que a plataforma funcione não apenas nesta edição do FGD, mas que se torne um instrumento permanente. ■

MAIS PRÓXIMOS, MAIS FORTES

Após a assinatura do Protocolo do Quadro de Cooperação da Região do Pan-Delta do Rio das Pérolas, em 3 de Junho de 2004, em Cantão, iniciou-se oficialmente a cooperação regional. O Pan-Delta do Rio das Pérolas compreende nove províncias nas áreas oriental, central e ocidental da China - Guangdong, Fujian, Jiangxi, Hunan, Guangxi, Hainan, Sichuan, Guizhou (região autónoma), Yunnan - e duas regiões administrativas especiais, Macau e Hong Kong. Representa 20 por cento do total da área da China e um terço da população. A região do Pan-Delta (mesmo excluindo Hong Kong e Macau) contribui com mais de 35 por cento para o total da economia da República Popular da China. Ao longo dos anos, tem desenvolvido um intercâmbio económico que beneficia das características especiais dos membros. O Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Pan-Delta do Rio das Pérolas e a Feira para a Cooperação Económica e Comercial são eventos organizados anualmente. Já se realizaram oito edições (de 2004 a 2012, com excepção de 2008). O primeiro fórum decorreu em Hong Kong, Macau e Cantão, em Junho de 2004, sob o tema "Desenvolvimento conjunto para a criação do futuro".

Análise



MACAU

ZONA SOCIAL ESPECIAL?



T SANDRO MENDONÇA*

MACAU É um contexto. É um lugar onde património e tradições antigas têm assentamento, mas é também um pólo híbrido que materializa instantes de cruzamento entre correntes de pessoas e actividades diversas. É tangível e intangível. É todo este enraizamento de história e esta circulação da contemporaneidade. Profundidade antiga e horizontes modernos. Como gerir, então, contextos que na sua essência mais pura são assim tão genuinamente mistos?

* Professor de Economia, ISCTE Business School – Instituto Universitário de Lisboa. Lecciona em programas doutorais ministrados em universidades do Interior da China

A GESTÃO TERRITORIAL COMO POLÍTICA DE CUIDADO E DELICADEZA

Pensarmos o território como uma galeria de arte é, talvez, uma comparação apropriada. O sucesso de uma galeria depende primeiramente da localização. O lugar fixado é um activo crítico e insubstituivelmente fundador. Mas esse dado geográfico é apenas o ponto de partida; a cada dia que passa as sortes dependem menos do que aconteceu e mais da condução dos eventos que se vão sucedendo. E, assim, tal como no caso de um estabelecimento de cultura e negócio também a gestão de um território depende de um hábil e sensível talento na curadoria cuidada dos seus recursos físicos bem como na programação de eventos imateriais para gerar actividades que se projectem no futuro.

Este é, portanto, um primeiro ponto: a gestão de um território assemelha-se à orquestração de energias através de um pólo que, por sua vez,

as dinamiza e as reorienta. Esta noção entende a estratégia territorial como um exercício de “política pública delicada”. Ou seja, o conceito de “economia delicada” é uma abordagem que assume que a pequena escala física não tem de ser entendida como uma limitação. Admite-se ainda, nesta concepção, que a quantidade terá de dar a vez a uma preferência pela qualidade. Entende-se, também, que a eficiência não deve ser inimiga da eficácia e que o cálculo não deve interferir com a aprendizagem.

DIFERENCIAÇÃO DINÂMICA COMO ESTRATÉGIA-BASE DOS PEQUENOS TERRITÓRIOS

Assim, por um lado, a pequena escala poder ser uma característica herdada. Mas, por outro, pode impor pela positiva um movimento orientado para a “qualidade dinâmica”. O sistema territorial é um nexos de características e o



HÁ PLATAFORMAS ÚNICAS NA ADEQUAÇÃO AOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI. CERTAMENTE MACAU TEM INGREDIENTES QUE LHE DÃO UM ELEVADO POTENCIAL DE SUCESSO

MACAU SEMPRE FOI UMA “ZONA SOCIAL ESPECIAL”, UMA ÁREA DE TOLERÂNCIA E DE MISTURA, DE ABERTURA À NOVIDADE E DE PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO

que conta é o progresso dessas características: tanto das que já existem e como no desdobramento de outras. Isto é, mais qualidade (muitas vezes definida como “diferenciação vertical”) e novas qualidades (muitas vezes denominada como “diferenciação horizontal”). Numa palavra: inovação.

O mundo é finito. Assim, portanto, um território pequeno apresenta já desafios que grandes países de dimensão continental podem querer observar como laboratórios de experimentação. Claro, a China já o fez: foi a ideia das “zonas económicas especiais”. Na sequência da bem conhecida política de reforma e abertura foi permitido, dentro das fronteiras chinesas, que se estabelecessem novos perímetros para áreas estratégicas. Delimitações claras protegiam inicialmente espaços sensíveis em optimização e troca. No entanto, e desde estas bolsas experimentalistas, o resto da China começou a absorver as práticas de processamento produtivo e de competitividade exportadora que, mais tarde, vieram a abalar o mundo. De pequenos pontos de apoio começou-se a ganhar velocidade.

O MUNDO EMERGENTE DAS MEGA-CIDADES

Depois do arranque comercial e tecnológico de Shenzhen, Xiamen, Shantou e Zhuhai muitos outros centros emergiram e se expandiram. Esses pólos puxam hoje províncias inteiras e grandes áreas geográficas. E, sem dúvida, a economia de um país é tanto mais dinâmica quanto mais aglomerações urbanas em crescimento tiver. A verdadeira macroeconomia é mais um fenómeno orgânico que mecânico. E a economia mundial prepara-se para se estruturar sobretudo como rede de cidades-território/cidades-região.

A consultora McKinsey, na última actualização do estudo “Global Cities of the Future”, contabilizou

que as 100 maiores cidades do planeta geram 36 por cento do PIB mundial e as 600 maiores uns portentosos 60 por cento. As maiores cidades em termos de contributo económico são urbes como Nova Iorque, Tóquio, Londres, Chicago ou Paris. Mas num horizonte de uma década, em 2025, as cidades mais influentes serão menos norte-americanas e europeias. Até esse ano 136 novas cidades deverão ascender ao clube e destronar outras tantas no top 600, todas elas de países emergentes; e a maior parte destas (100!) será da China. Perante este cenário a revista de relações internacionais *Foreign Policy* refere que os Estados Unidos serão afastados do pódio e que a Europa ficará praticamente eclipsada.



QUE MARGEM PARA OS MICRO-TERRITÓRIOS?

Há plataformas únicas na adequação aos desafios do século XXI. Certamente Macau tem ingredientes que lhe dão um elevado potencial de sucesso. No entanto, é possível definir o que se entende por “sucesso” de muitas maneiras, e umas são mais importantes e outras mais sustentáveis.

O que tem, então, Macau de tão especial no presente momento do processo de globalização? E como é que isso importa? E como é que os princípios de estratégia podem ajudar a navegar um conjunto de circunstâncias difíceis?

Por exemplo, o que pensar destes três desafios? Primeiro, Macau é o segundo território do mundo (a seguir ao Mónaco) em termos de densidade rodoviária, ou seja, quilómetros de alcatrão sobre área total: como deve este facto ser contemplado? Segundo, se um simples lojista quiser hoje montar o seu próprio negócio depara-se muitas vezes com uma renda de cerca de 250 mil patacas: como pode ser isso suportável? Terceiro, o influxo de turistas nunca esteve tanto em alta: porém, como são distribuídos os custos e benefícios desta tendência pelos acto-

res-chave e pela população em geral? Solucionar o quebra-cabeças como um todo certamente implica um refrescar de perspectiva.

UMA ESTRATÉGIA DE DUPLA DIFERENCIAÇÃO

Macau sempre foi uma “zona social especial”, uma área de tolerância e de mistura, de abertura à novidade e de preservação da tradição. Por um lado, é a longamente trabalhada profundidade da sua identidade que lhe confere “diferenciação vertical” numa arena global de mega-cidades competindo entre si e procurando superar-se a si mesmas pela sua modernidade – isto é, pela sua aproximação face ao mesmo idealizado padrão de referência. Por outro lado, é a diversidade e multiculturalidade de Macau que lhe confere “diferenciação horizontal” numa fase de globalização em que as referências culturais e simbólicas se vão homogeneizando – isto é, perdendo as suas características originais. Como “cacho crítico” de actividades uma cidade-plataforma é um todo que impõe de uma abordagem integrada (porque é rico em história e variedade) e dinâmica (porque é evolutivo e emergente).

O Presidente Xi Jinping exortou Macau a seguir um modelo de desenvolvimento “consistente” e “harmonioso”. É possível que a “consistência” seja garantida pela curadoria da sua “diferenciação vertical”, enquanto a “harmonia” seja alimentada pelo respeito da sua “diferenciação horizontal”. A combinação prudente e integrada destes dois modos complementares de desenvolvimento pode ser uma fórmula de sustentabilidade para o ecossistema delicado mas resiliente que é Macau.

MACAU ATRAVÉS DA ÁGUA, O SEU ELEMENTO

Por outras palavras, Macau ganha ao ser uma justaposição fluida de ambientes simultâneos. Decisões quanto ao aparente (sobre-)dimensionamento da rede rodoviária que seja também reorientada para “eco-mobilidade”, sobre a necessidade de uma quo-



MAIORES CIDADES MUNDIAIS EM 2025

1. Xangai, China
2. Pequim, China
3. Tianjin, China
4. São Paulo, Brasil
5. Cantão, China
6. Shenzhen, China
7. Nova Iorque, EUA
8. Chongqing, China
9. Moscovo, Rússia
10. Tóquio, Japão

Fonte: Consultora McKinsey e revista *Foreign Policy*

ta mínima de rendas “frugais” que permita não asfixiar o empreendedorismo, e sobre “capacidade social de carga” do território perante o influxo turístico devem reflectir estratégias claras e visões sustentáveis de diferenciação territorial.

A rocha da história é certa e concreta.

Os ventos da mudança sempre contraditórios e caprichosos.

Porém, entre os dois estados da matéria – isto é, o sólido e o gasoso – e entre o permanecer e o passar (isto é, continuar e mudar), as virtudes da resiliência estão hoje na capacidade líquida de inovar, ou seja, na capacidade de vencer os obstáculos abraçando-os. Como diria Lao Tsé, a água é um meio suave que desgasta a rocha e tonifica a atmosfera. ■

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



ONDE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

CENTRO DE PROMOÇÃO E INFORMAÇÃO
TURÍSTICA DE MACAU EM PORTUGAL
Direção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, 115 – R/C
1069-204 Lisboa
Tel.: (+351) 217 936 542

DELEGAÇÃO ECONÓMICA
E COMERCIAL DE MACAU
Av. 5 de Outubro, 115 – 4.º andar
1069-204 Lisboa

FUNDAÇÃO ORIENTE
Centro de Doc. António Alçada Baptista
Avenida Brasília, Doca de Alcântara (Norte)
1350-352 Lisboa

FUNDAÇÃO CASA DE MACAU
Praça do Príncipe Real, n.º25 - 1.º
1250-184 Lisboa

CASA DE MACAU EM PORTUGAL
Av. Almirante Gago Coutinho, n.º142
1700-033 Lisboa

CHINA

EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM XANGAI
16-C, Cristal Century Tower
567, Weihai Road
200 041 Shanghai

EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM PEQUIM
8, Dong Wu Jie - San Li Tu
Chaoyang District
Beijing 100600

BRASIL

CASA DE MACAU DE S. PAULO
Rua Mário Martins de Almeida 234,
Jd. Santa Helena
04772-135
São Paulo, SP

BÉLGICA
MACAO ECONOMIC AND TRADE
OFFICE TO THE EU
Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles

MACAU

LIVRARIA PORTUGUESA
Rua de S. Domingos, 18-22
Tel.: (+853) 2855 6442

LIVRARIA SÃO PAULO
Travessa do Bispo, 11
Tel.: (+853) 2832 3957

PLAZA CULTURAL
Av. Conselheiro Ferreira
de Almeida, 32

CAFÉ CARAVELA
Pátio do Comandante
Mata e Oliveira, 29

PIZZA & COMPANHIA
Av. Ouvidor Arriaga, 79

JADE GARDEN
MAGAZINES STALL
Av. Da Praia Grande, S/N



**SE DESEJA FAZER UMA ASSINATURA ANUAL
DA REVISTA MACAU, PREENCHA O CUPÃO E
ENVIE-O POR CORREIO, FAX OU E-MAIL PARA:**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E
Ed. First International
14.º andar – 1404
Macau

contacto@revistamacau.com
Tel.: (+853) 2832 3660
Fax: (+853) 2832 3601

Nome: _____

Morada: _____

Telefone: _____ E-mail: _____



PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

Angola	AOA 3.390,00	Moçambique	MZM 1.075,00
Brasil	BRL 78,00	Portugal	EUR 25,00
Cabo Verde	CVE 2.4760,00	S. Tomé e Príncipe	STD 607.000,00
Guiné-Bissau	XOF 16.400	Timor-Leste	USD 35,00
Macau	MOP 200	Resto do mundo	USD 40,00

* Sem portes de correio



A hora do café

T DIANA DO MAR F GONÇALO LOBO PINHEIRO

A forma como Macau olha para o café tem vindo a alterar-se, com o compasso acelerado de abertura de estabelecimentos que privilegiam a qualidade do que colocam no interior de uma chávena. A crescente procura confirma que, mesmo num recanto do ancestral império do chá, o café trilha o seu caminho na tentativa de encontrar terreno fértil para crescer

OS PONTEIROS marcam cinco horas no relógio de parede de um café de Macau, localizado a centenas de metros do rebuliço do coração da cidade. A reduzida dimensão do espaço, com sentido estético, fez com que um grupo de uma dezena de amigos logo preenchesse as escassas mesas e cadeiras disponíveis. O cenário reproduz-se como um eco em meia dúzia de estabelecimentos, onde quem lá entra só procura – e, muitas vezes, apenas encontra – um produto: café.

É assim no “Philo”. De portas abertas somente desde Fevereiro nasceu da “paixão” do seu jovem proprietário pelo café, aguçada com um *part-time* durante os tempos



“APERCEBEMO-NOS DE QUE NÃO HAVIA ESTE TIPO DE ESPAÇOS INCIDINDO NO FENÓMENO DO *SPECIALITY COFFEE* E ACHÁMOS QUE SERIA INTERESSANTE MOSTRAR O CONHECIMENTO, A ARTE, O PROFISSIONALISMO E A QUALIDADE QUE ESTÃO POR DETRÁS DO CAFÉ”

KEITH FONG, PROPRIETÁRIO DO “SINGLE ORIGIN”

de estudante universitário. “Enquanto estava a estudar Psicologia na universidade trabalhava como barista, mas gostei tanto da experiência que pensei que podia abrir o meu próprio negócio”, conta Austin Cheong, de 25 anos, que optou por se lançar à

aventura mesmo antes de terminar a licenciatura.

Pelas portas de correr do “Philos” passa uma média de 50 clientes por dia, na sua maioria jovens como Austin Cheong, atraídos pelo fenómeno do *speciality coffee*, com cada vez mais apreciadores





em Macau. “Há clientes que querem provar novos sabores e combinações, mas muitos procuram aqueles que já lhes são mais familiares”, explica o jovem, que bebe sete a oito cafés por dia, sem contar com as “provas” que faz sempre que tira um.

Apesar de constatar um crescente interesse, Austin Cheong defende que, de certo modo, “as pessoas de Macau ainda estão mais focadas nas sobremesas e/ou noutros produtos além do café, o que faz com muitos estabelecimentos optem por manter outro tipo de oferta”, como doces ou sandes, ao contrário da ‘filosofia’ do “Philos”, pelo que, defende, afigura-se “necessária uma maior promoção do café de origem e de qualidade únicas”.

Foi precisamente com esse objectivo em mente que Keith Fong, também natural de Macau, abriu o “Single Origin”, em Janeiro do ano passado: “Apercebemo-nos de que não

havia este tipo de espaços incidindo no fenómeno do *speciality coffee* e achámos que seria interessante mostrar o conhecimento, a arte, o profissionalismo e a qualidade que está por detrás do café”.

Embora tenha cada vez mais clientela, Keith Fong diz

UM CURSO DE BARISTA COM UMA DURAÇÃO DE 20 HORAS PODE CUSTAR ENTRE 7000 E 8000 PATACAS, DEPENDENDO DA COMPONENTE PRÁTICA. EM MÉDIA, POR ANO, EXISTE UMA CENTENA DE INTERESSADOS, SEGUNDO O MESMO RESPONSÁVEL

que não se pode propriamente dizer que o “Single Origin” está já totalmente orientado para o lucro: “Acreditamos que mais pessoas vão aderir e queremos fazer com que este tipo de café se torne cada vez mais popular, permitindo mudar a atitude”, sublinha o jovem, para quem “existe ainda uma percepção muito forte sobre o café”, nomeadamente assente no “tradicional amargo”.

Variedade de grãos

O “Single Origin” salta à vista numa esquina pelo moderno *design* interior, onde quatro funcionários são chamados a operar diversas máquinas, incluindo as de *pour over*, expostas no balcão do exíguo espaço. Sob a chancela da “Bloom Coffee House”, ali também se comercializam pequenos sacos com grãos de café. As combinações das mais variadas origens, que lhe conferem naturalmente distintos aromas e sabores, são diversas.

“Um café pode ser algo de realmente único”, realça Keith Fong, que inaugurou, no início do ano, outro espaço. Embora o “Communal Table” também tenha a sua “assinatura”, o conceito é “um pouco diferente” do “Single Origin”, conforme explica a sua assistente Joyce Vong. “O principal foco é o café, mas também temos uma selecção de sandes e de outros refrescos, sem esquecer o chá”, explica. O café não deixa, contudo, de ser o “especial”, porque o princípio continua a ser o de “partilhar algo diferente com a comunidade”. “O núcleo do negócio é o café e fazemos um esforço para nos mantermos actualizados, trabalhando na qualidade do produto”, realça Joyce Vong. Os funcionários, à semelhança dos do “Single Origin”, fizeram um curso para se tornarem especialistas na preparação de café e de bebidas à base de café, complementando a formação que recebem dia-a-dia *in loco*.

“A origem do café que servimos é vasta: vai de África (sobretudo Etiópia e Quénia) à América do Sul. Importamos os grãos verdes e depois temos uma unidade de torrefacção em parceria com uma empresa local. A oferta pode depender da época do ano ou do fornecedor e também temos uma marca da casa, havendo um



em que juntamos dois tipos distintos de grãos”, especifica Joyce Vong.

Já o “Terra”, que funciona desde Julho de 2012, é fruto da parceria de dois jovens locais, confessos “apaixonados” por café, que decidiram colocar

à prova as suas capacidades como independentes atrás de um balcão após experiências anteriores em cadeias como o Pacific Coffee e Starbucks. “Aprendemos a componente da gestão e da técnica e depois inscrevemo-nos em dois

“ OS ALUNOS DEMONSTRAM MUITA PAIXÃO EM APRENDER O PADRÃO, A PARTE CIENTÍFICA QUE ENVOLVE AS DIFERENTES FASES DO PROCESSO ATÉ O CAFÉ CHEGAR À MESA. MOSTRAM MUITO INTERESSE E ACHAM EXTRAORDINÁRIO O SABOR. ÁFINAL, ALGUNS ESTÃO HABITUADOS A BEBER CAFÉ DE LOJAS DE CONVENIÊNCIA”

JEREMY SOUDERS, CONSULTOR DE CAFÉ



cursos da 'Bloom Coffee House' acreditados pela SCAE (*Speciality Coffee Association of Europe*), conta Kenny, 31 anos, enquanto Ron, 27, prepara a "La Cimbali" para servir mais um cliente acabado de chegar.

"O café que queremos promover é especial, de elevado valor acrescentado", destaca o proprietário do "Terra", assim baptizado para remeter para as raízes, para o solo e origem e para a inerente preocupação com o ambiente. A clientela, maioritariamente local, procura a verdadeira essência do café – principalmente das plantações do Brasil, Colômbia e Indonésia –, embora os mais reticentes também encontrem bebidas alternativas.

SEJA SERVIDO QUENTE OU FRIO, COM OU SEM ADITIVOS, CURTO OU COMPRIDO, MAIS OU MENOS TORRADO, COM ORIGEM EM ÁFRICA OU NA AMÉRICA DO SUL, OU COM UM NÚMERO MAIOR OU MENOR DE COMBINAÇÕES, O CAFÉ TEM VINDO A GANHAR CADA VEZ MAIS ADEPTOS EM MACAU

À semelhança dos demais espaços do género, o preço de uma chávena de café depende, portanto, da qualidade

de e do tratamento e preparação exigidos.

O (en)canto do café

O culto também chegou à Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST,

na sigla em inglês), onde foi montado o centro de formação “The Seasons” que inclui no espaço do restaurante o “Coffee Corner”, onde o *specialty coffee* se apresenta como o produto de bandeira. Operacional desde Maio de 2013, figura como um espaço privilegiado de aprendizagem para estudantes de cursos ligados à hotelaria e restauração sob a orientação

de um instrutor com certificação da SCAE.

O desafio de montar o espaço recaiu sobre Jeremy Souders, um norte-americano que deixou o emprego num casino para deitar mãos à obra no “Coffee Corner”, onde continua sobretudo focado na certificação da qualidade e na formação.

Apesar de escondido e afastado das ruas movimentadas

da cidade, o “Coffee Corner”, com uma média de 200 a 300 clientes por dia, beneficia de todo o universo que gira à sua volta: além da própria universidade, onde se integra, há a Escola Internacional de Macau (TIS, na sigla em inglês) e *resorts*. “O campus da TIS é a principal fonte de clientes por causa dos pais que vão levar e buscar os filhos à escola. Depois há o pessoal dos hotéis e casinos à nossa volta”, explica Jeremy Souders, que se diz capaz de beber “até 20 cafés por dia”.

“Os alunos demonstram muita paixão em aprender o padrão, a parte científica que envolve as diferentes fases do processo até o café chegar à mesa. Mostram muito interesse e acham extraordinário o sabor. Afinal, alguns estão habituados a beber café de lojas de conveniência”, relata Jeremy Souders. Embora o principal objectivo seja esse – o da formação dos estudantes da MUST –, o consultor reconhece que a componente comercial se tem vindo a impor, pelo que hoje arrisca falar num peso de “50-50”.

Actualmente, o “Coffee Corner” tem dois fornecedores: a local “Bloom Coffee House” e uma empresa de Hong Kong com o selo do chamado comércio justo, à qual são requisitados grãos do Brasil e da Indonésia. “Para o consumidor é uma garantia de que os produtores têm condições mínimas, pelo que vale a pena saber que pelo menos tentam promover isso”, realça.

Jeremy Souders também lecciona na “Bloom Coffee House”, ao lado de um dos seus mentores, Keith Fong, o mesmo dos cafés “Single Origin” e “Communal Table”. Os dois, com conhecimentos adquiri-



dos na Europa, são os únicos formadores em Macau com certificação SCAE e, portanto, acreditados para atribuir diplomas a quem completa os diferentes módulos, contra os sete que se contabilizam na vizinha Hong Kong, de acordo com a lista da entidade disponível no seu portal na Internet.

Criada em 2011, a “Bloom Coffee House” permite aos seus formandos adquirirem conhecimentos, técnicas e competências profissionais abrangentes de barista, mas também área sensorial ou da torrefacção, bem como cursos de introdução com *workshops* mais simples à medida das necessidades locais, seguindo o padrão cada vez mais exigente da indústria do café, de acordo com Keith Fong. A título de exemplo, um curso de barista com uma duração de 20 horas pode custar entre 7000 e 8000 patacas, dependendo da componente prática. Em média, por ano, existe uma centena de interessados, segundo o mesmo responsável.

Além da formação, a “Bloom Coffee House” tem uma vertente empresarial, dado que faz a torrefacção dos grãos de café localmente para garantir a sua qualidade e frescura, oferecendo uma ampla gama de várias origens, a qual acaba por chegar às mesas de muitos dos que decidiram dedicar-se ao *specialty coffee*.

Seja servido quente ou frio, com ou sem aditivos, curto ou comprido, mais ou menos torrado, com origem em África ou na América do Sul, ou com um número maior ou menor de combinações, o café tem vindo a ganhar cada vez mais adeptos em Macau, terra que conhece os primeiros “aventureiros” na viagem de exploração a este novo mundo. ■

UM ESPAÇO EM CONSTANTE EVOLUÇÃO

Depois de sentir a influência da secular presença portuguesa e a chegada dos americanos, com a febre do Starbucks e sucedâneos como o Pacific Coffee, a integração do café como espaço no tecido de Macau vive hoje uma nova fase. Nos dias que correm a moda passa por espaços exclusivamente focados em promover um produto de qualidade, geridos por jovens empreendedores que investiram na formação na área antes de irem para trás do balcão. “É um fenómeno interessante, provavelmente resultado do marketing iniciado por espaços como o Starbucks, que publicitaram o produto de uma forma que o tornou muito atractivo para uma cultura que não é tradicionalmente voltada para o café”, observa Timothy A. Simpson. Na óptica do professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Macau verifica-se uma nova mudança de paradigma, com esta “vaga de novos cafés com design apostados em vender um produto com qualidade e em fazer a diferença”. “Tem-se assistido ao emergir de novos tipos de cafés que se distinguem dos que estávamos habituados a ver”, considera o docente que publicou, em 2008, um artigo sobre a comercialização do café em Macau, no qual traçava

a evolução e o papel que esses espaços (ainda) desempenham na vida social, afirmando-se quase como uma “extensão do espaço público”. Entre as principais diferenças destaca o facto de os cafés se estarem a tornar cada vez mais profissionalizados, num fenómeno que, ressalva, não é “exclusivo de Macau”. “As pessoas têm ficado, de certa forma, fascinadas pela variedade de grãos, pelos diferentes sabores do mundo e por toda a experiência”, o que as levou a procurar adquirir conhecimentos.

Timothy A. Simpson mostra-se, porém, surpreendido com a forma como o próprio negócio subsiste face a obstáculos como os elevados preços praticados no mercado imobiliário: “Interrogo-me sobre quanto lucrativo pode ser, sobre o volume de café que têm de vender para pagar a renda”. Em paralelo, “regra geral, são espaços muito pequenos, o que, embora compreensível face ao valor por metro quadrado, limita naturalmente o número de clientes, dos quais muitos ficam sentados durante horas apenas com um expresso a ler ou a estudar, pelo que não sei como podem fazer dinheiro”, observa. À boleia dos novos espaços, diz, poder-se-ia era dar mais um salto em frente, com a aposta em esplanadas.

O dia 25 de Agosto entrou para a história da Universidade de Macau. O novo e ambicioso campus na Ilha da Montanha recebeu os seus primeiros estudantes para o ano académico 2014/2015 com toda a pompa e circunstância. Afinal, no pouco mais de um quilómetro quadrado a instituição de ensino superior dá o primeiro passo no sentido de alcançar um total de dez mil alunos e consolidar uma reputação internacional

F GONÇALO LOBO PINHEIRO

DESCREVER o novo campus da Universidade de Macau na Ilha da Montanha é falar de números grandes. Em 2009, o Governo Central deu luz verde para a construção do projecto no território adjacente a Macau e as obras arrancaram em ritmo acelerado. Mais de dez mil trabalhadores arregaçaram as mangas para erguerem 60 prédios numa área construída de 940 mil metros quadrados, que ficou totalmente construída este Verão.

Com jardins circundados por lagos artificiais inspirados na região de Lingnan e traços arquitectónicos do sul da Europa, o novo campus é também um oásis ecológico. A circulação de veículos particulares está limitada ao mínimo para dar lugar às bicicletas e aos percursos pedestres, há painéis solares por todo o lado, a água é reciclada, optou-se pelo gás natural e criou-se um sistema de arrefecimento central no subsolo amigo do ambiente e da poupança. O resultado é um campus 20 vezes maior ao antigo, com maior eficiência energética naquele que é o maior projecto já construído em ligação com Macau com preocupações ambientais. As 12 residências de estudantes formam o maior sistema da Ásia, e podem acomodar mais de 6000 pessoas. Já no Prédio Central de Ensino, é possível acomodar 3000 alunos a terem aulas em simultâneo. Na maior relocação de uma biblioteca na história de Macau, foram necessárias 40 mil caixas para transportar os cerca de 750 mil livros do acervo. A colecção vai ainda crescer para a quota máxima de um milhão de títulos impressos. Piscina olímpica, estádio, pavilhões multidesportivos, centro comercial, corpo de bombeiros e esquadra de polícia são outros dos elementos que completam o quadro de uma nova era da Universidade de Macau.



VIDA NOVA NA ILHA DA MONTANHA



NOVO CAMPUS DA UMAC



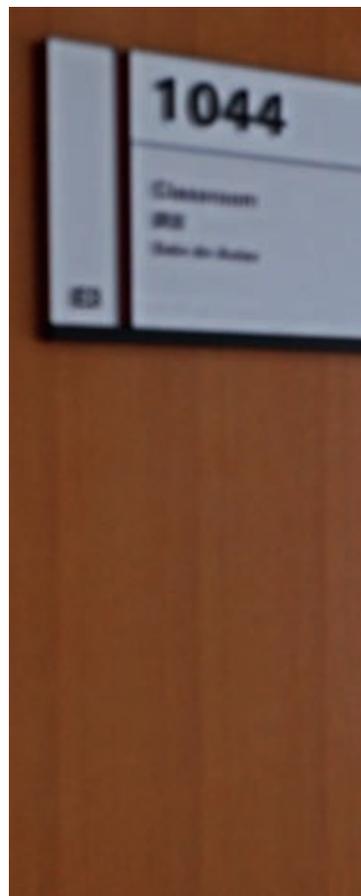


NOVO CAMPUS DA UMAC





NOVO CAMPUS DA UMAC







CALÇADA PORTUGUESA

Da pedra fez-se mar

Começou timidamente a conquistar o seu lugar ao sol e é hoje uma das marcas da identidade única de Macau. A calçada portuguesa ganhou proporções inesperadas e faz parte do cartão postal da cidade

T VANESSA AMARO F GONÇALO LOBO PINHEIRO

NO INÍCIO dos anos 1980, o arquitecto Francisco Caldeira Cabral chegava a Macau com a missão de, juntamente com a empresa Asia Consult, elaborar o novo Plano Director para a malha urbana da península. Macau experienciava o seu grande *boom* demográfico – passara de 169 mil habitantes em 1960 para 328 mil em 1983 –, novos aterros estavam em construção e era preciso rever infra-estruturas que acomodassem uma população crescente, não só de pessoas como também de automóveis. A ideia do arquitecto foi empurrar o trânsito para fora do que é hoje o Centro

AS ONDAS DE PEDRAS BRANCA E PRETA COMEÇARAM A NASCER PELAS MÃOS DE 12 MESTRES CALCETEIROS CONTRATADOS EM PORTUGAL PARA EXECUTAR O PROJECTO E TREINAR A MÃO-DE-OBRA LOCAL PARA MAIS AVANÇOS

Histórico e criar ruas onde os pedestres fossem reis. E assim nascia o império da calçada portuguesa no Oriente.

O Plano Director ficou concluído em 1987, mas as ideias demoraram a sair do papel. “As autoridades concordavam com tudo, mas achavam que iriam criar um caos ao retirar o trânsito da zona do Leal Senado”, relembra Caldeira Cabral. A somar os receios da Administração Portuguesa de então, os comerciantes do largo central também torciam o nariz. Acreditavam que sem carros não haveria clientela e que sem clientela a Baixa de Macau ficaria às moscas. Caldeira



AS OBRAS MAIS EMBLEMÁTICAS DA CALÇADA

1992

TERRAÇOS DO HOTEL BELA VISTA

1993

LARGO DO SENADO E LARGO DE SÃO DOMINGOS

1993

JARDIM COMENDADOR HO YIN

Cabral continuava, no entanto, a acreditar nos encantos da calçada e em 1989 abraça as obras de remodelação do Hotel Bela Vista, numa parceria com o arquitecto Bruno Soares. “O chão do terraço era todo em cimento e eu pensei logo: ‘Já que não consigo meter calçada noutra sítio, vou fazer o teste aqui!’ E assim foi. Trouxe calceteiros de Portugal, mandei vir a pedra de lá e no dia da reabertura [em 1992] enchi-me de orgulho: toda a gente falou daquilo e perguntava porque é que eu não fazia mais calçada em Macau.”

A primeira pedra estava lançada e, em 1992, uma reunião com membros das Obras Públicas e do Leal Senado deu o impulso que faltava para alterar a imagem do principal largo da cidade. Entra então em cena o engenheiro António Saraiva, que com a luz verde para o encerramento da praça ao trânsito, bloqueia o acesso aos carros da noite para o dia. “A decisão foi tomada em conjunto com vários departamentos e nesse mesmo dia, de madrugada, fomos com um carro-grua pôr umas floreiras grandes e pesadas para impedir que os carros entrassem na zona. A partir de então, ficou claro que aquele seria um espaço apenas para peões”, conta Saraiva.

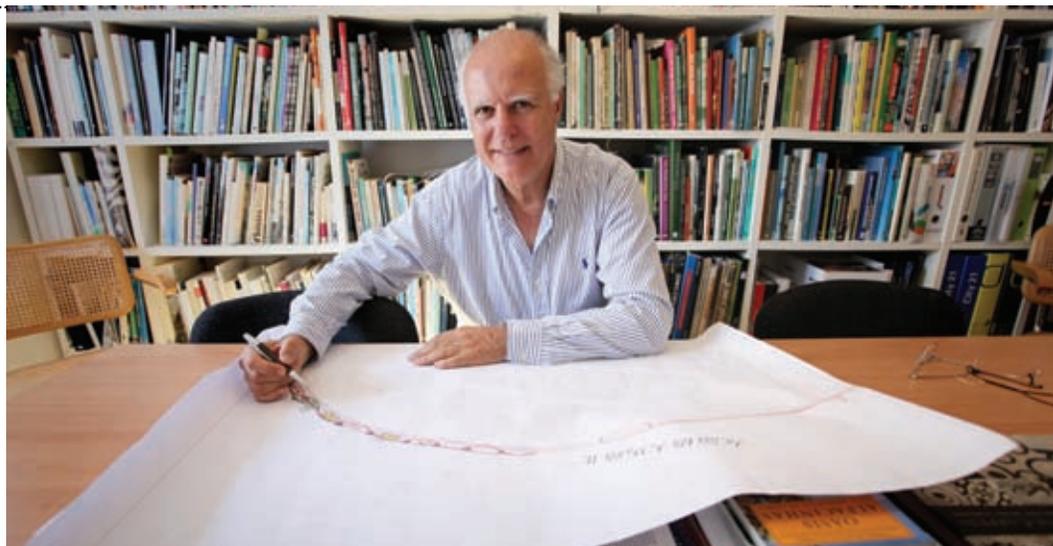
Mar de pedras

As ondas de pedras branca e preta começaram a nascer pelas mãos de 12 mestres cal-



O INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS CÍVICOS E MUNICIPAIS (IACM), QUE GERE E MANTÉM OS ESPAÇOS PÚBLICOS, AINDA NÃO CONSEGUIU CONTABILIZAR QUANTOS QUILÓMETROS DE MACAU ESTÃO COBERTOS COM AS PEDRAS PORTUGUESAS. ELAS ESTÃO POR TODOS OS LADOS: EM BECOS E RUELAS DE MACAU A COLOANE

1997	1996	1996	1996	1997	1999
LAGO	PARQUE	JARDIM	PALÁCIO	LARGO	JARDIM
NAM VAN	DR. CARLOS	LUÍS DE	DA PRAIA	DO PAGODE	DAS
	D'ASSUMPTÃO	CAMÕES	GRANDE	DA BARRA	ARTES



O arquitecto Francisco Caldeira Cabral introduziu a ideia de pavimentar zonas de Macau com calçada portuguesa no Plano Director em 1987



António Saraiva, engenheiro, foi o responsável pela criação dos painéis de Os Lusíadas no Jardim de Camões

1999	2001	2001	2002	2003
CENTRO ECUMÉNICO KUN IAM	AVENIDA ALMEIDA RIBEIRO	PRAÇA DO LAGO SAI VAN	LARGO DO CAIS	BAIRRO DE SÃO LÁZARO

ceteiros contratados em Portugal para executar o projecto e treinar a mão-de-obra local para mais avanços. Em 1993, o mar abriu definitivamente ao ‘trânsito’ de pedestres e todos os receios se dissiparam. “O Largo do Senado ganhou uma nova dinâmica e, ao contrário do que os comerciantes pensavam, mais e mais pessoas começaram a frequentar a zona, aumentando em muito o volume de negócios”, realça o arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro, que mais tarde fez história ao expandir a calçada para as avenidas Almeida Ribeiro e Infante D. Henrique. “Hoje quem olha para o Largo do Senado acha que a calçada é uma coisa natural, que sempre ali esteve”, acrescenta António Saraiva.

Ainda antes da transferência de administração, em 1999, outros 15 pontos da cidade abriram alas para a calçada portuguesa. Os 12 calceteiros contratados em Portugal continuavam a arregaçar as mangas com a ajuda de ‘estagiários’ chineses e toda a zona dos novos aterros (NAPE e ZAPE) ganhou o pavimento ao estilo português.

O Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), que gere e mantém os espaços públicos, ainda não conseguiu contabilizar quantos quilómetros de Macau estão cobertos com as pedras portuguesas. Elas estão por todos os lados: em becos e ruelas de Macau

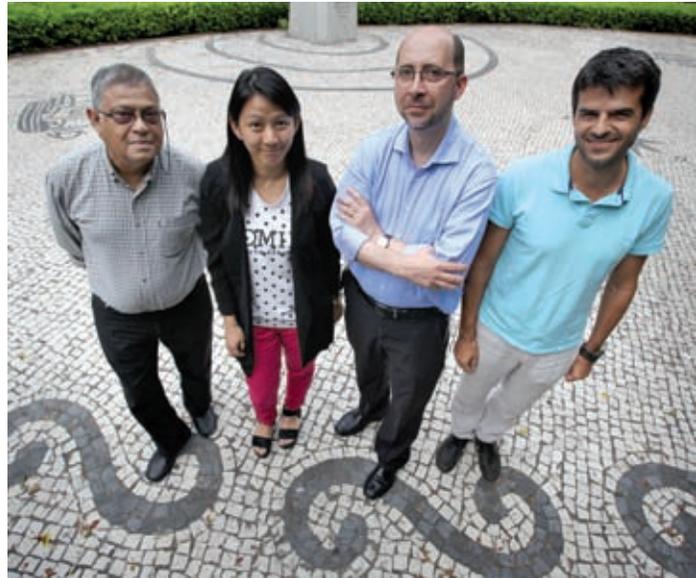
OS MAIS DE
29 MILHÕES
DE VISITANTES
REGISTADOS EM
2013 LEVAM SEMPRE
O MAR DE PEDRAS
REGISTADO NAS SUAS
FOTOS ONDE QUER
QUE ESTEJAM

a Coloane [ver cronologia]. “É muita quilometragem de qualquer maneira”, diz Estefânia Inácio, arquitecta da Divisão

de Reabilitação e Manutenção Urbana. Nos últimos 15 anos, a expansão continuou a ganhar força e no ano passado a Travessa dos Anjos, no centro da cidade, foi a última a embelezar-se com as pedras. Mas há mais a caminho. “Existem planos para criar novos roteiros turísticos na zona norte da península, por forma a desanuviar o centro. A calçada é um dos principais elementos dessa revitalização dos bairros”, acrescenta Estefânia.

Identidade única

“Assim que os visitantes que entram em Macau pelas Portas do Cerco põem os pés do



Francisco Lopes, Estefânia Inácio, Francisco Vizeu Pinheiro e João Mexia são responsáveis por novos projectos de embelezamento das ruas de Macau sob a tutela do IACM

2004

LARGO
DA SÉ

2005

JARDIM
DE SÃO
FRANCISCO

2005

JARDIM DO
CARMO E FEIRA
DO CARMO

2005

PRAÇA
DO TAP
SEAC

2006

PRAÇA
DE JORGE
ÁLVARES



Maria Helena de Senna Fernandes, directora dos Serviços de Turismo, levou a calçada portuguesa para o balcão de informações do Terminal Marítimo de Macau

lado de cá, sabem que estão num sítio completamente diferente do que já viram.” O arquitecto Francisco Caldeira Cabral, responsável também

pelo projecto da calçada no posto fronteiriço, não tem dúvidas de que o pavimento serve também para realçar a identidade única de Ma-

cau como ponto de encontro pacífico entre as culturas portuguesa e chinesa. Maria Helena de Senna Fernandes, directora dos Serviços de Turismo, engrossa o coro e define a calçada como “um dos ícones de Macau”.

O turismo, especialmente desde a classificação do Centro Histórico como património mundial pela UNESCO, em 2005, tem sabido tirar vantagem desta particularidade. A calçada serve ela própria de guia turístico, serpenteando todo o património classificado, seja ele de origem portuguesa ou chinesa. Os mais de 29 milhões de visitantes registados em 2013 levam sempre o mar de pedras registado nas suas fotos onde quer que estejam, e até em Hong Kong e Zhuhai já se começou a utilizar a técnica de pavimentação. Um novo projecto na Ilha da Montanha, território da Província de Guangdong adjacente a Macau, também quer beneficiar de quilómetros de calçada na sua réplica do Terreiro do Paço de Lisboa.

No início deste ano, o próprio posto de informação turística do Terminal Marítimo de Macau ganhou calçada portuguesa. O sector de turismo na delegação da RAEM em Pequim também. “Em feiras de turismo e outras promoções que a Direcção dos Serviços de Turismo realiza mundo fora, a cidade tem sido inúmeras vezes divulgada usando cal-





çada portuguesa e fachadas de monumentos históricos da cidade, para recriar o ambiente único da cidade e convidar os visitantes a “Sentir Macau”, realça Maria Helena de Senna Fernandes.

Novos espaços de convívio

Muito para além do potencial turístico, a calçada portuguesa deu um novo significado aos espaços públicos de Macau. Hendrik Tieben, professor de arquitectura da Universidade Chinesa de Hong Kong, apon-

ta que a criação dos largos tipicamente europeus pavimentados com pedras branca e preta, criaram verdadeiras “salas de estar ao ar livre para a vida quotidiana”. “Representações históricas e fotos mais recentes demonstram como esses espaços são usados para diversas actividades pelas di-

ta que a criação dos largos tipicamente europeus pavimentados com pedras branca e preta, criaram verdadeiras “salas de estar ao ar livre para

a vida quotidiana”. “Representações históricas e fotos mais recentes demonstram como esses espaços são usados para diversas actividades pelas di-



DE LISBOA PARA O MUNDO

A calçada portuguesa surgiu em 1842 pela mão de reclusos e pela mente do Governador de armas do Castelo de São Jorge, em Lisboa. A ideia do engenheiro Eusébio Furtado de fazer um pavimento de pequenas pedras pretas e brancas, em ziguezague, na fortaleza e nos arredores do castelo para assinalar o caminho, fez tanto sucesso que as visitas ao Castelo aumentaram. Rapidamente a calçada propagou-se pela cidade. Em 1848, foi aprovado o projecto da autoria deste

tenente-general, que visava revestir toda a Praça do Rossio com a calçada portuguesa. Ao fim de 323 dias, uma área de 8712 metros quadrados a que se chamou Mar Largo, com desenhos a homenagear os descobrimentos portugueses, ficou concluída. Daqui partiu-se para cobrir os passeios e mais ruas de Norte a Sul de Portugal. Além fronteiras, por onde os portugueses passaram, também se deixou esta marca no chão – Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique ou Macau são provas disso.

ferentes comunidades que habitam Macau e também pelos turistas”, aponta no artigo académico ‘Urban image construction in Macau in the first decade after the handover’.

Francisco Vizeu Pinheiro, arquitecto e docente da Universidade de São José, frisa que a calçada devolveu aos residentes espaços que pouco a pouco tinham sido tomados pelos carros ou que estavam a ‘murchar’. O Largo da Sé, revitalizado em 2004, é exemplo disso. Antes das obras, a praça era sinónimo de parque de estacionamento. As lixeiras sempre lotadas e a ausência de qualquer infra-estrutura não convidavam ao convívio. Depois de ouvidos moradores e comerciantes, urgia uma intervenção que devolvesse o espaço à população. Acabou-se com os carros e o lixo passou a ser depositado em contentores sem estarem à vista.

“Foi uma grande obra de requalificação. Cortamos uma parte do trânsito, retiramos os estacionamentos e aumentámos a zona da praça, que foi toda pavimentada com calçada portuguesa. Também pusemos lá uma fonte, bancos, candeeiros ao estilo europeu e reconstruímos uma cruz que há muito estava danificada. Quem olha para o Largo da Sé hoje não consegue imaginar o que aquilo era antes”, aponta Vizeu Pinheiro, que assinou o projecto de requalificação.

Os largos, bem integrados na topografia e cuidadosamente planeados, foram aparecendo pouco a pouco pelo território, sempre com a calçada portuguesa como pano de fundo. Lilau, Santo Agostinho, Camões, São Francisco Xavier. Ou ainda Santo Antó-

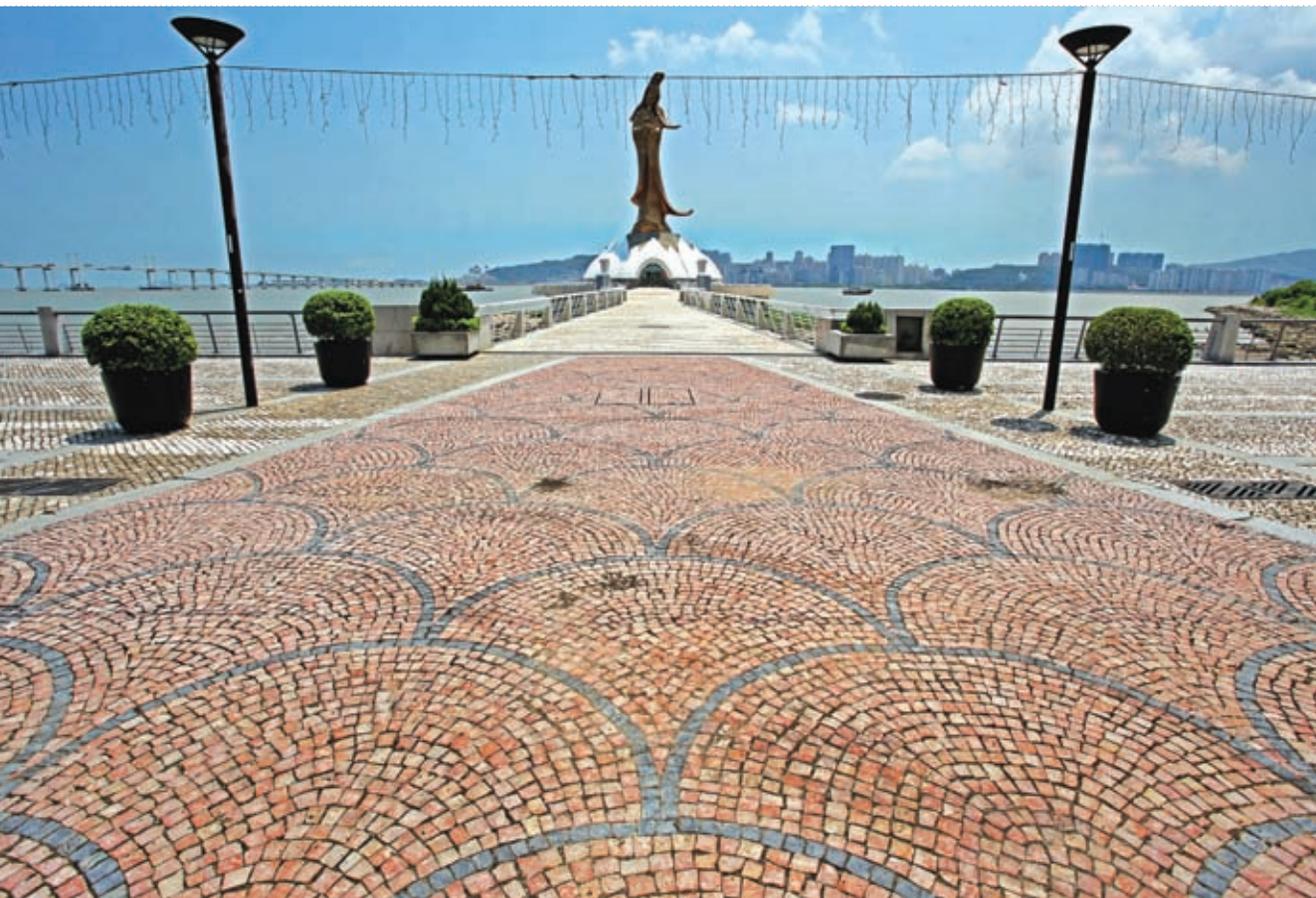


MACAU E A SUA ‘CALÇADINHA’

Contam os registos históricos que nos séculos XVIII e XIX os navios que seguiam para Macau vinham quase vazios e precisavam de peso para navegarem em condições. A solução foi carregar os porões com pedras da calçada – sobretudo calcário e basalto – à partida de Portugal. As pedras eram descarregadas em Macau e os navios voltavam cheios de mercadoria. Sem lugar para amontoarem mais pedras, jesuítas e militares começaram a aplicá-las nas ruas que se iam abrindo pouco e pouco pelo território. “A ‘calçadinha’ era mais redonda, pequena e branca. Gravuras antigas comprovam a sua existência em Macau no século XIX e início do século XX. Com a invasão dos automóveis nos anos 1950, a ‘calçadinha’ foi desaparecendo”, aponta o arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro. Até ao início dos anos 1980, era possível encontrar alguns vestígios da calçada portuguesa na zona do Leal Senado. Os passeios estreitos da Avenida Almeida Ribeiro e a fonte no centro da praça estavam pavimentados com as pedras branca e preta em formas geométricas, mas acabaram por desaparecer com obras que abriram mais espaço para a circulação de veículos.

nio, Feira do Carmo, Pagode da Barra. Todos exemplos de um novo tratamento dado ao conceito de praça que transformaram a calçada portuguesa numa marca da personalidade de Macau, que até

nas carteiras andam sem que as pessoas se apercebam – a frente da nota de 100 patacas emitida pelo Banco Nacional Ultramarino mostra a ondulação da calçada portuguesa no coração da cidade. ■



CALÇADA PORTUGUESA

Tapetes da harmonia sino-portuguesa

Não basta apenas encaixar pedras a fazer desenhos e formas. A arte de calcetar conheceu novos contornos ao respeitar as crenças chinesas do *yin* e do *yan*. Onde há calçada portuguesa em Macau, também há bom *feng shui*

UM PALPITE de um mestre de *feng shui* aqui e um livro acolá. A calçada portuguesa em Macau não se fez apenas de pedra. O que parecem desenhos e formas simples a olho nu escondem o domínio dos conceitos do *feng shui* pelos arquitectos portugueses. Caminhar pelo pavimento de estilo português é também estar em contacto com a história e a ligação da região ao mar, documentado com cuidado na Avenida Almeida Ribeiro, toda calcetada com desenhos marítimos que remetem ao tema dos descobrimentos por-

T VANESSA AMARO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

OS LEQUES VERMELHOS
CONTORNADOS A PRETO
NO PARQUE DR. CARLOS
D'ASSUMPCÃO SERVEM PARA
GUIAR A ENERGIA DO AMBIENTE
NA DIRECÇÃO CERTA

tugueses. Mas aqui o peixe é chinês – fonte de abundância e prosperidade, espalha-se pela artéria do centro histórico. Já os leques vermelhos contornados a preto no Parque Dr. Carlos D'Assumpção servem para guiar a energia do ambiente na direcção certa.

O arquitecto Francisco Caldeira Cabral, ou o “Chico das calçadas” como acabou por ficar conhecido este ‘pai’ da calçada portuguesa em Macau, não tardou para se aperceber que não bastava apenas inspirar-se na originalidade do pavimento de Lisboa. Corria o ano de 1996 e o jardim central da Alameda Dr. Carlos D'Assumpção já estava concluído quando surgiu o projecto do Centro Ecuménico Kun Iam. E o alerta foi dado: a cauda do peixe a apontar para o rio – peixe esse pensado para canalizar as energias da terra para a água – estava a apontar como facas para a deusa que aí ficaria colocada. “Havia essa incompatibilidade representada pelo bico da cauda do peixe. A solução mais fácil era destruir o peixe [risos], só que eu sou duro de roer e fui falar com um mestre de *feng shui* a Hong Kong para encontrar outra solução”, lembra Caldeira Cabral.

O peixe foi salvo e cada lado da cauda deu lugar a dois tanques de água com flores de lótus. “A água tem sempre um efeito positivo que contraria as energias negativas. Os dois tanques resolveram logo este problema que poderia estalar numa polémica.” A partir de então, o arquitecto começou a levar o conceito do *feng shui* muito mais a sério. Criou a sua própria biblioteca e por autodidactismo especializou-se na matéria, que ainda hoje aplica em todos os seus projectos paisagísticos, até em Portugal. Quando a resposta ao problema não aparece nos livros, recorre aos mestres do assunto. “Nem sempre é fácil, porque muitos deles percebem muito de *feng shui* para dentro de casa. Quando é para uma dimensão destas, com um ambiente tão alargado, nem todos conseguem ajudar.”



A utilização do calcário vermelho em Macau surgiu como uma opção adaptada ao clima local. A pedra em tons rosa absorve o calor e não reflecte tanta luz como a branca, reduzindo a temperatura do pavimento. No entanto, a população chinesa agradece a atenção por outro motivo, não fosse o vermelho a cor da felicidade, prosperidade e longevidade.

Neutralidade acima de tudo

Francisco Vizeu Pinheiro, responsável pelo projecto da calçada na Avenida Almeida Ribeiro, também teve de aprender conceitos básicos de *feng shui* antes de se lançar ao desafio. Depois de decidir utilizar padrões marítimos na avenida, foi aconselhado a evitar a sequência peixe-camarão-caranguejo, que remete para a ideia do jogo de dados chinês *sic bo*, ou *yee hah hi*, comum nos casinos locais. “Não queríamos estar a orientar ninguém para o jogo”, comenta a rir-se.

Acabou-se por isso a dar-se ênfase ao peixe de estilo chinês e há muitos caranguejos, associa-

do à vitória e considerado o símbolo da antiga Baía da Praia Grande. “Os braços do caranguejo simbolizam os antigos fortes do Bom Parto e de São Francisco. Os olhos são dois fortinhos que existiam, o de São Pedro e outro na zona da Sé. Em conjunto, este animal é percebido como protecção.”

Nas zonas onde há mais sombras na avenida, desenhou-se o sol, para garantir o fluxo de boas energias mesmo na escuridão. As estrelas trazem com elas a prosperidade e as inúmeras caravelas e outras quantas embarcações chinesas representam, como um todo, a fartura e a riqueza. O sol e a lua aparecem sempre num ponto de cruzamento, próximo à uma esquina ou passareira: “Atravessar a rua é como passar do dia para a noite e vice-versa, sendo o ponto de chegada sempre o sol”, explica Vizeu Pinheiro. Desenhos com lados pontiagudos são evitados a todo o custo, já que podem desequilibrar o fluxo de energias.

À entrada no Largo do Senado, os visitantes são guiados por uma sequência de uma igreja

e de um templo desenhados em pedra preta. As ilustrações são, na verdade, uma espécie de bússola que indica aos mais atentos a direcção do património português e chinês. “Se seguirmos a sequência de igreja e templo, vamos lá chegar”, aponta o arquitecto.

Para não cair em erros que possam ir contra a filosofia chinesa, Estefânia Inácio, arquitecta da Divisão de Reabilitação e Manutenção Urbana do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), opta sempre por desenhos mais neutros. Quando fez o seu primeiro projecto, na Travessa da Misericórdia, em 2001, escolheu usar apenas a calçada de pedra branca nas laterais, recorrendo a um material menos escorregadio no centro, por onde as pessoas andam. Já na Travessa dos Anjos, projecto concluído em 2013, tinha ideia de usar desenhos de anjos ou dos signos dos zodíacos, mas para evitar ferir susceptibilidades optou pela neutralidade – flores e borboletas que trazem a energia da beleza e da harmonia. ■



○ QUE PARECEM DESENHOS E FORMAS SIMPLES A OLHO NU
ESCONDEM O DOMÍNIO DOS CONCEITOS DO *FENG SHUI* PELOS
ARQUITECTOS PORTUGUESES

FENG SHUI DE PEDRAS



Estrela
Símbolo da energia positiva, da iluminação espiritual e da integridade



Flores
Energia da beleza e da graça



Borboletas
Símbolo do amor e do romance



Cavalo
Sucesso e liberdade



Peixe
Um dos símbolos mais auspiciosos. Carrega abundância e riqueza



Embarcações
Os barcos são imagens auspiciosas ligadas a prosperidade, fartura e riqueza



Caranguejo
Atrai prosperidade e protecção. As pinças simbolizam a força e a agilidade



Concha
Protecção e sorte



Golfinhos
Trazem alegria, magia, criatividade e inteligência



Cavalo marinho
Perseverança e protecção



Flamingo
Mensageiro do rejuvenescimento



CALÇADA PORTUGUESA

Negócio da pedra

Apaixonado por Portugal desde 1989, Kou Wai viu na pedra portuguesa um potencial de negócio. Quase 20 anos depois de se ter tornado o único importador de calcário e basalto em Macau, o empresário diz que chegou a hora de levar o património da calçada portuguesa a outras paragens. Xangai é o próximo destino

T VANESSA AMARO
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

QUANDO AS primeiras grandes obras de calçada portuguesa ficaram concluídas no início dos anos 1990, Kou Wai não hesitou em fazer da pedra o seu negócio. Em parceria com um amigo português abriu, em 1995, a Simex Exportação e Importação e desde então passou a ser o único fornecedor de calcário e basalto português em Macau.

Pelas suas mãos passaram 80 por cento de toda a pedra que hoje forra o chão da região e apesar de haver material de qualidade similar e preço bastante inferior no Interior da China, Kou Wai não desiste da importação: “Se a calçada é portuguesa não faz sentido fazê-la com pedra chinesa”, diz.

O negócio conheceu os seus tempos áureos à medida que a calçada se ia expandindo por Macau. Antes de 1999, Kou Wai comprava dezenas de contentores cheios de paralelepípedos de calcário todas as semanas. Hoje em dia, continua a comprar às dezenas, mas só ao longo de um ano. Com a limitação de espaço em Macau, já não há muito mais calçada a nascer e, para não deixar o negócio ir abaixo, foi à procura de novos mercados. O Interior

da China promete agora ser a sua galinha dos ovos de ouro.

“Os chineses não sabem como manusear este material e não sabiam das grandes vantagens deste tipo de pedra. Isto dura uma vida, é reutilizável e não precisa de grande manutenção”, explica. Numa das suas muitas viagens de negócios ao Interior do país, o empresário conseguiu convencer um empreiteiro de Xangai a avançar com uma espécie de ‘calçadão’ nas margens do rio Yangtze. Kou Wai vai buscar a pedra directamente a Portugal – principalmente nas Serras d’ Aire e Candeeiros, Porto de Mós, Albufeira e São Mamede – e vai dar formação a partir de vídeos com calceteiros portugueses a trabalhar.

Mas o mercado da China não é novo para Kou Wai. As

pedras que importa já foram parar a grandes obras de Hong Kong, Harbin e Zhejiang e numa série de cidades da Província de Guangdong, como Zhuhai, Zhaoqing, Shunde, Yunfu e Panyu. “Há muito potencial a explorar”, comenta, acrescentando estar já de olho numa série de projectos na Ilha da Montanha.

Os turistas, que aparecem aos molhos na sua loja da Rua da Barra, procuram-no sobretudo por causa dos azulejos portugueses que também aliou ao seu negócio. Pintados à mão em Portugal, já andam espalhados pelo Japão e Taiwan. “A minha loja está referenciada nos guias turísticos e aparece cá muita gente a querer comprar os azulejos, que é uma coisa que nunca tinham visto antes com esta qualidade. Os meus melhores clientes são japoneses e taiwaneses.” Mas há ainda quem queira levar como *souvenir* a calçada de Macau. Nem o preço elevado – um metro cúbico (cerca de 1300 quilos) da pedra branca ronda as 4000 patacas enquanto a rosa ascende aos 6800 – demove os apreciadores da ideia. “Há muita gente que quer fazer a calçada dentro de casa, mas o problema é encontrar quem faça bem e direito.” ■



CALÇADA PORTUGUESA

Memórias de um mestre calceteiro

Não se dava bem na escola e o pai mandou-o ir aprender um ofício. Inspirado num vizinho calceteiro, Fernando Simões inicia-se na arte de calcetar aos 14 anos. Aos 27, o acaso trouxe-lhe a Macau, onde ainda é hoje o único calceteiro português

T VANESSA AMARO
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

QUANDO OS mestres calceteiros iam almoçar, Fernando Simões começava a assentar pedras às escondidas. Aos 14 anos, começou a trabalhar lado a lado com os grandes nomes da arte da calçada portuguesa, mas o seu trabalho limitava-se a ir buscar água e areia. Volvidos três anos, co-

meçou a encaixar as pedras brancas do mosaico, enquanto os seus mestres faziam os motivos decorativos. Com a expansão de hotéis no sul de Portugal, rumou ao Algarve para a sua primeira grande obra de calçada. E lá conheceu o mestre Canoa, que o fez cruzar o mundo para calcetar Macau.

Fernando chegou a Macau em 1996, na segunda leva de



12 calceteiros contratados para trabalhar no Palácio da Praia Grande e em Santa Sancha. Vinha para ganhar “um balúrdio de dinheiro” e ensinar os chineses a manusear as pedras da calçada. Era para ser só uma ou outra obra, mas havia muito chão para adornar e Fernando foi ficando. Esteve no NAPE, no ZAPE, na Barra, no Centro Cultural, na Torre de Macau. Viu todos os colegas portugueses partirem e, em 2003, era já o único calceteiro de Portugal no activo em Macau.

Treinou trabalhadores chineses e recrutou-os para a requalificação das ruas do Bairro de São Lázaro. “Quando fui trabalhar na calçada do tempo de A-Má estava com 20 chineses. No início tinha um tradutor comigo, mas passadas uma semanas já não era preciso. Arte não precisa de palavras”, conta. Sem falar quase nada de chinês, foi criando laços com os colegas de ofício e reuniu uma espécie de equipa especializada na calçada.

Para um metro quadrado de calçada é preciso pelo menos uma hora de dedicação minuciosa. Por isso, trabalhou de sol a sol e madrugadas adentro para cumprir prazos. E transformou-se num cartão postal da calçada. “Os turistas e residentes ficavam ali horas a ver-nos trabalhar. Juntavam-se multidões! Pediam para tirar fotos, gostavam de ver um português a fazer este tipo de trabalho artesanal lado a lado com os chineses. Até levavam a pedra de recordação!”

Os moldes de madeira vinham já definidos pelos arquitectos da obra. Ainda assim, Fernando viu sempre maneira de dar o seu toque pessoal e deixar a sua marca. “Um se-



nhor disse-me que os portugueses tinham chegado a Macau pela primeira vez à zona do templo de A-Má, por isso fiz lá um motivo com essa representação. Mas os chineses também me pediram para fazer um desenho específico ali, para atrair boa sorte e fiz. A partir de então, os pescadores todos os dias davam-me peixe e fruta!”



Em 2004, já sem obra à vista em Macau, rumou a Espanha e em 2012 regressou com formação de escultura. Hoje, aos 45 anos, já não fica de baixo do sol a fazer a calçada. “Há muitos chineses, homens e mulheres, que fazem a obra.” Está mais dedicado à cerâmica e aos painéis de mosaico para decoração interior. Mas gostava de voltar a pegar no batente? “Claro que sim! Já ouvi dizer que uma empresa chinesa vai fazer uma grande obra de calçada em África e também há planos para a Ilha da Montanha. Se me quiserem, vou imediatamente. As pedras são a minha vida.” ■



PATRIMÓNIO

Olhar o chão

A Escola de Calceteiros de Lisboa forma homens e mulheres que querem aprender a trabalhar a pedra que todos pisam e poucos olham

T MÓNICA MENEZES

F PAULO CORDEIRO

Em Portugal

SENTADO NUM minúsculo banco de madeira, curvado, pedra numa mão e martelo noutra. Aos 40 anos, Luís, filho de calceteiro, sempre viveu a apreciar o trabalho que o pai fazia no chão. Nunca aprendeu essa arte até ao dia em que ficou desempregado. Dentro da sua área – montador de estrutura metálicas – já não encontrava um rumo, a luz ao fundo do túnel que precisava para continuar a ter uma vida digna. Então, lembrou-se das mãos do pai, dos desenhos que ela fazia com as pedras e pensou: “Porque não?”. A Escola de Calceteiros

de Lisboa deu-lhe a esperança que precisava para voltar a entrar no mercado de trabalho. Primeiro as aulas teóricas de História, de Português, de Geometria... Só depois é altura de entrar em campo, ou seja, só depois se começa a mexer na pedra e a perceber o que se pode fazer com ela.

“Conseguir partir a pedra é um passo bastante demorado que pode levar entre um a três meses até os alunos saberem fazer relativamente bem. Na perfeição só ao fim de muitos anos é que o conseguem”, conta Nuno Serra, um dos formadores do Curso de Calceteiros. É um trabalho duro que exige um grande esforço físico. Nem todos aguentam. “O ideal seria ter só pessoas jovens a aprender esta arte, mas não é isso que acontece. Temos alunos entre os 21 e os 54 anos

e este é um trabalho muito manual que exige um grande investimento a nível do esforço físico. Por exemplo, num dia, se for calçada corrida um calceteiro consegue fazer 20 metros quadrados, mas se for com desenhos dificilmente ultrapassa os dois ou o máximo de cinco metros quadrados por dia. É esgotante. Isso só é suportável se quem vier aprender tiver um enorme gosto por esta profissão.”

Mas a realidade conta uma história diferente. São cada vez menos a inscreverem-se no curso, são cada vez menos os que suportam o calor a queimar-lhes o rosto, o frio a gretar-lhes as mãos, o corpo curvado durante horas que parece que nunca acabam. Entre as décadas de 1960 e 1970, a Câmara de Lisboa contava com cerca de 400 calceteiros ao seu dispor. Nos anos seguintes, o número baixou drasticamente para 80; à entrada do século XXI só havia 24 e nos últimos dois anos já se contam apenas 11.

Não é trabalho que cativa os mais jovens. “Alguns até vêm aprender, mas mal lhes surge uma oportunidade melhor abandonam a escola”, explica Luísa Dornellas, directora do departamento de Desenvolvimento e Formação na Câmara Municipal de Lisboa. O curso é financiado e, ao contrário do que se possa pensar, há muitas oportunidades de trabalho.

Com a crise que o país atravessa, ouvir falar em oportunidades de trabalho pode fazer soar alguma campainha. Hoje em dia, e cada vez mais, a calçada portuguesa está na moda. Um espaço comercial ou até o jardim de uma casa são alguns de muitos trabalhos

que um bom calceteiro pode fazer. E será bem pago. “Há muitos pedidos, por exemplo, para o estrangeiro. Quem vive fora e quer deixar a sua marca e agradecimento no país que o acolheu, fá-lo muitas vezes através da oferta de um pátio em calçada portuguesa e pede-nos ajuda para encontrar um calceteiro competente”, revela Luísa Dornellas. E acrescenta: “Há calçada portuguesa onde há portugueses: Angola, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Moçambique, Venezuela, Holanda, França, Bélgica...”

Olhar para o futuro através do passado

Não é só de formação de novos calceteiros que vive esta Escola. Luísa Dornellas acredita que a calçada portuguesa

poderá ser candidata a Património Municipal ou até Nacional e, por isso, é preciso não só preservar, mas também pôr cada vez mais a calçada nas bocas do mundo. Foi o que aconteceu na Expo 98 quando foi feito um grande investimento público para mostrar aos milhares de visitantes algo genuinamente português com o acrescento de estar “escrito” no chão a história do passado do país no Parque das Nações, em Lisboa. “Foi feita uma abordagem contemporânea, mas os temas foram as descobertas marítimas e a indústria do mar”, conta Nuno Serra.

A abordagem mais contemporânea que já se deu à calçada portuguesa foi feita no Porto através de *QR Codes*. No mesmo dia, à mesma



ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 E 1970, A CÂMARA DE LISBOA CONTAVA COM CERCA DE 400 CALCETEIROS AO SEU DISPOR. NOS ANOS SEGUINTE, O NÚMERO BAIXOU DRÁSTICAMENTE PARA 80; À ENTRADA DO SÉCULO XXI SÓ HAVIA 24 E NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS JÁ SE CONTAM APENAS 11

hora – tendo em conta o fuso horário, claro, foi inaugurado um *QR Code* na cidade Invicta e no Rio de Janeiro que celebra os 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. É com os olhos a brilhar de entusiasmo que Luísa Dornellas fala sobre este modernismo. “É preciso saber aliar o passado ao futuro. Por exemplo, no número 100 do Chiado também há outro *QR Code* com informações turísticas.”

Os turistas, portugueses e estrangeiros, são, aliás, a grande “preocupação” da escola dos calceteiros. Há que sensibilizá-los para o chão que pisam e a melhor forma

HOJE EM DIA, E
CADA VEZ MAIS,
A CALÇADA
PORTUGUESA ESTÁ
NA MODA. UM ESPAÇO
COMERCIAL OU ATÉ
O JARDIM DE UMA
CASA SÃO ALGUNS DE
MUITOS TRABALHOS
QUE UM BOM
CALCETEIRO PODE
FAZER. E SERÁ
BEM PAGO

de fazer isso é através de passeios organizados e, até, de *peddy-papers*. Há circuitos específicos para os alunos do 1.º e 2.º ciclo que visam não só dar-lhes a conhecer a história da calçada mas, acima de tudo, ajuda-os a fazer uma interligação com o programa de Matemática – disciplina tão pouco querida da maioria dos alunos – através da observação das formas e sólidos geométricos. “É narrada uma história cujas as personagens são as pedras da calçada e as crianças têm ainda a oportunidade de simular o trabalho de um calceteiro”, conta a diretora da Escola.



Já as visitas guiadas ou os *peddy-papers* são feitos a pensar nos mais crescidos e incluem vários percursos da cidade de Lisboa. É a melhor forma de conhecer a história do país em simultâneo com a história da calçada. “São grandes apostas da Escola e, até agora, têm tido muito sucesso”, realça Luísa, orgulhosa.

Na Escola de Calceteiros de Lisboa a hora de almoço aproxima-se e o sol continua a bater forte no rosto dos alunos. Luís pode ter passado uma vida inteira a olhar para as mãos do pai, a perceber como ele segurava o mar-

HISTÓRIA DA ESCOLA

Foi em 1986 que surgiu a Escola de Calceteiros de Lisboa. A preocupação do presidente da câmara da altura, Nuno Krus Abecassis, era a de não se perder os conhecimentos sobre calcetar, tal como angariar mais calceteiros, dar-lhes a conhecer a história da calçada e divulgar esta arte. Não deixar cair no esquecimento termos como calcetar “ao quadrado”, “desdobrar da pedra” e “malhetar” é, ainda hoje, um dos maiores objectivos desta escola. Só assim poderá estar assegurada a sobrevivência de uma profissão genuinamente portuguesa que, através de pedras ao lado de pedras, conta muita da história do país.

telo e a pedra, mas ainda não tem a técnica. O tempo e a persistência farão dele um calceteiro, um homem que, tal como o seu progenitor,

conterá através das pedras a história do seu país. “É um trabalho duro, muito duro mesmo, mas é uma profissão muito bonita”, realça Luís. ■



Os desafios do multilinguismo

O repto do ensino multilingue aumenta nas escolas com língua veicular chinesa e população estudantil estrangeira. Aqui, educadores e educandos têm que aprender a ajustar-se ao ambiente multicultural composto na maioria por filipinos, portugueses e brasileiros



T CLÁUDIA ARANDA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

É EM mandarim que Hon Iok, director da Escola Oficial Zheng Guanying, cumprimenta as cerca de 20 crianças do terceiro ano do ensino infantil que saem alinhadas para o recreio da manhã, enchendo o pátio do estabelecimento escolar situado nas traseiras da sede da União Geral das Associações dos Moradores de Macau, na zona do Fai Chi Kei.

Entre os garotos em formatura, surgem Afonso e Isabel, ambos de cinco anos, que respondem em uníssono ao “olá” em português que lhes é dirigido pelos jornalistas da revista MACAU. São 15 no total as crianças portuguesas a frequentarem esta que se distingue das outras por ser a primeira e única escola pública em Macau que introduz como língua veicular de ensino o mandarim, a língua oficial da República Popular da China e a mais falada no mundo.

A escola entrou em funcionamento no ano lectivo de 2011/2012 nas instalações da extinta Escola Primária Luso-Chinesa de Tamagnini Barbosa. A Zheng Guanying integra o projecto em fase de estudo piloto que visa a reforma curricular e põe em prática o objectivo do governo da RAEM de diversificar o sistema escolar e dar um novo rumo ao desenvolvimento das escolas oficiais. Introduce novos conceitos, modelo de gestão e sistema curricular e pretende oferecer uma opção nova aos alunos que ingressam nas escolas oficiais.

“O Afonso entrou no segundo ano da infantil e já se desembaraça perfeitamente no mandarim”, congratula-se o director Hon Lok. “O mandarim é um idioma novo tanto para as crianças portuguesas como para as crianças chinesas, para quem a língua materna é o chinês-cantonês, assim como para as crianças de outras nacionalidades - francesa e japonesa - que frequentam a escola”, acrescenta o responsável.

Daí que, os professores nas aulas não fazem distinção entre as crianças e aplicam os mesmos métodos de ensino centrados na escuta e na conversação, com recurso a jogos, canções, histórias e outras actividades lúdicas. “Nas classes infantis a integração é mais fácil”, assegura Hon Lok. “Encorajamos os alunos a reconhecer um número cada vez maior de caracteres chineses à medida que vão avançando no pré-escolar. Nos primeiros níveis não estimulamos ainda a escrita”.

O plano curricular da escola Zheng Guanying foi desenvolvido por forma a preparar alunos

com qualidades diversas. “Queremos encorajar os nossos estudantes a falar três línguas”, explica o director Hon Lok. O estudo do português inicia-se no nível dois do ensino infantil, cerca de 15 minutos por dia e de forma lúdica. No nível três da infantil os garotos passam a ter uma hora de português por dia, dividida em sessões de 30 minutos. A aprendizagem do inglês começa no primeiro ano da primária, à semelhança do que acontece nas outras instituições públicas.

Três línguas e quatro idiomas

Em termos de diversidade de línguas a aprender, a fasquia exigida aos alunos das escolas de Macau é alta. Pede-se que os alunos conheçam, na prática, três línguas escritas – chinês, português e inglês – e quatro idiomas, incluindo mandarim e cantonês.

O mandarim possui 80 mil caracteres, chamados de *hanzis*, dos quais 7000 são mais usados. São necessários pelo menos 3000 caracteres para ler um jornal ou um livro, “com recurso a dicionário”, no caso de se tratar de um estrangeiro, explica Kathleen Lau, professora de liceu e do Centro de Difusão de Línguas da DSEJ. Mas, bastam mil caracteres para um estrangeiro ser capaz de ler, comunicar e escrever frases simples. O cantonês escrito, por sua vez, acrescenta caracteres próprios, usa uma gramática diferente e atribui significados distintos, conforme explica Kathleen, o que dificulta a compreensão para quem apenas fale mandarim.

POR VOLTA DOS TRÊS ANOS, ASSIM QUE ATINGEM O SEGUNDO SEMESTRE DO PRIMEIRO NÍVEL DA INFANTIL, AS CRIANÇAS INICIAM-SE NOS CARACTERES CHINESES



A poucos quarteirões de distância da Escola Oficial de Zheng Guanying, na sala de leitura da Escola Luso-Chinesa do Bairro Norte, em pleno bairro da Ilha Verde, cinco crianças chinesas e uma filipina, a frequentar o segundo ano do pré-escolar, entoam em uníssono uma história escrita em caracteres chineses. Os seis meninos lêem alto e em bom som a partir de um texto que cada um segue no respectivo livro com o pequeno dedo indicador.

Têm apenas entre quatro e cinco anos mas os pequenos alunos já são capazes de reconhecer um número relevante de caracteres. Lam Peng Wun, directora da Escola Primária Luso-Chinesa do Bairro Norte, refere que, no ensino infantil, “o importante é ler e reconhecer os caracteres e as palavras que se podem criar, não lhes pedimos que escrevam”. Com quatro e cinco anos não se espera que as crianças saibam identificar mais do que 100 caracteres, segundo a opinião de diferentes professores. No entanto, já poderão desenhar estruturas básicas.

A escrita do chinês é, todavia, uma prática encorajada desde cedo na Escola Primária Oficial Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung. Por volta dos três ou quatro anos, assim que atingem o segundo semestre do primeiro nível da infantil, as crianças iniciam-se nos caracteres chineses. “Começam por desenhar simples grafismos próximos da estrutura base dos caracteres chineses”, explica a directora Maria Rita Lizardo Faria Correia.

Aos seis anos de idade, quando chegam ao ensino primário, os pequenos deverão ser capazes de reconhecer pelo menos 600 caracteres. Mas só no quinto ou sexto ano de escolaridade é que as crianças, entretanto, já com cerca de oito ou nove anos, começam a ser capazes de falar e escrever e de compreender frases, adivinhando-lhes o sentido, mesmo que não conheçam todos os caracteres inseridos no texto.

Trabalhar desde pequeninos

Os graus de exigência diferem de escola para escola, assim como os planos curriculares. A escrita nas classes infantis, tanto do chinês como do inglês, é igualmente encorajada na escola particular Pui Ching. Aqui, os alunos são admitidos com a idade de três anos e, geralmente, só deixam a escola quando terminam o secundário complementar, aos 18 anos. Esta é uma instituição orientada para assegurar o sucesso dos alunos no momento de se candidatarem a universidades de prestígio de todo o mundo e aposta em níveis elevados de trabalho. Das crianças com



Maria Rita Lizardo Faria Correia, directora da Escola Primária Oficial Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung

A EDUCAÇÃO MULTILINGUE ENCONTRA ALGUNS DOS SEUS MAIORES DESAFIOS NO ENSINO DE CRIANÇAS ESTRANGEIRAS E NÃO-FALANTES DE CHINÊS. O NÚMERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS TEM VINDO A AUMENTAR DE FORMA VISÍVEL NOS ÚLTIMOS ANOS

cinco ou seis anos que terminam o nível pré-escolar, espera-se que consigam escrever cerca de 100 palavras em chinês e ler uma história. Na língua inglesa, os miúdos já deverão ser capazes de escrever umas 50 palavras e recordar-se das frases que aprenderam nas aulas.

Também na Escola São Paulo os alunos da infantil têm de saber 100 palavras em chinês antes de avançarem para a primária, têm de conhecer o alfabeto romano em maiúsculas e minúsculas, assim como 100 palavras em inglês. Frases de saudação e de pedido de permissão são ensinadas antes das crianças completarem o ensino infantil.

O mundo a falar chinês

A educação multilingue encontra alguns dos seus maiores desafios no ensino de crianças estrangeiras e não-falantes de chinês. O número de estudantes estrangeiros tem vindo a aumentar de forma visível nos últimos anos, sobretudo, em algumas escolas públicas. “Na Taipa, as crianças estrangeiras representam para cima de 50 por cento dos alunos”, constata Lo Veng I, directora da Escola Luso-Chinesa da Taipa. Situação idêntica revela a directora da Escola Primária Oficial Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung, no centro de Macau, onde predominam os estudantes de nacionalidade filipina, tailandesa, portuguesa e brasileira. Num total de 75 crianças integradas no ensino infantil da Sir Robert Ho Tung, 50 são filipinas, 23 são chinesas e os restantes tailandeses. No ensino primário, num total de 166 alunos, 100 são filipinos, 66 são chineses e há um birmanês.

Ambas as escolas utilizam o cantonês como língua veicular e seguem os planos curriculares recomendados e aprovados pela DSEJ. No entanto, adaptaram as metodologias de ensino, de modo a ajustarem-se aos diferentes ritmos de aprendizagem das turmas, em muitas das quais, há mais estudantes estrangeiros do que chineses.

Por exemplo, no primeiro ano do ensino primário da escola da Taipa há apenas uma criança chinesa na turma de 11 alunos. Os restantes são filipinos e há um tailandês. É em coro, apa-

rentemente afinado, que aquelas crianças respondem às perguntas colocadas em cantonês pela professora. “Este já é o quarto ano em que estas crianças aprendem em chinês, pelo que já falam e percebem e sabem usar a língua para comunicar com a professora”, explica Chan Sio I, subdirectora da Escola Luso-Chinesa da Taipa. A interacção entre aluno e professor, no entanto, acontece de forma mais elementar e o ritmo de aprendizagem é mais lento do que ocorreria numa turma de falantes de cantonês.

O ensino infantil apresenta ainda muitos desafios, explica Chan Sio I. “O número de crianças estrangeiras é superior ao das chinesas, elas não falam nem entendem o cantonês. A escola tem que primeiro ensiná-las a falar, a escrever. Só depois é que elas começam a aprender outras matérias.”

Imigrantes a crescer

A população imigrante tem um peso relevante na composição demográfica de Macau com reflexos na população escolar. Devido a afluência de trabalhadores não-residentes, entre 2001 e 2011, houve um aumento substancial do número de indivíduos naturais de outros países e territórios, com um total de 14.544 pessoas naturais das Filipinas, 7199 do Vietname e 6269 da Indonésia, representando no conjunto 5,1 por cento da população total, segundo os Censos de 2011.

O contexto cultural e familiar bastante diferenciado em que vivem as crianças estrangeiras influencia e pode atrasar o processo de aprendizagem, dado o esforço que as crianças são obrigadas a fazer para se ajustarem aos diferentes ambientes da escola, de casa e do círculo de amiguinhos que, entre si, comunicam na língua materna.

Na prática, defendem os diversos professores abordados ao longo da reportagem, seja qual for a nacionalidade do aluno, a assimilação da língua chinesa, ou de qualquer outro idioma, vai sempre depender do grau de estimulação que as crianças possam receber não só na escola, mas também noutros contextos de ensino, incluindo em aulas de apoio ou mesmo em casa com a ajuda dos pais ou avós. ■

Talentos multilingues

SIMON, DE 16 anos, revela-se destemido e desembaraçado no uso do inglês, que aprendeu nos cursos de verão que frequentou durante três anos em escolas no Reino Unido. Afirma que quer seguir o curso de Direito para ser advogado, assim que terminar o ensino secundário na Escola Secundária de Pui Ching. É em Macau, onde nasceu, que tenciona exercer a profissão. Simon pondera tirar a licenciatura de Direito em Portugal, por forma a facilitar a integração no sistema legislativo da RAEM, onde o Direito tem raiz portuguesa. Ele sabe que um jurista bilingue tem meio caminho andado para conseguir um emprego de topo. De ascendência chinesa, Simon tem como língua materna o cantonês, fala inglês fluente, e está empenhado em aprender o português para fazer carreira profissional. Simon, representa uma reduzida percentagem da população que teve a possibilidade de aperfeiçoar a língua no estrangeiro, pois em geral faltam oportunidades para os estudantes locais praticarem as línguas assimiladas.

O cantonês é o idioma mais usado no dia-a-dia por 83,3 por cento dos 552.503 habitantes de Macau, conforme dados dos Censos de 2011. Há uma pequena fracção da sociedade que é bilingue chinês-português. Uma grande parte dos funcionários públicos e quadros superiores em Macau é bilingue e alguns executivos de topo na indústria bancária e do jogo dominam e falam com fluência mais do que dois idiomas, como o português, o



○ ENSINO MULTILINGUE É UMA DAS CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA EDUCATIVO EM MACAU E A MAIOR PARTE DAS ESCOLAS DA RAEM PROPORCIONA EDUCAÇÃO EM MAIS DO QUE UMA LÍNGUA

cantonês, o inglês e, por vezes, o mandarim.

Macau tem vindo a acentuar a sua faceta multicultural em resultado da liberalização da indústria do jogo, do *boom* económico que lhe está associado, do turismo e do afluxo de mão-de-obra imigrante, factores que estão a transformar o tecido social da cidade. Os Censos de 2011 assim o comprovam, o

uso do mandarim e do inglês aumentou na última década, em resultado da imigração e do acréscimo de trabalhadores não-residentes. Aos funcionários públicos é exigido que dominem, pelo menos, uma das línguas oficiais, a chinesa ou a portuguesa.

O ensino multilingue é uma das características do sistema educativo em Macau e a maior parte das escolas da RAEM proporciona educação em mais do que uma língua. No entanto, apesar das gerações mais novas contactarem com diferentes línguas na escola, o grau de conhecimento e de fluência é muito diverso e as competências linguísticas não são iguais em todas as línguas.

A olhar para o futuro

O governo da RAEM reforçou nos últimos anos as políticas e o financiamento para promover o ensino das línguas. A lei de Bases do Sistema Educativo Não Superior, em vigor desde 2006, prioriza o ensino das línguas oficiais, e estipula que as escolas oficiais devem adoptar o chinês ou o português como língua veicular e proporcionar aos alunos a oportunidade de aprender ainda outra língua oficial. No que refere às escolas particulares, a lei diz que estas “podem adoptar como línguas veiculares quer as línguas oficiais quer outras línguas”. As instituições particulares que adoptam outras línguas, contudo, “devem proporcionar aos alunos a oportunidade de aprenderem, no mínimo, uma das línguas oficiais”.

A divulgação do mandarim e a aprendizagem adequada e eficaz da língua portuguesa foram determinadas como prioridades no contexto das políticas do ensino da língua na área do ensino não superior da RAEM. O português ganha significado para “manter e desenvolver Macau enquanto plataforma de intercâmbio da cultura, comércio e economia entre a Grande China e os países de língua portuguesa”. Por outro lado, as exigências de desenvolvimento de Macau como cidade internacional colocam o ensino da língua inglesa e a formação de talentos habilitados noutras línguas estrangeiras como condições para o desenvolvimento socioeconómico.

Sistema heterogéneo

Pais e encarregados de educação continuam a preferir que os filhos prossigam a formação no ensino superior e dão preferência à aprendizagem do inglês na escola, pois acreditam que esta opção oferece mais

futuro em termos de mercado de trabalho. Daí que procuram escolas orientadas para esse efeito. As escolas privadas, por sua vez, ajustam os planos curriculares de acordo com os objectivos dos estudantes e adoptam uma abordagem da educação centrada no ensino do inglês e do chinês.

O cantonês impera enquanto língua veicular no universo escolar, composto por 78 escolas, 11 públicas e 67 privadas. O chinês é usado em cerca de 85 por cento das 119 unidades escolares, seguido do uso do inglês em 11 por cento e do português, em quatro por cento.

Regra geral, nas escolas particulares, que são a maior parte e onde estudam 96 por cento dos alunos de Macau matriculados no ensino regular, o inglês impõe-se como segunda língua e o português é uma disciplina opcional. Somente nas escolas oficiais, onde estudam mais de 3100 alunos, o que corresponde a pouco mais de quatro por cento do total em Macau, o português surge como a segunda

língua e o inglês e o mandarim são introduzidas como línguas estrangeiras.

Português com novo fôlego

Na Escola Secundária Luso-Chinesa Luís Gonzaga Gomes são sobretudo portugueses ou adolescentes com ascendência mista (portuguesa e chinesa) os alunos que frequentam a secção portuguesa da escola secundária oficial. Apesar de poucos, há também residentes de Macau de ascendência chinesa que optam pelo ensino veicular em português, por forma a estudarem Direito em Portugal. “Há uma grande procura de talentos bilingues em Macau e os nossos estudantes podem terminar o secundário falando dois idiomas”, refere Leong Iao Cheng, director da Luís Gonzaga Gomes.

A expectativa de obter um emprego na função pública é a grande motivação que leva os jovens a aprenderem português. O sector do turismo e, sobretudo, o ramo da hotelaria constituem também saídas garantidas para os talentos multilingues que se lançam no mercado de trabalho, refere Chan Ieng Lon, director da Escola Luso-Chinesa Técnico-Profissional. Esta escola pública oferece oito cursos vocacionais em diferentes áreas, incluindo técnicas de turismo, tradução e interpretação, design e produção de moda e electrónica. “Há muita procura de bilingues, por isso, estamos sempre a motivar os alunos a aprenderem português. Com duas línguas, os residentes de Macau podem encontrar empregos de topo na indústria hoteleira e do turismo, seja no sector público ou no privado”, refere o subdirector King Ngaida. ■



À EXPECTATIVA DE OBTER UM EMPREGO NA FUNÇÃO PÚBLICA É A GRANDE MOTIVAÇÃO QUE LEVA OS JOVENS A APRENDEREM PORTUGUÊS

DESPORTO **M**



FUTEBOL

Talento lusófono atrai talento local

T LUCIANA LEITÃO F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Dos 765 futebolistas da RAEM, 118 são estrangeiros e grande parte vem de países lusófonos. A integração de jogadores de fora serve de exemplo para os locais, elevando a qualidade do desporto na RAEM



PÉ NA bola, finta o adversário, rumo à baliza. Objectivo: golo. Aliás, vários golos. Quantos mais, melhor. Para ajudar nesta missão, há cada vez mais jogadores profissionais estrangeiros a integrar as equipas locais. Vêm de segundas e terceiras divisões dos respectivos países de origem, na maioria lusófonos, em busca de maior estabilidade salarial e de um novo desafio. Os clubes que os contratam esperam que tragam qualidade e sirvam de exemplo.

Filipe Duarte, defesa central português do Sport Lisboa e Benfica de Macau, chegou a Macau há três anos vindo do Oriental, em Portugal. No país europeu, fez a formação no Sport Lisboa e Benfica e integrou a selecção nacional dos sub-15 aos sub-20. Jogou

O FUTEBOL DE MACAU FOI FUNDADO NO FIM DOS ANOS 30. NA ALTURA, ERA APENAS ASSOCIADO DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL. DEPOIS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS EM PORTUGAL, A MODALIDADE TORNOU-SE AUTÓNOMA E FILIOU-SE NA CONFEDERAÇÃO ASIÁTICA DE FUTEBOL E NA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL (FIFA)

ao lado do craque Cristiano Ronaldo, passou pelo Apollon Limassol, no Chipre, onde foi campeão. Uma lesão levou-o a uma paragem de um ano e depois de passar pelo Operário dos Açores e pelo Oriental, surgiu a oportunidade de Macau.

As condições de trabalho e de salário eram boas e por isso

tem-se mantido por aqui, mesmo sendo esporadicamente assediado por equipas como o Belenenses. Filipe afirma que há ainda alguns obstáculos à progressão do futebol local, sobretudo porque as equipas não têm o seu próprio campo, devendo usar espaços públicos para treinar. De qualquer



maneira, é otimista, já que ao longo de três anos tem vindo a assistir a uma evolução do futebol local. “Mesmo o próprio Benfica evoluiu bastante, trazendo melhores jogadores. As equipas tentam reforçar o plantel com jogadores de qualidade e trazendo treinadores de fora também”, diz.

Para Filipe Duarte, jogar ao lado de amadores, que apenas praticam futebol a tempo parcial, não é um problema, até porque o que conta é a motivação. “Falo pelo Benfica – são jogadores não profissionais, mas que quando vêm para os treinos é como se fossem”, afirma.

Niki, 26 anos, de origem portuguesa, é o avançado do Sport Lisboa e Benfica de Macau, jogando a título não profissional. Iniciou-se no futebol no território, quando tinha apenas 12 anos. “Aos 14 fui para Portugal – joguei no Estrela da Amadora, fiz lá os juniores. Joguei também no Casa Pia, Igreja Nova, em terceiras divisões”, diz, relatando um pouco do seu percurso no país europeu. Em 2011, regressou ao território para jogar como amador no Windsor Arch Ka I e agora faz parte do plantel do Benfica. “Quando cheguei a Macau, o futebol era um pouco mais fraco do que agora. Tem havido progressos, também porque os clubes têm apostado em trazer jogadores estrangeiros”, declara. Para Niki, trazer profissionais de fora é importante para desenvolver o futebol local.

Desde que regressou a Macau, procura conciliar o futebol com um trabalho a tempo inteiro. “É fácil conciliar, Macau também é pequeno – saímos do trabalho e em 20 minutos estamos no local do treino.” Quanto ao convívio com os colegas profissionais,



diz que é muito salutar até porque “aprende” muito com eles. “Queremos chegar ao nível dos profissionais e os profissionais puxam pelos amadores.”

As diferenças

Edgar Silva, natural do Brasil, chegou a Macau no fim de Setembro do ano passado e apesar das diferenças, sobretudo no que toca ao futebol, já está habituado à vida na RAEM. O jovem, que cresceu no país de Pelé e Romário, afirma que se deparou com um futebol bastante diferente daquele que é praticado no Brasil. Mas apesar de tudo considera que as condições dadas a profissionais de fora são boas.

Fez a sua carreira praticamente toda no Brasil, passando pelo Comercial de Ribeirão Preto e pelo Barretos, até que surgiu a primeira oportunidade para ingressar num clube estrangeiro, o Sporting Clube de Macau. “Foi uma oportunidade muito válida para mim, sobretudo por não ter tido antes hipóteses para sair do país.”

Agora a trabalhar como jogador num território onde o futebol é uma modalidade



Duarte Alves, director do Benfica de Macau

amadora, diz-se surpreso com a falta de afluência aos estádios, que julga serem resultado de uma fraca divulgação dos torneios existentes.

Conciliar a sua experiência com a dos jogadores locais tem sido tarefa fácil, já que os amadores “têm muita vontade de aprender”. Aliás, quando chegou, a Edgar, tal como aos outros profissionais, foi pedido que “ajudasse os locais a crescer enquanto atle-

tas”. E é isso que tem procurado fazer.

Já o capitão do Sporting Clube de Macau, Bruno Brito, natural de Portugal, acabou por vir parar à RAEM em Setembro do ano passado, depois de passar por algumas equipas lusitanas e pelo Frenaros do Chipre. Encontrou aqui uma realidade muito diferente daquela que conhecia, mas nem por isso desmoralizou. “Não temos campo para treinar, mas estamos aqui alegres e a treinar.” E, apesar de satisfeito com os resultados da sua equipa, Bruno Brito esperava ver maiores desenvolvimentos na qualidade do futebol local. “A qualidade tem-se mantido e isso não é bom.”

Por seu turno, o brasileiro Bruno Figueiredo chegou a Macau pela primeira vez em 2011, vindo do Belenenses de Portugal, numa altura em que o clube luso estava a passar por dificuldades. “Eu estava só treinando, sem dinheiro e veio essa proposta – aceitei para estar na Ásia, onde o futebol estava a crescer, em busca de outros lugares, como Tailândia, China ou Hong Kong”, afirma. Macau e o clube Monte Carlo foram a sua porta de entrada num continente com um futuro que ele considera promissor no que diz respeito ao futebol.

Depois do Monte Carlo, ainda acabou por jogar em Hong Kong, seguindo-se o Brasil. “Acabei por ir para a Polónia, depois Índia e só depois o Ka I para jogar na Bolinha”, conta.

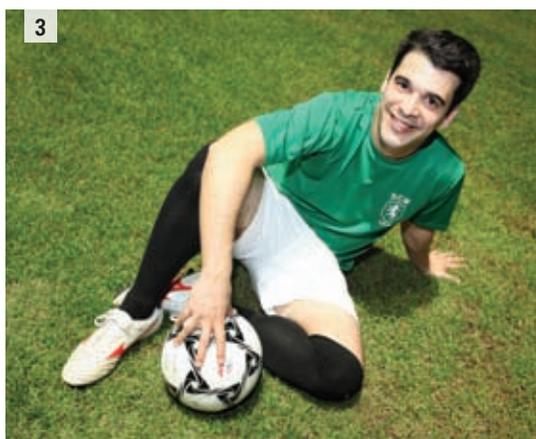
Admitindo que as dificuldades de progressão do futebol do território são muitas, Bruno Figueiredo diz que há treinadores e clubes locais com espírito profissional. “No Monte Carlo, naquela época

COMO ESTÁ ORGANIZADO O FUTEBOL EM MACAU

LIGA DE ELITE	9 equipas
SEGUNDA DIVISÃO	10 equipas
TERCEIRA DIVISÃO	11 equipas
QUARTA DIVISÃO [futebol de 7]	96 equipas
VETERANOS	13 equipas
TAÇA JÚBILO	11 equipas
JUNIORES	9 equipas



1. Comemoração do golo do Benfica que garantiu o título de campeão na última época; 2. Filipe Duarte, defesa-central, chegou a ser internacional jovem por Portugal; 3. Niki Torrão, avançado português, está há alguns anos radicado em Macau; 4. O presidente do Benfica de Macau, Leonel Alves, recebe a taça de campeão da Liga de Elite; 5. A festa de todo o plantel encarnado, depois da vitória contra o Sporting



1. César Gibelino, um dos melhores defesas-direitos a evoluir em Macau; 2. O brasileiro Edgar foi um dos jogadores mais influentes da época; 3. João Maria Pegado levou o Sporting de Macau até à luta pelo título; 4. Bruno Brito trouxe perfume ao futebol da RAEM e sagrou-se Jogador do Ano; 5. A claque sportinguista marcou presença em todos os jogos

treinávamos todos os dias; no Ka I também.” Porém, reconhece que a falta de campos próprios para treinar é um grande obstáculo.

Mais e mais profissionais

Duarte Alves, director da Casa do Sport Lisboa e Benfica em Macau, afirma que os bons resultados da equipa são fruto de um “trabalho iniciado em 2008”, altura em que começou a disputar campeonatos.

Hoje em dia, entre os 44 jogadores que fazem parte da equipa, contam-se 22 estrangeiros, reflexo de uma vontade de alcançar um nível mais profissional. “Em Macau, até já se ouve falar de jogadores profissionais na quarta divisão, coisa que em 2008 era impossível.”

Tratando-se de uma região tão pequena e com uma população limitada, Duarte Alves afirma que é necessário recrutar jogadores de fora para “ir buscar a experiência ao estrangeiro, aumentando a qualidade”. Por isso, nos últimos anos não só o Benfica mas também outros clubes locais têm recrutado bastantes profissionais. “A maioria dos outros clubes concentra-se nos jogadores brasileiros, mas o nosso objectivo é trazer de Portugal”, diz, esclarecendo que tal se deve apenas porque é mais fácil a comunicação.

Normalmente, diz Duarte Alves, vêm de uma segunda divisão ou segunda divisão B e, por algum motivo, não conseguiram subir na carreira. Da equipa do Benfica fazem parte 11 jogadores estrangeiros e o treinador, entre um total de 24. “São trabalhadores do clube, todos com *blue card* [cartão de não-residente], a trabalhar a tempo inteiro no Benfica”, explica. E vêm não só para melhorar os resultados do clube, mas

também para ajudar os locais. “Temos treino quase todos os dias, para ter tempo para estes locais poderem dar o contributo à sua equipa.”

Os segredos

Para o treinador do Sporting Clube de Macau, João Maria Pegado, a equipa, que tem vindo a obter cada vez melhores resultados, está a gozar os frutos de “uma atitude perante o treino e de um investimento maior”. E esse maior investimento traduziu-se num “reforço” da equipa, contratando-se jogadores estrangeiros, oriundos de Portugal e do Brasil, que vieram “trazer mais qualidade”.

Os profissionais são escolhidos depois do visionamento de vídeos ou em função da experiência prévia noutras equipas do território. Vêm de clubes com a “mesma dimensão financeira” que o Sporting Clube de Macau, seja a segunda ou terceira divisão brasileira, ou das distritais de Portugal. “A nossa equipa tem vindo a subir de qualidade, muito por causa desses jogadores que trouxemos.”

Agora com treinos seis dias por semana, João Maria Pegado afirma que é essa “exigência” responsável pelos bons resultados. E diz mais: se fosse treinador a tempo inteiro, todos os jogadores – e não só os profissionais – teriam treinos duas vezes por dia.

Perto de 60 por cento da equipa é composta por jogadores amadores, que nem sequer tiveram qualquer tipo de treino. “Estão no Sporting porque gostam de futebol, seria impossível impor isso a toda a equipa”, diz.

Necessidade de mudar

O presidente do Sporting Clube de Macau, António Con-

A BOLINHA

Em Macau, além do futebol de 11, continua a disputar-se o futebol de sete, ao qual se deu o nome de Bolinha. É praticado em campos de menor dimensão como o que existe no Colégio D. Bosco.

ceição Júnior, acredita que o obstáculo actual mais evidente à progressão da modalidade é a falta de infra-estruturas. “É preciso espaço para treinar e mudar para pisos sintéticos”, sugere, acrescentando: “Aliás, nós já fizemos um pedido [formal] de um relvado sintético.”

O dirigente do Sporting considera que o futebol está “com muitas dificuldades de progressão”. E sugere que se comece por reduzir o número de equipas e divisões, para que haja uma boa gestão. “Neste momento existem três divisões de futebol de onze o que é excessivo no contexto e circunstâncias do futebol de Macau. Daí, resulta uma terceira divisão que joga um campeonato a uma volta apenas, porque depois entram outras competições e ninguém lucra nada com isto, porque nada chega a ser alguma coisa”, esclarece. Assim, António Conceição Júnior considera que o futebol de Macau devia ter apenas duas divisões de onze, enquanto a actual quarta divisão, jogada em regime de futebol de sete, devia passar a ser a terceira divisão.

Sobre o investimento na equipa, António Conceição Júnior diz que a vinda de jogadores profissionais portugueses e brasileiros foi uma

mais-valia, já que “tem ajudado toda a equipa”.

A história

O futebol de Macau foi fundado no fim dos anos 30. Na altura, era apenas associado da Federação Portuguesa de Futebol. “Só depois do 25 de Abril de 1974 [Revolução dos Cravos em Portugal] é que se tornou autónomo e pôde passar a filiar-se directamente nos organismos internacionais”, afirma o presidente do Instituto do Desporto (ID), José Tavares. Veio então a filiar-se na Confederação Asiática de Futebol e posteriormente passou a fazer parte da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Mas foi em plenos anos 40, altura em que as verbas atribuídas eram escassas, que o futebol começou a dar os primeiros passos. “Os militares deram o seu apoio, o campeonato era bastante competitivo”, diz.

A primeira equipa profissional surgiu nos anos 80 pelas mãos do empresário

António Assumpção. Chamava-se Negro Rubro. “Já naquela época tinham dois milhões e tal de patacas de orçamento, o que não é brincadeira nenhuma”, destaca José Tavares.

Surgiram depois outros clubes “importantes”, como o Lam Pak e mais recentemente tem ocorrido uma “grande evolução”. “O reaparecimento do Benfica veio dar uma nova fisionomia ao desporto local, especialmente ao futebol”, diz, acrescentando: “O futebol agora tem equipas locais com jogadores internacionais, é bem mais competitivo do que há 15 anos. É bom, mas também temos de assegurar os lugares para os locais.”

Quanto à intervenção do ID na evolução da modalidade, José



José Tavares, presidente do Instituto do Desporto

Tavares assegura que garante subsídios para a Associação de Futebol de Macau. “Não é para os clubes, os clubes financiam-se a si próprios, como acontece em Portugal. Os nossos subsídios são para uso da associação na organização de campeonatos territoriais, no enquadramento técnico que precisam – contratação de treinadores, árbitros e também na participação em algumas competições internacionais, além de assegurar os treinos”, esclarece.



Chong Coc Veng, presidente da Associação de Futebol de Macau

Assumindo que faltam instalações aos clubes para proceder aos treinos, José Tavares afirma que essa é uma condicionante de Macau, dada a dimensão física limitada do território. E que sem esses campos é também difícil apostar na formação.

De qualquer maneira, José Tavares acredita que os primeiros passos estão a ser dados, com algumas equipas a recrutar jogadores de certo nível para elevar a qualidade do desporto. “Outro passo é todas as equipas fazerem o mesmo.”

Uma outra condicionante de Macau é a “falta de cultura clubística”. “Não temos centenas de milhares de sócios a pagar quotas. Quando o homem que cria o clube morre, morre o clube, normalmente.”

Um jogador que faz parte da história

Daniel Pinto, natural de Cabo Verde, chegou a Macau nos anos 80, depois de ter representado a Académica de Coimbra em Portugal, para jogar no Negro Rubro, e por aqui ficou. Macau teve um período áureo durante os anos 80, altura da fundação da equipa Negro Rubro. “A selecção de Macau era temida;

Hong Kong vinha jogar com Macau e trazia a melhor equipa; Cantão também”, recorda.

Com o decorrer do tempo, o Negro Rubro acabou. “Faltou dinheiro e faltou o António de Assumpção.” Mas Daniel Pinto não desistiu e continuou em Macau, passando por clubes como o Wá Seng, Chong Son, Sporting e, até mesmo, o Benfica. “Foram momentos agradáveis, com vários títulos. Criei raízes em Macau.”

Acabou por se tornar treinador a tempo parcial, quase acidentalmente. “Não estava nos meus planos. Joguei pelo Porto, subimos à primeira divisão, depois surgiu o convite para treinar o Porto e foi isso que aconteceu.” Mais recentemente, foi treinador por pouco tempo do Benfica.

Olhando para a história do futebol de Macau, Daniel Pinto afirma que o facto de faltar aos locais o “espírito de entrega e de querer ser alguém no futebol”, muitas vezes condiciona a evolução da modalidade. Por isso, aprova a 100 por

cento a integração de profissionais estrangeiros em todas as equipas de Macau.

Um plano para o futebol juvenil

Segundo o presidente da Associação de Futebol de Macau, Chong Coc Veng, actualmente não há grandes problemas a dificultar a progressão da modalidade no território. Com o seu grande objectivo a ser a promoção da formação juvenil, o dirigente revela que está actualmente a ser negociado um projecto-piloto com a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ). “Estamos a implementar um plano trabalhando com a DSEJ para combinar o campeonato escolar com o campeonato de futebol de Macau, para ser mais abrangente.”

O presidente revela também que estão a discutir com o ID uma forma de seleccionar, junto da escola de futebol juvenil do ID, indivíduos que integrarão uma equipa de elite. Porém há muitas dificuldades, considerando que há ainda

poucos jovens a quererem prosseguir com o futebol.

Quanto ao carácter amador do futebol de Macau, o dirigente afirma que “o profissionalismo não significa necessariamente o melhor para a modalidade”, até porque “é mais importante promover o espírito do que a parte técnica”.

E é na formação juvenil que o treinador brasileiro José Arlindo Filho, mais conhecido por Josecler, vê grandes lacunas. Por isso, é nisso que tem apostado ao longo dos últimos anos. O antigo jogador é agora coordenador da escola do São Paulo Futebol Clube em Macau.

No que toca à formação, Josecler afirma que apesar das escolas existentes continua a faltar competição. “Sem campeonato, quando chega aos 12 anos, acaba-se o futebol”, afirma. Neste momento, através da escola do São Paulo espera trabalhar com meninos dos 15 aos 17 anos, de forma a constituir uma equipa da quarta divisão e, progressivamente, ir subindo de categoria. ■



Josecler, treinador brasileiro, é hoje coordenador da escola do São Paulo Futebol Clube em Macau

ícones **C**hineses

CRIADO PARA TRANSPORTAR VELHOS E DOENTES, O PALANQUIM CHINÊS REINOU ATÉ AO SÉCULO XX, FAZENDO AS PREFERÊNCIAS DE RICOS E PODEROSOS. ABERTO OU FECHADO, COMO CADEIRINHA OU LITEIRA, ESTE MEIO DE TRANSPORTE VINGOU NOS QUATRO CANTOS DO MUNDO E ENTROU NA EUROPA PELA MÃO DOS PORTUGUESES

Em Macau, o palanquim foi o primeiro meio de transporte local e era fundamental para a harmonia da paisagem social do século XVII, sobretudo a feminina, cuja presença era esmagadora em Macau. Como descreveu o viajante inglês Peter Mundy, que aqui se demorou cerca de seis meses em 1637, as mulheres mais abastadas usavam palanquins ricamente decorados, o que era de todo conveniente pois era norma não serem vistas em público. Os homens de Macau também eram fãs da cadeirinha mas na temporada de negócios que passavam em Cantão, não estavam autorizados a usar o palanquim. Eram ordens

dos chineses que também os impediam de levar mulheres ocidentais para a China, aprender chinês ou negociar com outros mercadores que não os *hongs*. Apesar de rapidamente se renderem aos seus encantos, dado o acidentado do terreno e a falta de saneamento das ruas, os ocidentais não se perdiam de amores pelo palanquim à chegada a Macau. Muitos consideravam que implicava um esforço desumano para os carregadores, que podiam ser homens ou mulheres, entre dois a oito para se revezarem se a viagem fosse longa ou difícil.

Quanto maior fosse o número de carregadores e mais apurados estes se apresentassem, mais elevado era o estatuto do seu dono. O palanquim dos ricos e poderosos era assim como um automóvel de luxo que se faz notar à passagem e imediatamente dá nota da importância do passageiro. A cadeirinha manteve-se útil até ao século XX, quando atingiu o pico de popularidade em Macau, apesar do riquesó – que só tomou conta das ruas após a II Guerra Mundial – ser hoje a imagem de marca destas terras exóticas. Em Hong Kong era igualmente importante, tanto que o



PALANQUIM CHINÊS (轎, JIAO)

advogado português Leo D'Almada e Castro acreditava que, por alguma razão, no século XX “andar a pé implicava perder a face”. Na China o palanquim teve um percurso acidentado e o registo mais antigo da sua presença no Império do Meio data dos primórdios da Dinastia Qin (221 a.C. – 206 a.C). Como na Índia e no Egipto, transportou os mais importantes e alguns palanquins eram de tal forma elaborados que chegavam a incluir uma cama e uma tenda. Mas consta que foi banido das ruas chinesas no tempo de Mao Tse-tung (anos 50 do século passado), ainda que haja quem



alegue que apenas caiu em desuso graças aos avanços tecnológicos. Apesar de ter perdido lugar de destaque na China, a verdade é que a liteira continuou bem presente nas cerimónias religiosas ou de grande importância para a família, como os casamentos, sobretudo nas zonas rurais. A tradição do palanquim da noiva manteve-se bem viva até aos anos 60 do século passado. Hoje em dia, as cadeirinhas são sobretudo utilizadas por turistas em busca de uma experiência diferente nas suas visitas aos locais de eleição da

China, como é o caso das Montanhas Huangshan, na província de Anhui.

ETIMOLOGIA

A palavra “palanquim” é de origem malaia (*pal gki*) e só entrou no vocábulo português por volta de 1530. O termo foi depois adoptado noutros países europeus, como *palanquin* em Inglaterra e em França, ou *palankin* na Alemanha. Mas há quem discorde desta teoria e estabeleça uma relação entre esta palavra e o latim *phalanga* que significa “bastão de carregador”. A acreditar nesta versão, terão sido os portugueses a levar o termo para Malaca e não ao contrário.



T
A
R
I
A
:
F
E
L
I
X
:

ALFAIATARIA FÉLIX
縫製師裁名港

VAGEM POR MACAU



"Alfaiataria Félix", fotografia de Harry Redl (1963)

RECENSÃO

Viagem por Macau reeditada e melhorada

T TEREZA SENA

Centro de Estudos das Culturas Sino-Occidentais, Instituto Politécnico de Macau

CECÍLIA JORGE e R. Beltrão Coelho lançaram-se há cerca de 30 anos na aventura da descoberta e redescoberta, colecção e estudo de textos, imagens e biografias de viajantes estrangeiros que visitaram Macau, reunindo um corpus documental de vulto que indiscutivelmente integra o património literário de Macau. É um projecto de vida que têm divulgado na imprensa; nesta Revista entre 1992 e 2004; em álbuns e exposições fotográficas que produziram, e na obra *Viagem por Macau*, agora com nova edição, em quatro volumes, corrigida e ampliada, uma parceria da editora Livros do Oriente com o Instituto Cultural.

Acrescenta esta edição 36 títulos à anterior, em dois volumes, publicada em 1997 e 1999 com o título *Viagem por Macau: Comentários, descrições e relatos de autores estrangeiros (séculos XVII a XIX)*, que teve circulação algo restrita. Passa a abranger também parte do século XX, incluindo substancial desenvolvimento das biografias dos autores citados, embora, e compreensivelmente já que de uma obra de divulgação se trata, por recurso a obras de referência geral e não ao vas-

tíssimo mundo da bibliografia especializada.

Se não é já uma edição de luxo cartonada e forrada a seda como a anterior, a qualidade gráfica e estética mantém-se, sendo de referir o *design* das capas que ao longo dos volumes vão sendo animadas com retratos dos autores e ilustrações inclusas nas obras, da autoria de João Jorge Magalhães, e a redução da dimensão (e peso!) dos volumes, o que sem dúvida facilita a leitura.

Viagem por Macau reúne excertos de 95 obras publicadas em livro (apenas), de carácter não historiográfico, produzidas por viajantes estrangeiros – leia-se, ocidentais

não portugueses –, que, por uma razão ou outra, passaram por Macau em visita breve, nela residiram temporariamente ou até se lhe referiram a partir de conhecimento indirecto. Contemplando obras que vão do século XVII à primeira metade do XX, a maior parte dos títulos concentra-se nos séculos XIX (60 por cento) e XX (21 por cento) e limitam-se aos publicados nas línguas francesa, inglesa, espanhola, italiana, alemã e neerlandesa. Ao texto original junta-se uma cuidada versão portuguesa.

A organização também diverge. À divisão inicial agrupando os textos de acordo com a natureza da viagem (embaixadas,



VIAGEM POR MACAU

missões, expedições, etc.), preferiram os editores uma ordenação meramente cronológica ditada pela data da publicação da obra utilizada, critério que merece alguma discussão.

Ainda que esta ordenação cronológica seja mais flexí-

vel e proporcione uma visão mais panorâmica e sincrônica da matéria seleccionada, é também passível de algumas inconsistências, que aqui não cabe precisar. Por isso, e para a sua melhor utilização como obra de referência, seria de-

sejável maior precisão na datação (mesmo por recurso à datação crítica) dos excertos seleccionados, tal como na passagem dos respectivos autores por Macau, tal como a introdução de um índice remissivo.

Imaginário ocidental

Como já tem sido abundantemente referido, estes testemunhos veiculam quase sempre uma imagem negativa, crítica, depreciativa de Macau e das suas gentes, da política à economia, religião e sociedade, pelo que aqui não o repetirei, remetendo o leitor para a esclarecedora “Introdução” da obra.

Salvam-se a beleza da paisagem, a bondade do clima, a pacatez e a tranquilidade do lugar, os luxos e prazeres que nela se podiam desfrutar, o exotismo de edifícios, templos, trajes e cultos das suas gentes. Imortaliza-se, assim, de par com a referida crítica e, algo paradoxalmente, a imagem de uma Macau luxuosa, exótica, requintada, por via de uma literatura artificial, romântica e aventureira que fez escola; da iconografia, mas também de relatos orais que foram sendo perpetuados pela tradição familiar. Cria-se o estereótipo que passa a integrar o imaginário ocidental, que ainda hoje persiste e compõe a sacola do turista ocidental que a visita, do jornalista que a procura e, mesmo até, do escritor ou do investigador que a quer desvendar.

É a conflitualidade europeia transposta para o cenário asiático, a concorrência mercantil, religiosa e territorial que, desde os seus primórdios, torna Macau num centro de convergência da crítica ocidental

GONÇALO LOBO PINHEIRO





VIAGEM POR MACAU

"A capela do Grande Templo em Macau", gravura original de Thomas Allom



VIAGEM POR MACAU

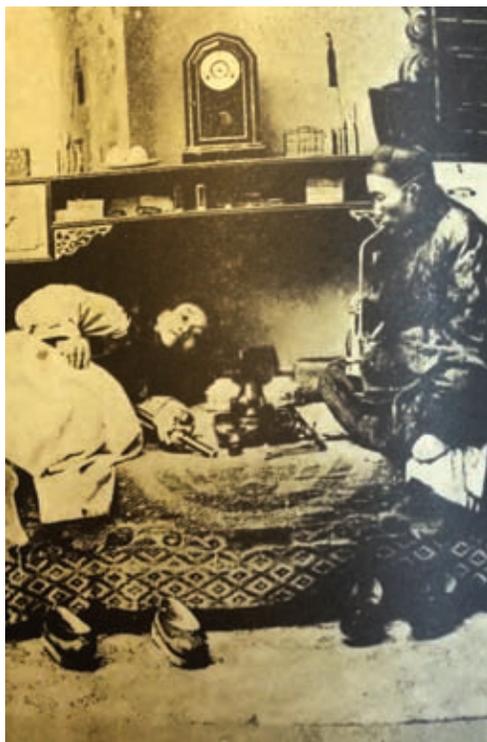
"Macau vista da colina da Penha", desenho de William Heine

VIAGEM POR MACAU REÚNE EXCERTOS DE 95 OBRAS PUBLICADAS EM LIVRO (APENAS), DE CARÁCTER NÃO HISTORIOGRÁFICO, PRODUZIDAS POR VIAJANTES ESTRANGEIROS - LEIA-SE OCIDENTAIS, NÃO PORTUGUESES - QUE, POR UMA RAZÃO OU OUTRA, PASSARAM POR MACAU EM VISITA BREVE, NELA RESIDIRAM TEMPORARIAMENTE OU ATÉ SE LHE REFERIRAM A PARTIR DE CONHECIMENTO INDIRECTO

VIAGEM POR MACAU



“Bonzos do pagode de Mong-Há”, de Comte de Beauvoir (1875)



Fumando ópio (extraído do livro “The Spell of China” - 1912)

face à frustração das suas tentativas de penetração, fixação e acesso directo ao mercado e espaço chineses, privilégios que os portugueses de Macau (reinóis, luso-descendentes e aculturados) guardaram cuidadosamente, que nesta colectânea vemos representada, demonstrando também um total desinteresse e incapacidade de compreensão do estatuto de Macau.

Não estamos, nem ele o pretende ser, perante um trabalho exaustivo ou, sequer, acabado já que se trata – como referi – de um projecto, ditado pela lógica e perspectiva do coleccionador, que todos reconhecemos em Beltrão Coelho e Cecília Jorge, mas também fortemente influenciado por uma visão europeia (anglófona e francó-

fona, sobretudo) da literatura e escritas de viagem, aventura, positivista e etnocêntrica veiculada pelo explorador, marinheiro, comerciante, diplomata, “repórter”, viajante, cientista dos séculos XVIII e XIX, que também dominam, como sabemos, o mercado do livro raro internacional.

Para trás ficara a postura experimentalista e humanista

do explorador, navegador, viajante meridional (português, espanhol e italiano, sobretudo) e, por vezes até do missionário, de percepção e apreensão da alteridade, à medida que multiplicava a sua experiência pelo espaço geográfico, tão comum nos séculos precedentes. Davam-se então os primeiros passos no conhecimento e descrição da China (incluindo

CRIA-SE O ESTEREÓTIPO QUE PASSA A INTEGRAR O IMAGINÁRIO OCIDENTAL, QUE AINDA HOJE PERSISTE E COMPÕE A SACOLA DO TURISTA OCIDENTAL QUE A VISITA, DO JORNALISTA QUE A PROCURA E, MESMO ATÉ, DO ESCRITOR OU DO INVESTIGADOR QUE A QUER DESVENDAR



Palácio do Governo em 1920 (foto do arquivo Livros do Oriente)



Hotel Central em 1930 (foto do arquivo Livros do Oriente)

Macau) e do conhecimento sinológico, a que a sinologia moderna tanto deve, mas que tanto esquece, o que aqui não me é possível detalhar.

Uma “arca” de conhecimentos

Contributo importante para a história do livro, da edição e da iconografia, aspectos que cada vez mais vão prendendo a atenção de estudiosos, investigadores e especialistas do mercado livreiro, trata-se de uma obra de divulgação séria e fundamentada, mas que, e por isso mesmo, é passível de ser re-utilizada e exponeciada de outras formas, como aliás é reconhecido pelos seus compiladores. Uma “arca” que espero não fique no sótão.

Limitações de espaço não

me permitem desenvolver muitos dos aspectos e reflexões que a obra suscita, tal é a vastidão do tema e a diversidade das perspectivas que os textos nela compilados abrem, o que reservo para outra sede. Contudo, há um deles que ainda gostaria de referir, tendo sobretudo em vista a possibilidade de extensão dum projecto desta natureza, naturalmente que com outros meios, atendendo à anunciada vontade institucional de criação de um Museu da Literatura de Macau.

Independentemente da discussão em torno do conceito de “estrangeiro” que tem, como sabemos, diferentes conotações de acordo com a perspectiva em que nos colocamos, há todo um outro universo que cruza este. Refiro-

-me aos visitantes asiáticos, comerciantes, diplomatas, políticos, escritores, jornalistas, espíões e contrabandistas que também visitaram e viveram em Macau ou nela exerceram a sua actividade até enquanto parceiros comerciais, nomeadamente no período em que se concentram os textos reunidos nesta colectânea.

Constituirão decerto mais uma das vertentes desse universo de Macau tema ou objecto literário (no sentido lato) que urge explorar de forma inovadora, restituindo-lhe a sua dimensão verdadeiramente universal enquanto ponto de cruzamento de rotas, mundos e civilizações, que simultaneamente lhe garante a diferença e a identidade por que a cidade quer e deve pugnar. ■

SONS DOS QUATRO CANTOS DO MUNDO

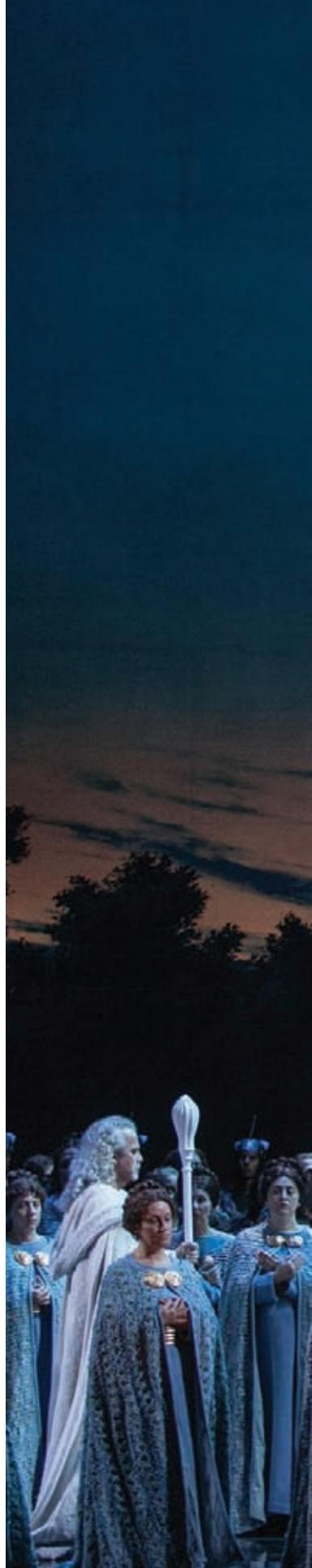
Na sua 28.^a edição, o Festival Internacional de Música de Macau (FIMM) aposta forte na música de câmara. Artistas e músicos dos quatro cantos do mundo realçam a diversidade do cartaz que se estende por quase um mês, de 3 de Outubro a 1 de Novembro. Além de espectáculos, há ainda espaço para *workshops* de jazz, *masterclasses* de violino e canto e aulas de teatro musical para crianças

A Orquestra Filarmónica de São Petersburgo e Laurie Anderson são dois dos principais nomes da 28.^a Festival Internacional de Música de Macau (FIMM). Portugal estará representado pelo Coro Gulbenkian, que este ano comemora o seu cinquentenário. Dos 25 espectáculos que animam a cidade entre 3 de Outubro e 1 de Novembro, o destaque vai para a ópera *Norma*, de Vincenzo Bellini, produzida pelo Teatro Regio Torino e conta com o Coro Lirico Siciliano.

A Orquestra Filarmónica de São Petersburgo é outra das estrelas deste ano. Terá direito a dois concertos, com repertórios diferentes: a 14 de Outubro tocará *Romantismo Russo*, de Tchaikovsky a Rachmaninov, e no dia 15 mostra *Contos da Rússia*. Num cartaz muito variado em géneros e estilos, Laurie

Anderson é outra cabeça-de-cartaz. A cantora e compositora norte-americana leva à Fortaleza do Monte, a 18 de Outubro, *A Linguagem do Futuro*.

O Instituto Cultural salienta que a 28.^a edição faz uma aposta na música de câmara, com vários espectáculos do género: a formação I Musici, de Itália, apresenta *As Quatro Estações* de Vivaldi e o Quarteto Xangai interpreta obras para cordas de Haydn a Schubert. Na lógica dos concertos mais intimistas, insere-se ainda o pianista polaco Zygmunt Krauze, a música à capela das americanas Anonymous 4 e as irmãs Parnas. Também na chamada música erudita, o quinteto de sopros Canadian Brass e, numa perspectiva mais local, as actuações das duas orquestras de Macau – a de câmara e a chinesa.





3 e 5 de Outubro ⌚ 19h30

○ **Norma**
Ópera em 2 Actos de Vincenzo Bellini
 Centro Cultural de Macau
 Bilhetes MOP 600, 500, 400, 300, 200

8 de Outubro ⌚ 20h00

Petite Messe Solennelle de Gioachino Rossini
Coro Lirico Siciliano (Itália)
 Igreja de S. Domingos
 20:00
 Entrada com bilhete gratuito

9 de Outubro ⌚ 20h00

○ **Dominic Miller Band (Argentina)**
 Fortaleza do Monte
 Bilhetes MOP 80

9 de Outubro ⌚ 19h00

11 de Outubro ⌚ 20h00

Il Don Chisciotte - Intermezzo
de Giovanni Battista Martini
Teatro Comunale di Bologna (Itália)
 Teatro Dom Pedro V
 Bilhetes: MOP 250, 200

10 de Outubro ⌚ 21h00

11 de Outubro ⌚ 15h00

12 de Outubro ⌚ 20h00

Il Maestro di Musica - Intermezzo
de Giovanni Battista Martini
 Teatro Comunale di Bologna (Itália)
 Teatro Dom Pedro V
 Bilhetes MOP 300, 250

11 de Outubro ⌚ 20h00

○ **Trio Aaron Goldberg (EUA)**
 Fortaleza do Monte
 Bilhetes MOP 80

11 e 12 de Outubro ⌚ 20h00

Orquestra Chinesa de Macau
convida George Lam
 Centro Cultural de Macau
 Bilhetes MOP 500, 400, 300, 200

12 de Outubro ⌚ 15h00, 20h00

A Descoberta da Música
duo parnas (EUA)/Associação
de Artes Pequena Montanha
 Auditório do Conservatório de Macau
 Bilhetes MOP 100

ÓPERA ITALIANA COM APOIO LOCAL

Vincenzo Bellini criou uma fusão de melodias sublimes, desafio vocal e poder dramático. Tudo gira à volta da personagem principal, Norma, uma mulher poderosa que comprometeu os seus ideais por amor, para no fim ser traída pelo seu amante. À actuação junta-se associa a Orquestra de Macau, sob a direcção de Lù Jia.



JAZZ E NÃO SÓ

Nascido na Argentina e educado nos EUA e na Europa, Dominic Miller já gravou com estrelas de rock como Phil Collins, Sheryl Crow, Peter Gabriel, Tina Turner e Rod Stewart. Miller traz aos palcos de Macau uma selecção de temas do seu novo álbum ad hoc, que combina elementos do jazz moderno, electrónica, folk acústico, música clássica contemporânea e música do mundo.

PIANO, BAIXO E BATERIA EM PALCO

Vencedor de inúmeros prémios e bolsas, Aaron Goldberg colaborou em mais de 75 álbuns. Há mais de uma década que o Trio Aaron Goldberg deslumbra audiências em todo o mundo, sendo as suas actuações conhecidas pela intensidade, imaginação sem limites, sensibilidade requintada e alma profunda.



13 de Outubro ☉ 20h00

duo parnas (EUA)
Teatro Dom Pedro V
Bilhetes MOP 250, 200

14 de Outubro ☉ 20h00

○ **Romantismo Russo**
Orquestra Filarmónica de S. Petersburgo (Rússia)
Centro Cultural de Macau
Bilhetes MOP 680, 580, 480, 300

15 de Outubro ☉ 20h00

Contos da Rússia
Orquestra Filarmónica de S. Petersburgo (Rússia)
Centro Cultural de Macau
Bilhetes MOP 680, 580, 480, 300

15 de Outubro ☉ 20h00

○ **Música Sacra do Alto Barroco ao Romantismo Francês**
Coro Gulbenkian (Portugal)
Igreja de S. Domingos
Entrada com bilhete gratuito

16 de Outubro ☉ 20h00

Música Portuguesa dos sécs. XVII e XX
Coro Gulbenkian (Portugal)
Centro Cultural de Macau
Bilhetes MOP 250, 180, 120

17 e 18 de Outubro ☉ 20h00

19 de Outubro ☉ 15h00
Sizhu de Jiangnan
Orquestra Chinesa do Grupo de Artes Performativas da Província de Jiangsu (Interior da China)
Casa do Mandarin
Bilhetes MOP 120

18 de Outubro ☉ 20h00

○ **A Linguagem do Futuro**
Laurie Anderson (EUA)
Fortaleza do Monte
Bilhetes MOP 80

18 de Outubro ☉ 20h00

Meditador
Orquestra de Macau
Centro Cultural de Macau
Bilhetes MOP 200, 150, 80



○ **A GLORIOSA MÚSICA DA RÚSSIA**

O agrupamento sinfónico mais antigo da Rússia, fundado em 1882, vem a Macau sob a batuta do Maestro Yuri Temirkanov para celebrar a gloriosa música da Rússia.



○ **EXPLORAÇÃO MULTIMÉDIA**

Laurie Anderson, uma das mais notáveis cantoras no actual panorama artístico e cujos talentos se estendem através das artes visuais, fotografia, escrita, bandas sonoras de cinema, é especialista em explorar a cultura contemporânea por meio de actuações multimédia inovadoras. ficar a conhecer o charme da música desta artista tão versátil.



○ **VIAGEM PELA MÚSICA SACRA**

No ano em que celebra o seu cinquentenário, o Coro Gulbenkian regressa a Macau com dois concertos: na Igreja de São Domingos e no Centro Cultural, sob a batuta do maestro Michael Corboz.

19 de Outubro ☉ 20h00

Brilho Deslumbrante
Orquestra Chinesa de Taipé
 Centro Cultural de Macau
 Bilhetes MOP 200, 150, 80

24 de Outubro ☉ 20h00

Óscares e Fantasia de Desenhos Animados
I Musici (Itália)
 Teatro Dom Pedro V
 Bilhetes MOP 250, 200

25 de Outubro ☉ 20h00

As Quatro Estações
I Musici (Itália)
 Teatro Dom Pedro V
 Bilhetes MOP 250, 200

26 de Outubro ☉ 20h00

Graça e Glória
Anonymous 4 (EUA)
 Igreja de S. Domingos
 Entrada com bilhete gratuito



REGRESSO AO MISTICISMO RELIGIOSO

As quatro cantoras juntaram-se em 1986 com o objectivo de cantarem canto medieval e polifonia – tradicionalmente cantados por vozes masculinas. Quase trinta anos mais tarde, não apenas gravaram mais de 20 álbuns coroados de êxito, mas também receberam os mais prestigiantes prémios da indústria da música.

28 de Outubro ☉ 20h00

Antologia
Anonymous 4 (EUA)
 Centro Cultural de Macau
 Bilhetes MOP 250, 200

29 de Outubro ☉ 20h00

Quarteto Xangai
 Teatro Dom Pedro V
 Bilhetes MOP 250, 200

30 de Outubro ☉ 20h00

Recital de Piano por Zygmunt Krauze (Polónia)
 Teatro Dom Pedro V
 Bilhetes MOP 250, 200

30 de Outubro ☉ 20h00

Canadian Brass (Canadá)
 Centro Cultural de Macau
 Bilhetes MOP 250, 200

29 de Outubro e 1 de Novembro ☉ 20h00

Hairspray - O Musical
Bronowski Productions Ltd. (Reino Unido)
 Centro Cultural de Macau
 Bilhetes MOP 500, 400, 300, 200

O MELHOR DA BROADWAY

Esta peça de teatro musical leva o público ao ambiente racialmente carregado de Baltimore em 1962, e segue os sonhos de uma bailarina corpulenta de 15 anos de idade num programa televisivo de dança local. Em 2003 Hairspray ganhou oito Prémios Tony e dez Prémios de Teatro Desk e em 2007 o espectáculo foi adaptado para o cinema.





Sizhu de Jiangnan



Canadian Brass

ACTIVIDADES COMPLEMENTARES

• CONVERSAS PRÉ-ESPECTÁCULO

Romantismo Russo

Orquestra Filarmónica de São Petersburgo

Orador: Dennis Wu, crítico musical (Hong Kong)

14 de Outubro ☉ 18h45

Centro Cultural de Macau

• CONTOS DA RÚSSIA

Orquestra Filarmónica de São Petersburgo

Orador: Dennis Wu, crítico musical (Hong Kong)

15 de Outubro ☉ 18h45

Centro Cultural de Macau

• SIZHU DE JIANGNAN

Orquestra Chinesa do Grupo de Artes Performativas de Jiangsu

Oradores: Wang Aikang, Director do Agrupamento de Música Nacional do Grupo de Artes Performativas da Província de Jiangsu; Zhu Changyao, membro da Orquestra Chinesa do Grupo de Artes Performativas de Jiangsu; Gu Guanren, compositor a nível nacional

17, 18 e 19 de Outubro ☉ 19h00

Casa do Mandarin

• ANTOLOGIA

Anonymous 4

Orador: Leon Chu, Director Artístico e maestro do coro da Universidade Chinesa de Hong Kong (Hong Kong)

28 de Outubro ☉ 18h45

Centro Cultural de Macau

• MASTER CLASSES

Violino e Violoncelo

Com as norte-americanas

Madalyn Parnas e Cicely Parnas

14 de Outubro ☉ 19h30

Conservatório de Macau

• CANTO A CAPPELLA

Com membros dos Anonymous 4

25 de Outubro ☉ 16h00

Centro Cultural de Macau

• CONVERSAS COM ARTISTAS

Laurie Anderson

17 de Outubro ☉ 19h00

Auditório do Museu de Macau

Membros do grupo Canadian Brass

29 de Outubro ☉ 19h00

Centro Cultural de Macau

WORKSHOPS DE JAZZ

Depois do sucesso de adesão da edição passada, o FIMM volta este ano a promover workshops de jazz com o mestre português Zé Eduardo e o seu grupo. A grande novidade é a criação de grupos de acordo com níveis – do básico ao avançado – com duração de um mês e a possibilidade de iniciar jovens a partir dos oito anos no mundo musical, com o curso de “Mini Jazz”.



OS VELHOS BONS TEMPOS DA PUBLICIDADE

Os calendários ilustrados foram um veículo de publicidade muito popular no início do século XX e Guan Huinong (1878–1956), natural de Nanhai, na Província de Guangdong, era um verdadeiro mestre desta arte. Uma selecção das suas melhores ilustrações está agora patente até 28 de Dezembro no Museu de Arte de Macau

Moda, episódios históricos, personagens literários ou mitologia chinesa. Todos temas que caracterizavam a publicidade chinesa no início do século XX e que tinham nos calendários a sua principal forma de expressão. Os cartazes combinavam técnicas de pintura tradicional chinesa, de desenho ocidental, de aguarela e litografia, revelando um estilo bem distinto. Estas ilustrações que combinavam engenhosamente arte e negócio lograram uma resposta imediata e entusiástica do público. Graças às técnicas de litografia, um método popular de reprodução de imagens em grande volume, os cartazes-calendário tornaram-se rapidamente populares na China e no estrangeiro. No dealbar do século XX,



EXPOSIÇÕES

muitos calígrafos e pintores famosos como Gao Jianfu, Ge Xianglan e Xie Zhiguang juntaram-se à tendência. Mas foi sobretudo Guan Huinong (1878–1956) que deu a esta arte um novo impulso.

A arte estava no sangue de Guan Huinong. O seu bisavô, Guan Zuolin, já era um conhecido artista no século XIX com pinturas de exportação em Cantão. Conhecido entre os estrangeiros como “Lamqua”, Zuolin foi discípulo de George Chinnery, o pintor inglês então baseado no Sul da China. Desta forma, desde tenra idade Huinong aprendeu técnicas de pintura ocidental que lhe foram transmitidas em família, dominando desde cedo a técnica de composição de luz e sombra, bem como da perspectiva.

Mais tarde, estudou com o pintor chinês Ju Lian (1828–1904), um grande mestre da escola de Lingnan, aperfeiçoando as técnicas de pincelada e a sua paleta. A peculiar técnica ‘pó-e-água’ de Ju Lian, em que se mistura água ou pó ao pigmento húmido para criar maior efeito, influenciou muito Huinong que viria a aplicá-la às suas ilustrações de calendários.

Em 1905, Guan Huinong mudou-se para Hong Kong e dedicou-se a pintar cartazes publicitários e a conceber imagens de marca, criando ilustrações para calendários. Os seus trabalhos combinavam um toque chinês *xie yi* (estilo livre) com uma abordagem “realista” à ocidental, abrindo assim novos caminhos aos ilustradores de calendários.

O seu cartaz *Duas Jovens*, para a empresa de cosméticos Kwong Sang Hong, tornou-se extremamente popular e é hoje considerado um dos cartazes icónicos do século XX. E assim Huinong tornou-se conhecido como o “rei dos calendários”.

ILUSTRAÇÕES PARA CALENDÁRIO DE GUAN HUINONG

MUSEU DE ARTE DE MACAU, PISO 1
ATÉ 28 DE DEZEMBRO
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
☎ 10H00 – 18H00
ENTRADA LIVRE

PARA VER



O mundo através dos olhos de uma criança

Na edição deste ano do *Children's Artland*, o Armazém do Boi transporta os visitantes ao mundo das crianças, a exhibir obras que realçam a ingenuidade e as traquinices da infância.

ATÉ 24 DE NOVEMBRO
ARMAZÉM DO BOI, AVENIDA DO CORONEL MESQUITA
DIARIAMENTE, EXCEPTO TERÇAS-FEIRAS
ENTRADA LIVRE



World Press Photo 2014

A exposição World Press Photo 2014, com o trabalho premiado de 53 fotógrafos de 25 nacionalidades, vai estar patente em Macau a partir de 10 de Outubro na Casa Garden. Entre as fotos premiadas vai poder ser vista a vencedora da edição deste ano, intitulada *Signal*, de John Stanmeyer, que mostra migrantes africanos na costa de Djibouti à noite, erguendo os seus telefones numa tentativa de captar um sinal barato da vizinha Somália.

ATÉ 31 DE OUTUBRO
CASA GARDEN, PRAÇA DE LUÍS DE CAMÕES
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
ENTRADA LIVRE



Artesanato Vivo dos Nossos Antepassados Exposição de Relíquias Arqueológicas da Taipá e Coloane

Entre 1973 e 2006 foram realizadas em Hác-Sá, em Coloane, cinco escavações arqueológicas, com achados que datam de há milhares de anos. Nesta exposição, é apresentada uma colecção de achados e relíquias descobertos no decurso de várias escavações arqueológicas realizadas ao longo dos últimos 30 anos.

ATÉ 31 DE DEZEMBRO
MUSEU DA HISTÓRIA DA TAIPA E COLOANE
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
ENTRADAS A MOP 5

MACAU VISTO DE FORA

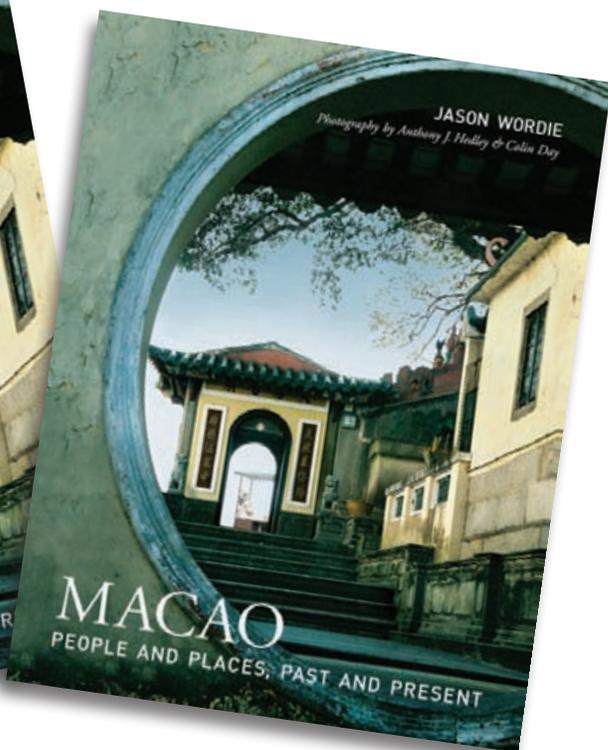
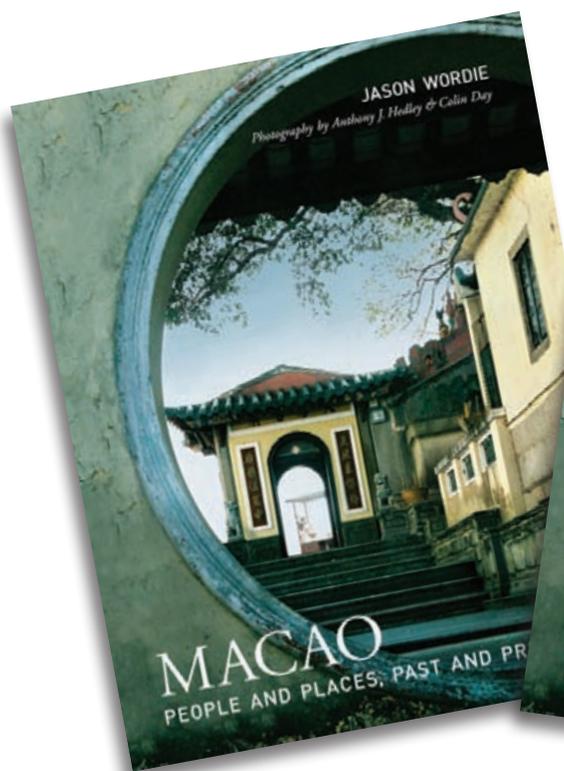
Macao People and Places, Past and Present é um livro que oferece a visão de alguém que vive fora mas que nunca desistiu de conhecer por dentro as múltiplas facetas de Macau. Através de uma narrativa de viagem por bairros, pátios, ruas e becos, o historiador de Hong Kong Jason Wordie mostra a cidade pela qual se apaixonou há 25 anos

T CLÁUDIA ARANDA

Macao People and Places, Past and Present é sobretudo uma visão de quem um dia chegou, viu e apaixonou-se pelas múltiplas camadas que esta cidade oferece para explorar. O resultado é um guia, um livro de consulta, que condensa em mais de 400 páginas textos, fotografias e narrativas sobre a cidade, com detalhes históricos que remontam ao século XVI.

O historiador e escritor Jason Wordie visitou Macau pela primeira vez em 1988 e conta que nunca mais deixou de querer regressar a esta pequena península da China, com as suas duas ilhas, Taipa e Coloane. Ao longo de 25 anos o escritor, que vive em Hong Kong e escreve semanalmente artigos de opinião para o diário local *South China Morning Post*, encontrou sempre qualquer coisa nova e inesperada neste pequeno e relativamente preservado aglomerado urbano.

Os capítulos do livro organizam-se de acordo com a geografia de viagem que Wordie entendeu oferecer aos leitores. Começa nas Portas do Cerco, que foi durante séculos o portão de entrada e saída para o



Interior do País, e prossegue através do que Wordie descreve como os bairros de Macau “aparentemente semelhantes, mas na verdade muito diversificados”. Cada um desses bairros tem, segundo o autor, uma personalidade distinta que “toma tempo e persistência para conhecer e apreciar”.

Wordie documenta de forma detalhada o núcleo histórico incluído na lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO. Mas também chama a atenção de locais e visitantes para relíquias históricas nas “traseiras” da cidade, ou seja, fora da rota turística habitual, como a Ilha Verde e o Fai Chi Kei, a Areia Preta ou a Avenida de Horta e Costa. As ilhas da Taipa e de Coloane são tratadas em secções distintas. O autor, todavia e intencionalmente, exclui a área dos aterros, entre o Casino Lisboa e o Terminal Marítimo, desde o ZAPE ao NAPE, assim como a faixa do Cotai. Estas áreas são descritas na nota de autor como zonas “anónimas e hostis para peões”, lugar de “casinos e complexos de apartamentos de má qualidade com pouco interesse histórico ou cultural”.

Macao People and Places, Past and Present acrescenta narrativas e testemunhos de viajantes e figuras de relevo, cujas passagens por Macau deixou um rasto de histórias e de memórias. O preâmbulo, por exemplo, é da autoria de Irene Smirnoff Garfinkle, filha do pintor russo George Smirnoff, cuja família viveu refugiada em Macau durante a ocupação de Hong Kong na Segunda Guerra Mundial. Irene descreve os dias vividos em Macau, no Pátio das Seis Casas, em São Lourenço, como “tempos felizes” e Wordie descreve no seu livro as ruas, pátios e becos percorridos por Irene décadas antes. Irene escreve que: “O mais surpreendente para mim foi que eu andei, corri, saltei em muitas daquelas ruas que ele [Jason Wordie] descreve nestas páginas (...) e de alguma forma ele conhece essas ruas melhor do que eu alguma vez o consegui”.

MACAO PEOPLE AND PLACES, PAST AND PRESENT
JASON WORDIE, COM FOTOGRAFIAS DE ANTHONY J. HEDLEY E COLIN DAY
ANGSANA LTD
485 PÁGINAS
MOP 400



Prisioneiros do Império Celeste: O desastre da primeira embaixada portuguesa na China (1517-1524)

Pascale Girard e João Viegas Chandeigne, 2014

Esta obra, em língua francesa, reúne pela primeira vez fontes ocidentais e chinesas para traçar a história da presença portuguesa na China. A primeira embaixada dos portugueses na China vem na sequência da sua conquista de Malaca, em Agosto de 1511, e da sua entrada nas redes de comércio de Insulíndia. O dossiê documental convida a reflectir sobre a memória deste primeiro contacto, tanto a partir do ponto de vista dos portugueses como do dos chineses.



Laranja-da-China: Contos de Antônio de Alcântara Machado traduzidos para chinês

Organização de Márcia Schmaltz, Raquel Abi-Sâmara e Carlos Gohn
Universidade de Macau, 2014

Esta colectânea de breves narrativas oferece um retrato histórico e literário de uma metrópole em formação. O modernista brasileiro Alcântara Machado atinge nesta obra sua maturidade na representação de personagens urbanos. São histórias que apresentam o quotidiano da São Paulo dos anos 1920, que agora chegam às mãos do público chinês em duas versões bilingues – uma com chinês tradicional e outra com simplificado.



Poemas de Tao Yuanming

Manuel Afonso Costa
Livros do Meio/ Instituto Cultural, 2013

São mais de 60 poemas de um dos principais poetas chineses, Tao Yuanming, traduzidos para português por Manuel Afonso

Costa. Nesta edição bilingue, consta também o poema *A fonte dos pescadores em flor*, que é estudado nas escolas na China e retrata uma espécie de utopia, uma terra sem guerra, violência ou fome, mas que não se sabe onde fica.



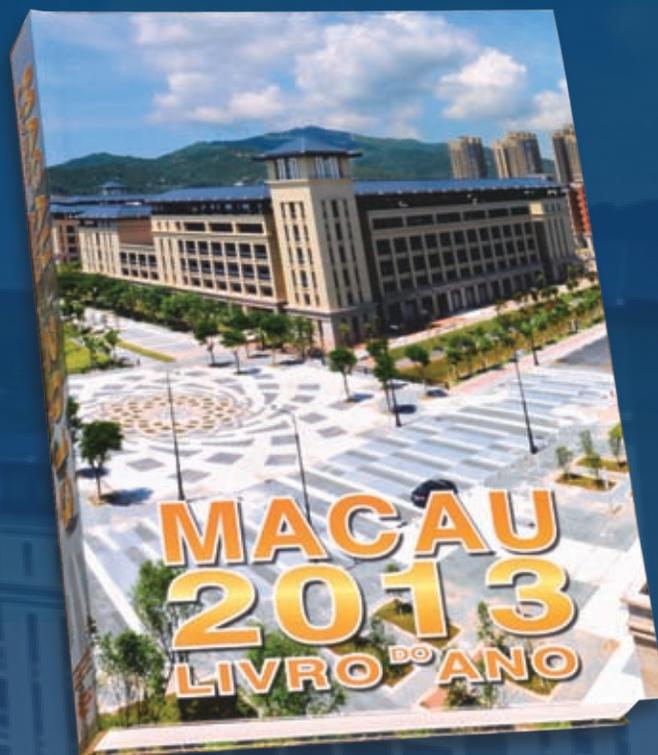
CAMPO DESPORTIVO DO TAP SEAC 1940



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

NO CORAÇÃO da freguesia de São Lázaro existia um campo desportivo construído no início do século XX, onde o hóquei em campo e o futebol eram reis. Ponto de encontro de estudantes e membros da comunidade local, o campo desportivo do Tap Seac – ou Torre de Pedra, na sua tradução em português -, deu lu-

gar, em 2007, à maior praça da região. As obras de reabilitação do Bairro de S. Lázaro incluíram a repavimentação do campo com calçada portuguesa, numa obra concebida pelos arquitectos Carlos Marreiros e José Maneiras e pelo engenheiro Chui Sai Peng. As casas do Tap Seac, datadas de 1903, com as suas características neoclássicas, estão inseridas na lista de Património da UNESCO.



MACAU 2013

LIVRO DO ANO



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2013 – Livro do Ano**, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2013 – Livro do Ano** é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

O **MACAU 2013 – Livro do Ano**, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.

集郵訂購 2015

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA
PHILATELIC SUBSCRIPTION



Location for Subscription
All Post Offices



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau



Tel: (853) 2832 9490, (853) 2857 4491

Fax: (853) 8396 8603, (853) 2833 6603

E-mail: philately@macaupost.gov.mo

Website: www.macaupost.gov.mo



齊心齊意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios